M 2013

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

# BANRESES
# UMA RURALIDADE ABANDONADA

## Da identidade do lugar à memória da ruína

Luis Francisco Ribeiro Choupina Teixeira
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA**
**À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM**
Arquitetura

Orientador: Professor Doutor Francisco José Barata Fernandes
Co-orientador(a): Professora Arquiteta Maria Sofia Teixeira Gomes Santos

# BANRESES
# UMA RURALIDADE ABANDONADA

Da identidade do lugar à memória da ruína

Luis Francisco Ribeiro Choupina Teixeira

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM 2013**

# AGRADECIMENTOS

Antes de mais e sobretudo,

aos meus pais por todo o apoio que me deram, sem eles nada disto seria possível.

Pela generosidade e orientação,

do Prof. Francisco Barata e da Prof.ª Maria Sofia Santos

E por último, a minha gratidão,

as pessoas que me ajudaram na elaboração desta dissertação, amigos e anónimos

Esta dissertação será redigida conforme o Acordo Ortográfico de 2011

# RESUMO

Banreses é o objeto de estudo deste trabalho e de uma análise que se estende pela leitura do território do qual depende e com o qual está intimamente relacionado. Deste modo, procuramos entendê-lo enquanto um lugar no território.

O trabalho estrutura-se em três capítulos que se pretendem repartidos, procurando interligar através de um processo contínuo, na busca sobre o lugar, através da forma, da memória e da identidade, ressaltando aspetos que dizem respeito ao campo da arquitetura.

Assim, no primeiro momento faz-se um enquadramento do objeto de estudo no espaço e no tempo, pela investigação no contexto histórico e no contexto geográfico. No que respeita à Arquitetura, iremos fazer uma leitura através da análise/caraterização da paisagem e das formas edificadas dos vários aglomerados da aldeia. Este entendimento morfológico, tipológico e construtivo, servirá de apoio para a compreensão do lugar.

Salvaguardada a devida importância da caraterização do lugar, procuramos no segundo momento, fazer uma reflexão sobre a mesma. Numa busca da identidade do lugar, iremos descobrir memórias que são revalorizadas na imagem pictórica da ruína. Esta reflexão clarificará o entendimento sobre a aldeia. O entendimento sobre a aldeia e servirá de apoio a um projeto de intervenção que se pretende peculiar e específico.

No terceiro momento, introduz-se a problemática da intervenção. A estratégia passou pela definição de princípios de intervenção ao qual se representa, uma intenção projetual. O projeto será retratado através de vários acontecimentos que o definem e transmitem os princípios da intervenção. Este deve procurar uma ligação das diferentes partes que a constituem, reforçando simultaneamente a importância do lugar, numa proposta que contribui para a construção de uma ideia.

# ABSTRACT

The village of Banreses is the object of study of this work that includes an analysis reading the territory on which Banreses depends and with which it is closely related. Thus, we seek to understand this village as a place inserted in a specific portion of the territory.

The work is divided into three chapters that are to be shared, trying to link them using a continuous process in the search for the place by way of memory and identity, highlighting aspects that relate to the field of architecture.

In the first moment, it is defined the framework of the object of study in space and time, through investigation of historical and geographical contexts. As regards the architecture, we take an insight across the landscape and the characterization of various agglomerates built in the village. This morphological, typological and constructive study will support the understanding of the place.

Having done a proper characterization of the place, we try on a moment to reflect on it. In a search for identity we find memories that are revalued on pictorial image of ruin. This reflection will clarify the understanding of the village and will support an intervention project that is to be peculiar and specific.

In the third phase, we introduce the issue of intervention. The strategy begins by defining the principles to which is added a practical intention to be portrayed through various events that define and convey the inherent principles. The project should look for a connection of the different parts that constitute it, while reinforcing the importance of place, a proposal that contributes to the construction of an idea.

# INDICE


## 00
## INTRODUÇÃO

Objeto
PÁGINA 11

Objetivo
PÁGINA 13

## 01
## CARATERIZAÇÃO DO LUGAR

BANRESES

*Na estrutura do território*
PÁGINA 21

*Génese, desenvolvimento e extinção*
PÁGINA 29

CARATERIZAÇÃO DO LUGAR
PÁGINA 33

*Implantação*
PÁGINA 39

*Forma do lugar*
PÁGINA 41

*Tipos e funções dos aglomerados*
PÁGINA 49

## 02
## REFLEXÕES SOBRE O LUGAR

UMA RURALIDADE ABANDONADA
PÁGINA 77

*A identidade do lugar*
PÁGINA 81

*A memória sobre o lugar*
PÁGINA 89

*A ruína e o lugar*
PÁGINA 93

DIÁLOGO ABERTO COM O LUGAR
PÁGINA 98

## 03
## UMA IDEIA PARA O LUGAR

PÁGINA 103

*Tema*
PÁGINA 105

*Lugar*
PÁGINA 105

*Estratégia*
PÁGINA 107

*Projeto*
PÁGINA 113

## 04
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

PÁGINA 135

# 00
# INTRODUÇÃO

## Objeto

O tema de trabalho centra-se no estudo da aldeia despovoada de Banreses, pertencente à região transmontana de Macedo de Cavaleiros.

Com a saída do último habitante nos anos sessenta, a presente aldeia perdeu as suas funções e vivências. Hoje em dia, apenas, é ocupada esporadicamente por pastores e agricultores que nela encontram um lugar de sustento. Na ida ao local, constatamos que mantém a estrutura do conjunto, uma simples rede viária e pequenos conjuntos edificados. Porém, as características das construções encontram-se em ruínas. Este processo de destruição e descaracterização é um problema no panorama da arquitetura vernácula em geral e em particular nesta região.

A escolha desta aldeia fundamenta-se em razões e afetos que se relacionam com memórias da minha infância e da minha adolescência, bem como com visitas mais recentes. Assiste-se ao abandono e esquecimento de um núcleo rural singular, com valor arquitetónico e paisagístico.

Pretende-se dar a conhecer uma aldeia que pode simbolizar o drama do abandono desta região e procuramos apresentar princípios para a sua recuperação.

## Objetivo

Os principais objetivos são o desenvolvimento de um estudo sobre Banreses, relativamente à sua estrutura rural, tipologias arquitetónicas e construtivas nela presentes permitindo, deste modo, a caraterização e divulgação da sua existência. Devido ao estado de conservação da estrutura, o trabalho tem ainda como objetivo a reflexão e recuperação, propondo um programa que vise reabilitar a aldeia.

A investigação será realizada com base numa contínua pesquisa, fundamentada com a experiência/vivência do lugar. Através da compreensão e da análise da aldeia, pretende-se aplicar uma estratégia de recuperação, com o objetivo de corresponder aos interesses da região. Antes de refletirmos sobre uma possível intervenção em Banreses, procuramos iniciar o estudo com uma análise para caraterização do lugar. Para Fernando Távora, *"é indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram, fossem elas condições da Terra, fossem elas condições do Homem, e se estudem os modos como os materiais se empregaram e satisfizeram as necessidades do momento"* [1]. Este excerto revela a necessidade do reconhecimento da arquitetura vernácula, com base na caraterização e no estado de conservação dos conjuntos edificados.

Para além do nosso interesse em salvaguardar e recuperar a aldeia de Banreses, existe um interesse público, por parte de vários habitantes da região de Macedo de Cavaleiros, e por parte de um promotor privado[2], em reabilitar pontos do concelho.

---

1 Luiz TRIGUEIROS, 1993 (org.); *Fernando Távora*. Blau, Lisboa; 1ª edição, p.13

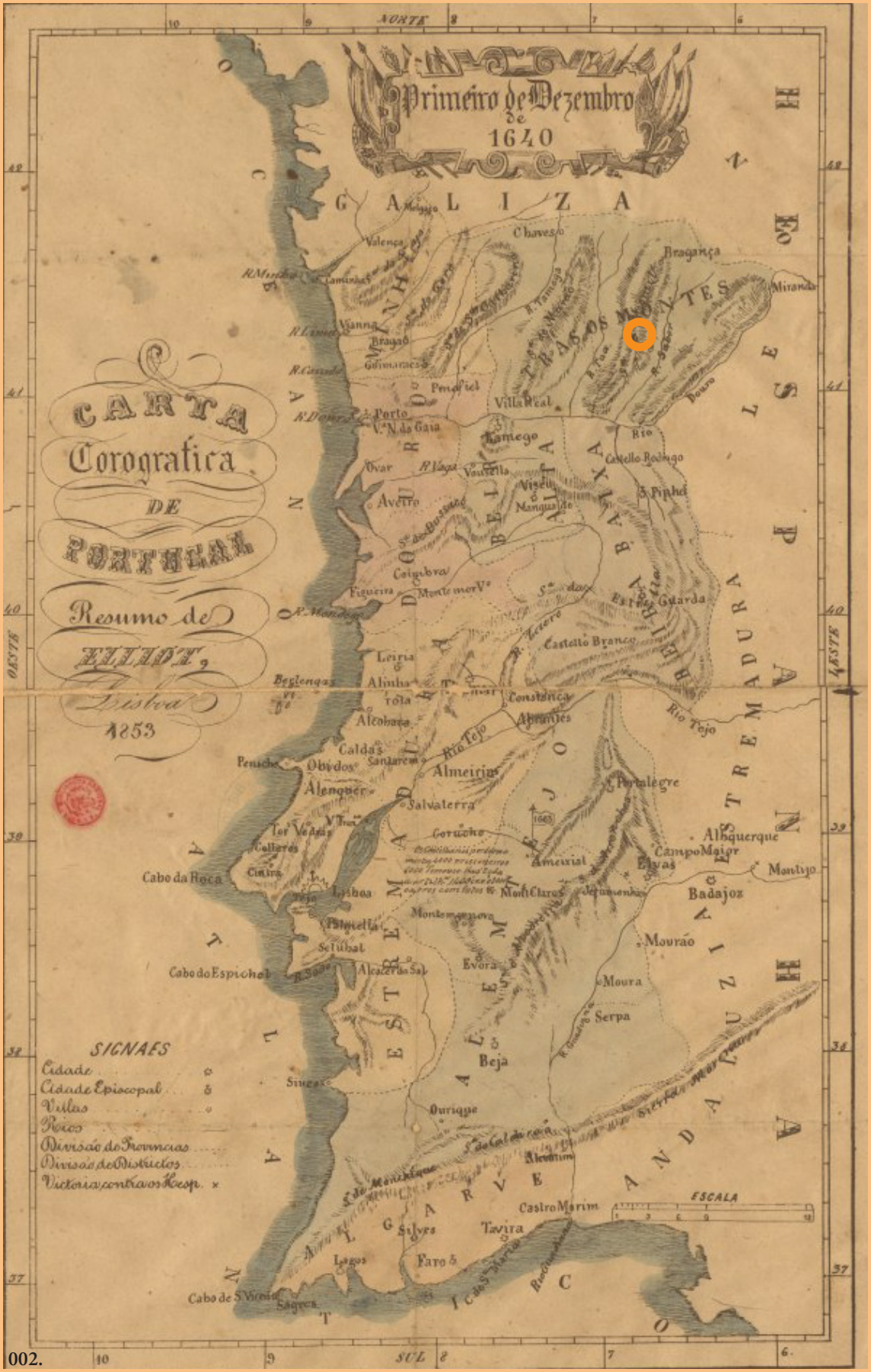
2 c.f. Houve um interesse demonstrado por uma empresa alemã, Tourismus[2] que pretendia a recuperação da Aldeia de Banreses e torná-la numa aldeia totalmente sustentável. O arquiteto convidado a participar no projeto foi o Arq. Adelino Ribeiro. Por falta de verbas, o projeto não seguiu adiante.

A partir de um diálogo com o arquitecto responsável, constatámos que o mesmo apenas terá ponderado as intenções da empresa cliente e que nunca terá avançado nem com um proejcto e nem com a obra que lhe estaria associada. Porém, consideramos importante refletir sobre estratégias que possam ajudar a inverter o processo de degradação e contribuir para uma futura intervenção por intermédio da empresa. Além deste diálogo, foi importante recolher depoimentos junto das pessoas que intervieram ou intervêm, direta ou indiretamente na aldeia, para um melhor entendimento de Banresese para uma melhor fundamentação do projeto proposto.

A estratégia passa por uma reflexão sobre a revalorização das construções da aldeia e sua integração na paisagem. Valorizar o nosso território abandonado significa resgatá-lo do passado para o presente, dotando-do de estruturas que permitam novas dinâmicas e desenvolvimento. A proposta visa contribuir para o desenvolvimento da região, cativando turismo controlado e motivando interesse público pelo lugar.



001.


Primeiro de Dezembro de 1640
CARTA Corografica DE PORTUGAL
Resumo de ELLIOT, Lisboa 1853
NORTE
SUL
OESTE
LESTE
GALIZA
TRAS OS MONTES
BEIRA ALTA
BEIRA BAIXA
ESTREMADURA
ALEMTEJO
ALGARVE
ANDALUZIA
HESPANHA
OCEANO ATLANTICO
Chaves
Bragança
Miranda
Vianna
Braga
Guimaraes
Penafiel
Villa Real
Porto
V.ª N. da Gaia
Lamego
Ovar
Aveiro
Viseu
Castello Rodrigo
Pinhel
Coimbra
Figueira
Montemor V.º
Guarda
Castello Branco
Leiria
Alcobaça
Constancia
Abrantes
Rio Tejo
Caldas
Santarem
Almeirim
Obidos
Alenquer
Salvaterra
Portalegre
Cabo da Roca
Lisboa
Cintra
Colleres
Ameixial
Elvas
Campo Maior
Badajoz
Montijo
Montemornovo
Setubal
Cabo do Espichel
Alcacer do Sal
Evora
Mourão
Moura
Serpa
Beja
Ourique
Castro Marim
Tavira
Silves
Faro
Lagos
Sagres
Cabo de S. Vicente
SIGNAES
Cidade
Cidade Episcopal
Villas
Rios
Divisão de Provincias
Divisão de Districtos
Victoria contra os Hesp.
ESCALA

002.

# 01
# CARATERIZAÇÃO DO LUGAR

## BANRESES

### NA ESTRUTURA DO TERRITÓRIO

*"Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos"* [3]

Para melhor entendermos Banreses, é necessário dar a conhecer o espaço físico em que se insere e compreender de que forma se relaciona com o meio. Nesse sentido, pretendemos contextualizar o lugar: uma estrutura física localizada numa macro estrutura. Torna-se importante reconhecer alguns aspetos do lugar, sejam estes morfológicos, históricos ou culturais. Queremos, deste modo, conhecer um lugar abandonado, inexistente para muitos, mas presente na realidade, no tempo e na memória de outros. É a partir da sua compreensão que justificaremos a pertinência de uma recuperação de Banreses.

Sobre o lugar de Banreses pouca documentação, gráfica e escrita, existe. Tal facto justifica, no âmbito de uma Tese de Dissertação de Mestrado, o seu resgate para o conhecimento público e o seu uso como base para pensar determinados problemas disciplinar

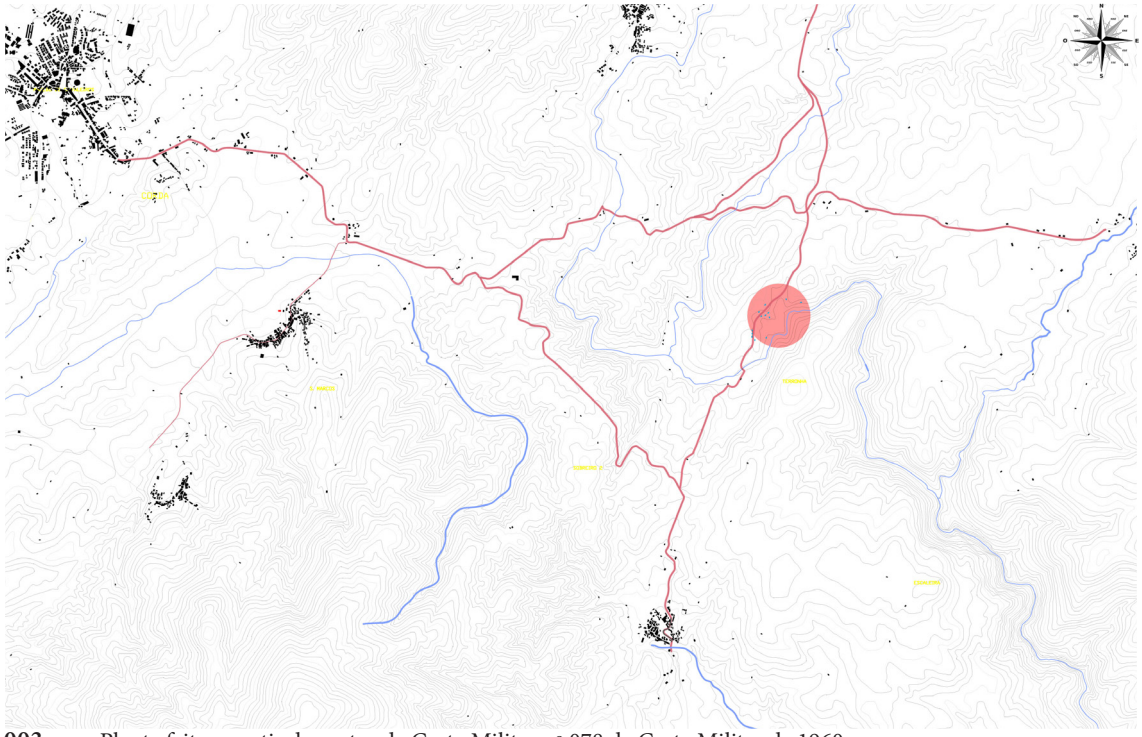
Toma-se como exemplo metodológico o Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa iniciado nos anos sessenta. O inquérito divide-se em seis zonas distintas, correspondendo Banreses à "zona 2, Trás-os-Montes e o Alto Douro" [5]. A análise feita "*teve de se revestir num cunho quase esquemático*" [6] e englobou aldeias localizadas no limite fronteiriço desenhado pelo rio Douro.

---

[3] Miguel TORGA, *Um Reino Maravilhoso* in "Tras-os-Montes e Alto Douro", III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Este pequeno excerto de Miguel Torga descreve em poucas palavras o que é Trás-os-Montes. Na sua obra tivera sempre uma afinidade com a sua terra natal. A impossibilidade de alcance, torna o desejo ainda maior.

[5] João LEAL, 2000, *"Etnografias Portuguesas: Cultura Popular e Identidade Nacional"*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, p.170

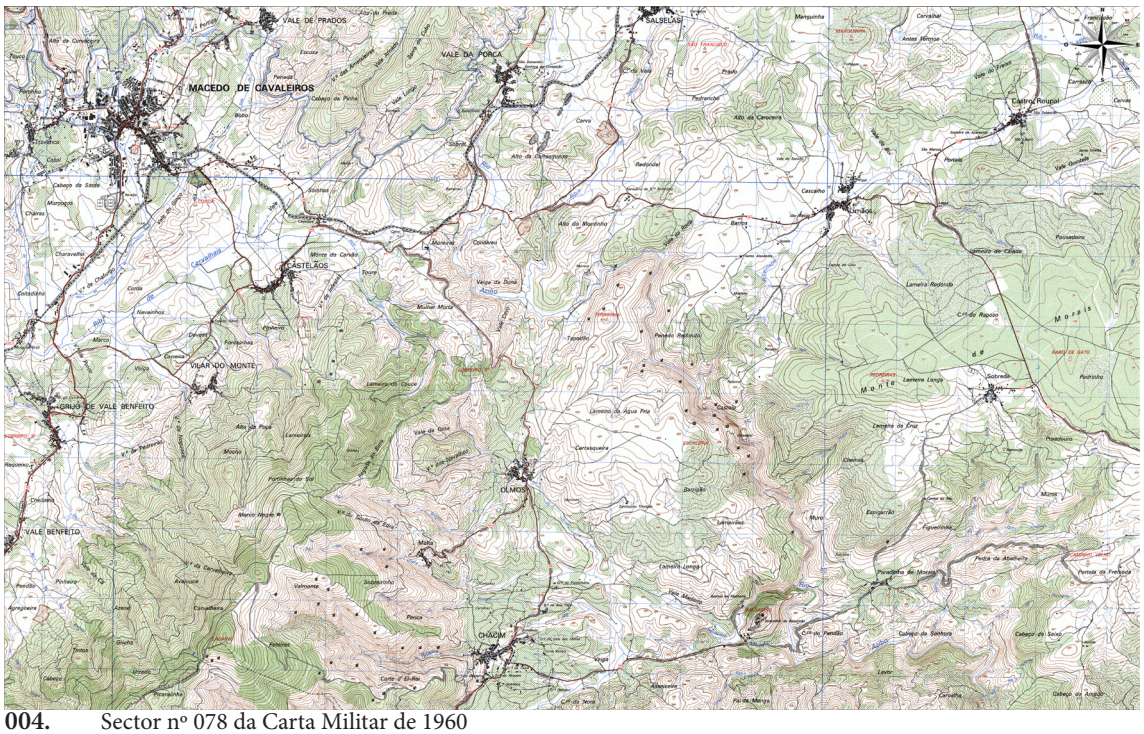
[6] Associação dos Arquitectos PORTUGUESES, 1988, "*Arquitectura popular em Portugal*", Lisboa, vol.2, p. 126



**003.** Planta feita a partir do sector da Carta Militar nº 078 da Carta Militar de 1960

Legenda:

estradas
rios
Banreses




**004.** Sector nº 078 da Carta Militar de 1960

A compreensão do espaço físico da aldeia partirá de leituras do território a escalas distintas. Banreses é uma aldeia inserida em Trás-os-Montes, terras de Macedo de Cavaleiros. Este concelho *"integra-se … numa área invejável pela sua riqueza em valores paisagísticos e faunísticos assim como pela existência de uma atividade humana que ainda subsiste em equilíbrio com estes recursos"*[7] importantes para a integração de Banreses no meio. A paisagem humana local, imposta pela rigidez da natureza, define as caraterísticas do lugar através das montanhas e da formação dos seus rios. Estes dois elementos: montanhas e rios caraterizam o território e são fundamentais para a compreensão da leitura da aldeia.

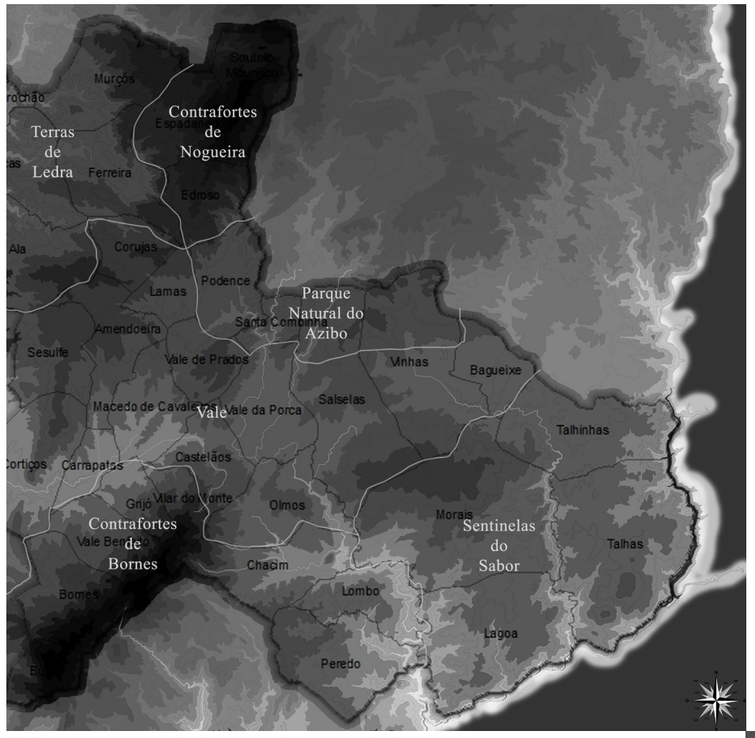
Os vários povoados formaram-se consoante as necesidades humanas e os recursos de cada lugar. No sector nº 078 pertencente à Carta Militar de 1960, a estrutura de Banreses surge como pouco percetível, devido ao reduzido número de fogos. O núcleo rural enquadra-se num território disperso.

As vias de comunicação tornam-se nas principais artérias de dispersão, gradual e crescente à medida que nos afastamos da capital do concelho. Assim, entendemos que existe um compromisso entre as formas do território, o sistema atual e e passado de vias comunicantes e o modo de assentamento dos povoados.

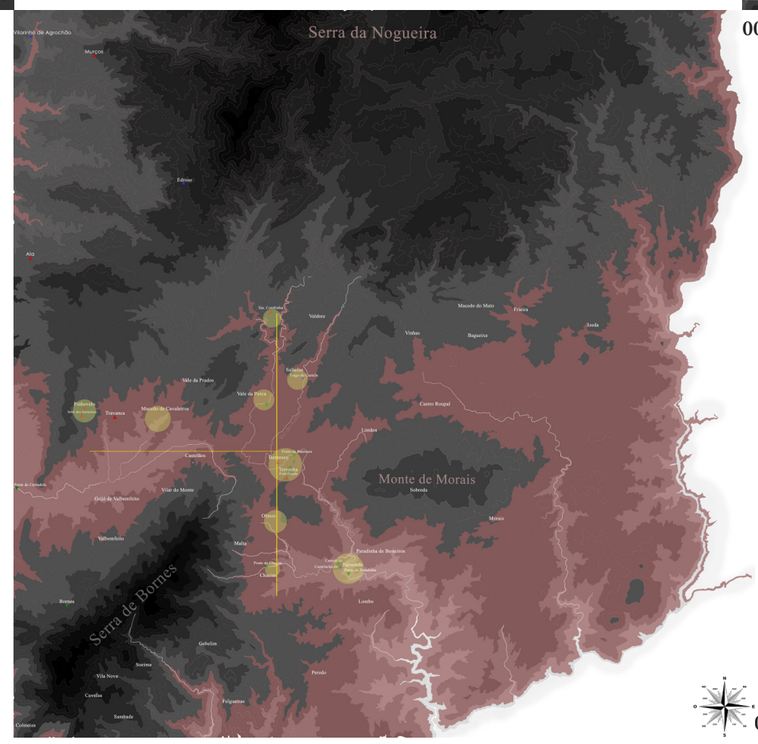
O concelho de Macedo de Cavaleiros, pertencente à região transmontana, encontra-se dividivo em seis partes. O enquadramento da nossa aldeia localiza-se no Parque Natural do Azibo. O rio do Azibo nasce na serra da Nogueira, tem uma leitura na orientação norte-sul. A relação de Banreses com o rio é direta, sendo este elemento importante para a configuração da aldeia.

As linhas de festo evidenciam um território marcado a norte pela Serra da Nogueira, a sudoeste pela serra de Bornes e o Monte de Morais a nascente. Banreses, fica numa depressão topográfica, a baixa cota, na margem do rio Azibo. O seu posicionamento encontra-se na interseção de dois encanamentos visuais - eixo norte/sul e eixo nascente/

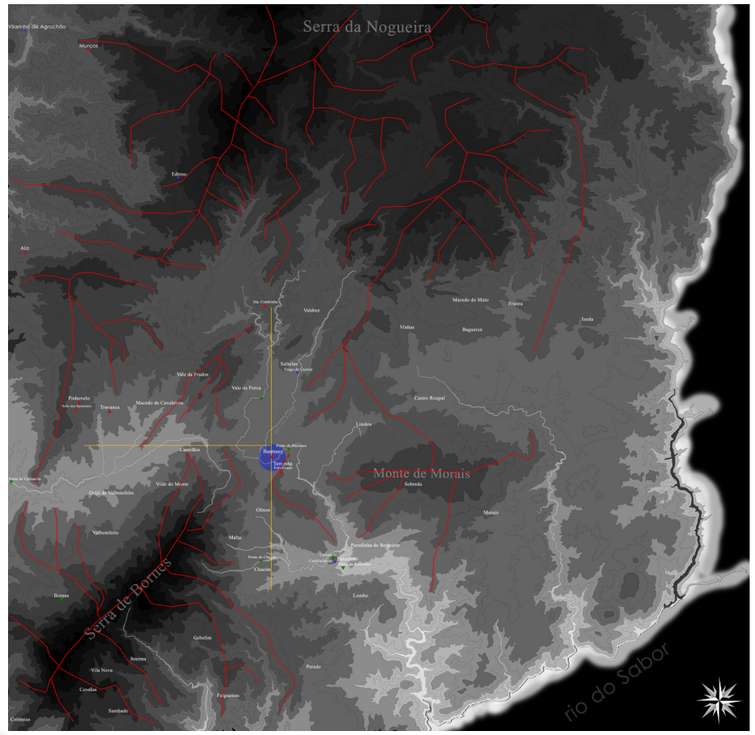
[7] Carlos Alberto Santos MENDES, 2005, "*Macedo De Cavaleiros – Cultura, Património e Turismo",* Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, p. 140




**005.** Freguesias do Concelho de Macedo de Cavaleiros




**007.** Depressão topográfica. Encanamentos visuais. Aldeia adjacentes




**006.** Análise topográfica do território envolvente a Bnareses.

Legenda:

- linhas de festo
- eixos visuais
- Banreses
- aldeias adjacentes
- depressão topográfica

poente. Os restantes povoados associados a estes encanamentos visuais estão assentes na depressão topográfica ao longo do rio e ajudam a desenhar esta espécie de T orientado segundo os eixos referimos.

A compreensão dos povoados adjacentes permite-nos ter uma melhor leitura sobre o núcleo de Banreses no seu espaço e tempo. Na região do Parque Natural, são várias as aldeias que aí se desenvolveram, como por exemplo Salselas, Santa Combinha, Limãos, Vale da Porca e Vale dos Prados. Numa recolha de informação sobre esta envolvente, apercebemo-nos da sua importância no tempo.

Sendo assim, queremos dar a conhecer algumas referências sobre esta região, principalmente alguns factos sobre as aldeias mais próximas. No património edificado em Salselas, encontramos a sua Igreja Matriz datada de 1727, com pinturas e uma talha retabular da época barroca [8] e "*um forno de tipologia romana*" [9] na saída da aldeia, junto à antiga linha ferroviária do Tua. Na aldeia Vale de Prados, apresenta-se um monumento nacional, o seu Pelourinho, datado do século XVII [10]. E por fim, Vale da Porca deparamo--nos com a Igreja Matriz, datada do século XVII.

A sul da aldeia Vale da Porca, *"encontramos o santuário de Santo Ambrósio, com igreja e capela … , sendo um dos principais pontos de culto e peregrinação de todo o nordeste"* [11] português. É aqui, na freguesia de Vale da Porca, que surge outro ponto de interesse, a *"extinta localidade de Banreses",* onde se localiza uma ponte, eventualmente românica, e os seus moinhos de água. Há uma proximidade física entre o santuário e a aldeia de Banreses. Importa referir que junto ao santuário, neste século, foi descoberta uma mamoa pertencente à Idade do Bronze, "*o único monumento megalítico referenciado para o Concelho de Macedo de Cavaleiros*" [12]. Desta forma, concluímos que a história de Banreses pertence a uma realidade maior, ou seja, estas aldeias comunicam entre si, fazem parte de um todo e são formas de vida e de existência humana. Estas sustentam-se da terra, como é o caso

8 Carlos de Alberto Santos MENDES, 2005, (op.cit.), CMMC, p.123

9 *Idem*, p.124

10 *Idem*, p.127

11 *Idem*, p. 126

12 Helder Alexandre CARVALHO, 2005, *"Mamoa de Santo Ambrósio"*, Cadernos "Terras Quente", vol.2, CMMC, pág. 1




**009.** Foto aérea. Aproximação à aldeia de Banreses

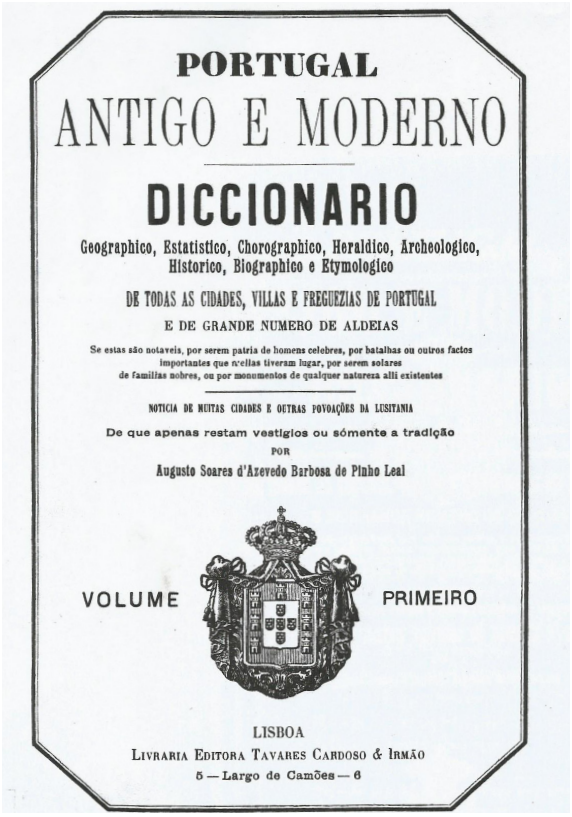
dos fornos e dos moinhos de água. Cada uma destas construções fez parte de um passado, onde o pão moído na mó e a cal produzida no moinho faziam parte destas comunidades.

Assim, observamos Banreses inserida num lugar onde a paisagem e a sua história são um ponto de atração desta região. Um espaço rural desenha uma realidade de outrora: a vida de uma pequena população, sustentada pelas suas terras. É mais um núcleo rural, dos muitos núcleos, presentes nas terras de Macedo de Cavaleiros. Mas porquê este interesse peculiar, se há tantos outros? Segundo o Arquiteto Fernando Távora em 1947, "*O estudo da Arquitectura portuguesa, ou da construção em Portugal, não está feito. Alguns arqueólogos escreveram e trataram já das nossas casas, mas do que deles conhecemos, nenhum deu sentido actual ao seu estudo.*" [13]. Este estudo permite conhecer e contribuir com mais um exemplar para a Arquitetura vernácula portuguesa. A aldeia faz parte de uma história, de um contexto e de uma morfologia que deu um caráter e uma identidade própria ao lugar. A identidade do lugar é o fator principal para a compreensão da aldeia.



**008.** Santuário de Santo Ambrósio

13 Fernando TÁVORA, 1947, "*O Problema da Casa Portuguesa"* Lisboa, Cadernos de Arquitectura, pág. 11



PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram lugar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

De que apenas restam vestigios ou sómente a tradição

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

VOLUME PRIMEIRO

LISBOA

Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão

5 — Largo de Camões — 6

**010.| 011.** Dicionário



1152, confirmado por D. Affonso II em outubro de 1217.

Diz D. Affonso I que — «dá foral á villa do Banho, em terra de Lafões, pelo amor e bom affecto que tem a D. Fernão Pires, senhor de Alafões *et princeps curiæ regis*» (mordomo-mór).

**BANREZES** ou **BAUREZES** e **VALLE DA PORCA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chacim, 45 kilometros de Miranda, 463 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Em 1853, sendo supprimida a comarca e concelho de Chacim, se mudou para a comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, a que actualmente pertence.

O orago de Banrezes era S. Giraldo. O parocho era cura, apresentado pelo abbade de Castro Roupal, cuja abbadia era cabeça do titulo de Nossa Senhora da Assumpção, vulgó Nossa Senhora das Vinhas. O cura tinha o rendimento declarado.

O orago de Valle da Porca é S. Vicente martyr. O parocho (abbade) era apresentado pelas rainhas, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha Banrezes 12 fogos e Valle da Porca 60.

Situada nas margens do rio *Azibro*, junto ao monte Sobral, que lhe fica a O., e ao Outeiro da Fonte, que fica a E.

O abbade de Vinhas apresentava aqui o cura, ao qual dava 8$000 réis e 22 alqueires de trigo e centeio e dois almudes de vinho, por anno, além do pé d'altar.

É terra fertil.

Antigamente era Banrezes uma freguezia e Valle da Porca outra, mas, como Banrezes era muito pequena, foram annexadas, formando hoje só uma. (Vide Castro Roupal.)

**BARAÇAL** — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros a NO. da Guarda, 6 a NNE de Celorico,

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O bispo da Guarda apresentava o prior, que tinha de rendimento 130$000 réis.

Corre-lhe pelo Sul o Mondego, que rega, móe e cria peixe.

E' terra fertil.

Esta villa está hoje reduzida a aldeia.

Nunca teve foral.

**BARAFEMEAS** — Vide Barafemes.

**BARÃO** e **BUDENS** — (antigamente *Barão de S. João*) freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Villa do Bispo, 65 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos (a freguezia de Barão).

Orago S. João Baptista.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em um alto, mas nada se descobre d'outras povoações, por causa dos montes que lhe ficam superiores.

O bispo do Algarve apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 40 alqueires de cevada.

N'esta freguezia ha um só poço de agua potavel.

Na serra proxima ha grandes mattos, onde se criam porcos bravos, muita caça e grande numero de colmeias. Muito trigo e cevada; do mais mediania. É terra saudavel.

(Vide Bude e Budens.)

(N. B. Só aqui descrevo o que pertence a Barão, quando por si só formava freguezia. O que pertence a Budens vae no logar competente.)

**BARÃO DE S. JOÃO** — freguezia, Algarve, concelho e 6 kilometros o NNO. de Lagos.

Situada em campina que no inverno se torna sapal. Fertil.

Cria colmeias, tem lenha e carvão. Caça em grande abundancia na serra de Espinhaço de Cão, que lhe fica junta, ao N.

## BANRESES

### GÉNESE, DESENVOLVIMENTO E EXTINÇÃO

A precisão da génese de Banreses torna-se, pela falta de documentação escrita e arqueológica, numa tarefa quase impossível. Neste sentido, poderemos apenas enunciar mediante a sua conjuntura histórica e disposição territorial algumas reflexões pontuais, de certa forma especulativas, no que respeita à sua formação e evolução que possam definir uma caraterização cronológica e cultural segura.

Comparada com as aldeias vizinhas pertencentes à sua envolvente próxima, Bnareses teve uma importância pouco significativa. Aparece-nos referida em alguns documentos como a "Corografia Portugueza" de 1706, *"onde 'Banrezes' surge como povoação detentora de 20 fogos, valor diminuído para 12 nas 'Memórias Paroquiais' de 1758 e de novo incrementado para 14 já no séc. XIX"*[14] . A primeira referência relativa à origem deste povoado remete-nos para o "*tempo faz inquirições de D.Afonso III (1258), Banreses existia como 'Parochia de Sancti Giralgj de Venresses'. Para atestar a antiguidade de uma povoação e dir-se-ía que Banreses só teria tido a sua génese após 1108, data da morte de Geraldo de Moissac*"[15]. Estes documentos comprovam a existência de um pequeno aglomerado constituído por uma minúscula população; provavelmente seriam famílias que coabitavam no mesmo terreno, cada qual com o seu espaço de produção e suas habitações. Nesta povoação fixada num vale transmontano sobre a envolvência do rio Azibo, para além das suas atividades agrícolas, a cultura do linho surgia com alguma importância, bem como as atividades de moagem e pesca [16].

Nos vários relatos e observações que fomos levando a cabo nas repetidas idas ao lugar comprovamos a existência de uma pequena atividade agro-pastoril e constatamos que algumas famílias ainda mantêm viva um pouco da memória da aldeia.

---

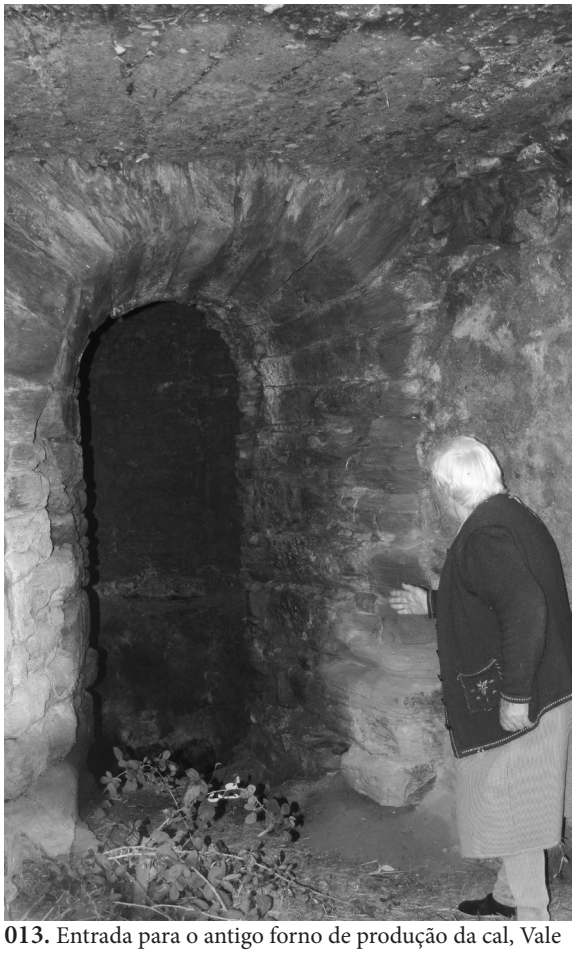
14 Rui SOUSA - Retirado de um folheto informativo intitulado *"Povoado extinto do concelho de Macedo de Cavalereiros - Notas sobre a História de Banreses"*

15 *Idem*

16 *c.f.* esta informação foi recolhida nos vários inquéritos feitos a antigos habitantes da aldeia



**012.** Espadela - ferramenta para desfiar do Linho, da Srº Maria Helena Cavalaria



**013.** Entrada para o antigo forno de produção da cal, Vale da Porca, com a sr. Maria Helena Cavalaria

É o caso da família dos Pinelas ou do Sr. António Alberto Rodrigues, que mantêm uma atividade agrícola em Banreses. Esta atividade transmitida de geração em geração comprova a ligação de um povo com a terra. Segundo os testemunhos, a aldeia estabelece uma relação peculiar com a sua terra. O clima e o rio Azibo são os fatores que determinam uma boa atividade agrícola. Os seus terrenos irrigados pela água do rio e o seu micro clima adquirido pela estruturação sobre um vale são fontes inesgotáveis de sustentação. Esta região de Vale da Porca é conhecida pela sua antiga produção de linho, *"Plínio já se refere à exportação do linho do Zelas para Itália"*[17]. Também em Banreses o linho fazia parte do costume das famílias, relato feito por uma antiga habitante, a senhora Maria Helena Cavalaria. O sustento do lugar também está ligado aos seus moinhos de água. Estes eram os únicos na área que cobriam as freguesias de Vale da Porca e Salselas, com produção de pão e de farinha para as aldeias vizinhas, que são aspetos de extrema importância para o desenvolvimento e reconhecimento da aldeia.

A reduzida densidade populacional não resistiu à erosão do tempo, o abandono deste lugar terminou em meados do século XX, com a fuga dos habitantes para as aldeias adjacentes, como por exemplo Vale da Porca ou Limãos. O fator inerente à extinção da aldeia, não é conhecido. Reza a lenda que existia um caixão comunitário que, depois de levar o corpo a sepultar, era lavado no leito do rio do Azibo. Terá havido uma propagação de uma bactéria que se alastrou nas terras de Banreses e que desencadeou uma peste[18]. Nunca saberemos da veracidade desta lenda mas, nas palavras de Marc Augé "*a memória e o esquecimento são solidários, ambos necessários ao pleno emprego do tempo*"[19]. Neste sentido queremos devolver ao lugar o que as memórias nos contam . O núcleo rural através da sua composição reflete essa memória esquecida no tempo, as ruínas são a forte expressão da sua extinção.

17 Carlos de Alberto Santos MENDES, 2005, *(op.cit.)* p.25

18 Esta informação foi recolhida nos vários inquéritos feitos a antigos habitantes da aldeia

19 Marc AUGÉ, 2001, "*As Formas do Esquecimento"*, Almada, Íman Edições, p.105

## BANRESES

### CARATERIZAÇÃO DO LUGAR

Neste sub-capítulo, após uma breve análise da macro estrutura em relação ao caso de estudo selecionado, vamos abordar o aglomerado na sua totalidade: as características que motivaram a implantação e a construção. Para realizarmos esta caracterização, foi necessária uma leitura no terreno; um levantamento dos vários aglomerados existentes e uma reflexão sobre a estrutura rural a partir do contato direto com pessoas que fizeram parte dessa comunidade. Para tal elaboramos um inquérito a antigos habitantes da aldeia. Para esse efeito, apresentaremos vários desenhos das estruturas com uma descrição e reflexão em torno das suas tipologias. Tais considerações serão também irrigadas por entrevistas realizadas a pessoas residentes na envolvente próxima.

Na primeira ida ao terreno, confrontámo-nos com uma realidade diferente do esperado: um vasto território entre montanhas, planaltos, rios e vales, enriquecido pela sua diversidade e variedade. Uma identidade única desenvolvida ao longo de séculos, efeito produzido pelas memórias gravadas na terra. É de salientar o contributo que este estudo dá à compreensão e reconhecimento da construção vernácula transmontana.

Importa refletir sobre modificações e incidentes que terão ocorrido num determinado espaço de tempo e que fizeram com que o presente seja tão distante de um passado relativamente próximo. Por este e outros motivos, houve por parte da sociedade uma preocupação em garantir testemunhos que ainda há pouco tempo eram o espelho do seu modo de vida ou que remetem para a memória de uma identidade cultural, como é o caso da Arquitetura vernácula [20].

[20] Paulo PEIXOTO, *"A questão social no novo milénio. O desaparecimento do mundo rural"*, Setembro 2004

Para uma melhor análise da aldeia tornou-se necessária uma compreensão do território próximo e distante. Partimos agora para uma leitura da aldeia propriamente dita, com base no testemunho direto de antigos habitantes e de um contato real com todas as estruturas rurais existentes. Sem dúvida, que o conhecimento e os testemunhos da população ajudaram-nos na compreensão deste lugar, uma vez que não há registos documentais que caracterizem a aldeia de Banreses.

Partiremos para esta caraterização, utilizando uma abordagem pessoal que refletirá as primeiras impressões feitas à aldeia de Banreses. Será a partir dos desenhos e do levantamento fotográfico que se realizará uma análise a todas as estruturas e à sua relação com o terreno.



**014.** O caminho de acesso a aldeia




**015.** Sector nº 078 **da Carta Militar de 1960.** Aproximação a Banreses.

## BANRESES

### IMPLANTAÇÃO

O ponto de referência para a chegada à aldeia é o santuário de Stº. Ambrósio, um pequeno parque de oração e de reflexão, que se destaca por um bom arranjo do espaço público em torno. Na aproximação ao santuário, através das indicações dadas, procuramos o caminho que liga à aldeia de Banreses. Numa distância de aproximadamente 750 metros, o percurso é feito em terra 'batida', num serpentear entre pequenos montes, descendo até ao vale. Ao longo deste percurso, vai-se verificando um aumento da temperatura e uma densificação da vegetação, que nos aconchega.  Depois, veio a surpresa da chegada com a visualização do primeiro aglomerado rural, praticamente intacto.

Situada entre o monte da Terronha e o alto do Montinho, Banreses encontra-se implantada no vale a sudeste do alto do Montinho e a noroeste do monte da Terronha, estrategicamente posicionada no curso do rio Azibo. O povoado adapta-se à morfologia ondulante do terreno, variável entre 550 e 530 metros de altitude, numa posição resguardada relativamente a ventos, expondo-se à insolação vinda de sul e poente. Esta posição rebaixada, relativamente à envolvente, confere-lhe uma sensação de proteção e um isolamento em relação aos restantes dos povoados, porém tem um posicionamento geográfico entre os povoados a sul (Olmos, Chacim) e os povoados a norte (Limãos, Vale da Porca e Salselas). Os fatores que determinaram possivelmente o assentamento de Banreses prendem-se com condicionantes geográficas, climatéricas e hidrográficas, necessárias para a atividade agro-pastoril e para a subsistência das populações em ambientes agrestes.

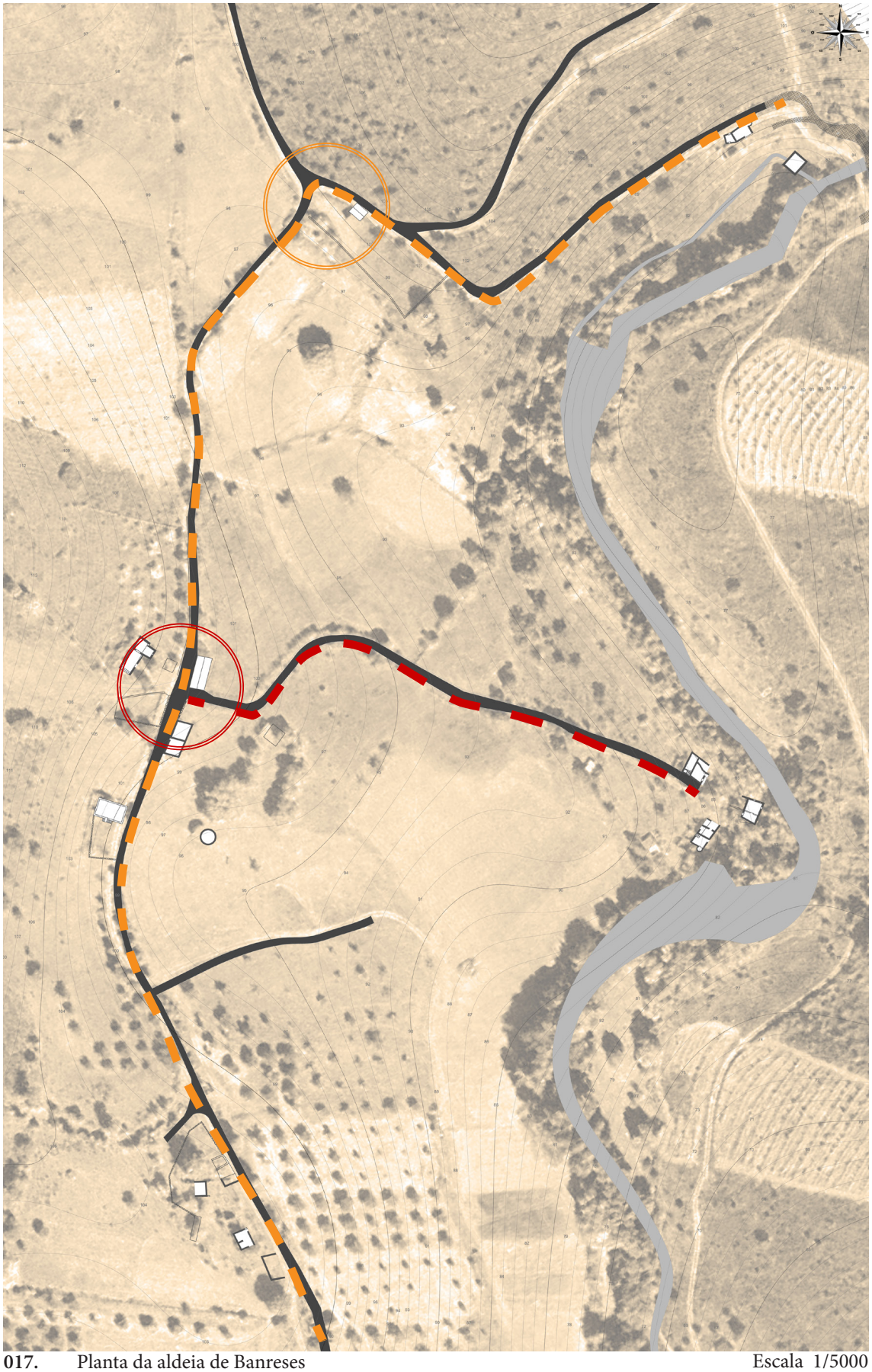


**016.** Foto aérea com a marcação de Banreses.

A implantação de Banreses tem uma leitura atenta do território por parte do homem que confere ao aglomerado um conjunto de escolhas estratégicas. A sua posição afirma, por um lado, a proximidade aos principais recursos hídricos, pastagens e matéria-prima e por outro, liberta os terrenos aráveis, ocupando os terrenos intermédios [21]onde o assentamento do edificado seria mais propício. Este assentamento realiza-se à meia-cota do terreno e complementa-se com percursos que ligam Banreses aos diferentes núcleos da aldeia. Estes percursos foram traçados à meia-cota do terreno, à exceção de um caminho que executa a ligação da cota superior de implantação do edificado a uma cota inferior do terreno na proximidade da linha de água.

A aldeia apresenta-se assim setorizada em duas zonas distintas; as zonas pastorícias que se encontram nas cotas superiores em relação aos percursos e as zonas agrícolas situadas no terreno entre os percursos e a linha de água do Azibo.

[21] *c.f.* Posição ocupada dos pequenos aglomerados está na linha entre a zona agrícola à cota baixa e zona pastoril à cota alta.



**017.** Planta da aldeia de Banreses Escala 1/5000

## BANRESES

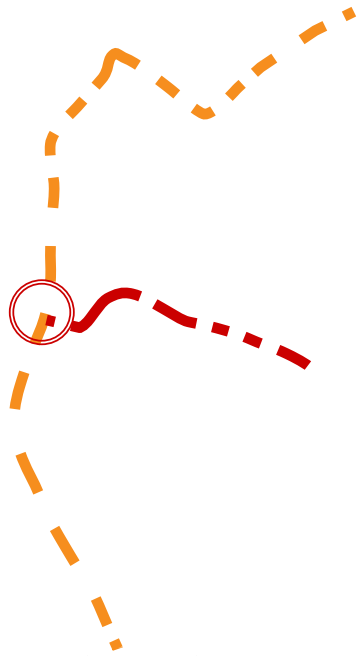
### FORMA DO LUGAR

As condições produtivas do terreno e as características morfológicas em que se implanta a aldeia, desempenham um papel importante no processo de organização e configuração formal e física do aglomerado. Um espaço condicionado pela apropriação humana do espaço, feito pelo desenho do parcelamento dos poucos núcleos familiares, ditou a forma do lugar. A estrutura do núcleo desenha-se com base em eixos e o desenvolvimento do assentamento acontece de modo linear.

A implantação de Banreses revela uma leitura atenta do território por parte do homem que se traduz num conjunto de estratégias: o seu posicionamento assegura, por um lado, a proximidade aos principais recursos hídricos, pastagens e matéria-prima e liberta os terrenos aráveis, ocupando os terrenos rochosos onde a prática destas atividades de subsistência seria irrealizável mas onde, simultaneamente, seria mais propício o assentamento do edificado que o compõe.

Determinado o lugar de assentamento, a estrutura da aldeia desenvolve-se a partir de dois eixos de circulação perpendiculares entre si cuja relação territorial é bastante distinta, estabelecendo assim o eixo principal e o eixo secundário. O delinear dos caminhos e a escolha da sua direcção teve por base um sentido prático e racional de passagem animal e humana. Estas duas 'artérias' de circulação intersetam-se num ponto, definindo por isso um T na sua estruturação. O eixo principal da aldeia define-se pela topografia do terreno e pela interseção de outros percursos.

O caminho que acede até à ponte é a continuidade do eixo principal, porém necessitou contornar um monte para poder facilitar o acesso ao conjunto, mantendo-se assim a uma cota estável.




**018.** Esquema dos eixos e dos centros



**019.** A linha de água do rio Azibo



**020.** O caminho secundário em direção ao rio Azibo

O percurso principal de orientação norte-sul acompanha claramente as curvas de nível da encosta, o seu trajeto faz a ligação da fonte que é o ponto inicial e desenvolve-se até ao fim da aldeia. Curiosamente, este caminho aparenta ser a estrutura da aldeia, sendo o eixo de charneira da cota alta à cota baixa. Em simultâneo, a disposição das construções, ao longo do caminho, tornam-no num importante eixo de ligação.

O eixo secundário de orientação oeste-este está disposto sobre uma linha de festo, cuja topografia conduz o seu trajeto desde os 545 aos 525m, iniciando-se no cruzamento do eixo principal até ao leito do rio Azibo. O caminho percorre e estabelece ligações com os terrenos agrícolas, o que reforça, de certa forma, a importância desta infraestrutura na vida do povoado.

A interseção destes dois eixos marca o pólo da aldeia. Este centro é constituído pela Igreja e dois currais. A implantação da igreja é feita numa cota mais elevada (550 m), em conformidade com os outros aglomerados, reforçando deste modo, a sua importância como um ponto de referencia para a aldeia. Neste sentido, a marcação da Igreja remete-nos para um pólo medieval, ou seja, este centro poder-se-á ter desenvolvido posteriormente ao ponto pólo romano.

A oeste da Igreja, estão implementados dois currais e entre eles abre-se o caminho em direção ao rio Azibo, fazendo a ligação da cota alta à cota baixa da aldeia. No final deste caminho, encontramos mais três aglomerados: um moinho e mais duas antigas habitações, uma com o lagar para o vinho e outra com o forno para o pão. Este ponto da aldeia, encontra-se do mesmo modo que o extremo norte, isolado do resto do espaço rural. Nota-se que esta parcela de terreno era ocupada por duas famílias, já que o moinho seria composto por dois moleiros [22]. Cada família tinha a sua habitação, e ambas trabalhavam na produção do pão e no sustento dos seus membros.

[22] *c.f.* Este testemunho foi adquirido na conversação com um ex-habitante, o sr. Antonio Alberto Rodrigues



**021.** Planta atual da aldeia escala 1/5000

Na continuidade do principal caminho, de orientação norte-sul, se percorrermos na direção sul, depois de passar o centro da aldeia, iremos encontrar um núcleo composto por vários aglomerados em ruínas, sendo percetível a existência de dois edificados que constituem um complexo composto por currais e celeiros. Verifica-se que este é murado, e no seu interior seriam realizadas todas as atividades agrícolas e pastoris de uma família. A configuração formal e funcional deste espaço relembra os primitivos vestíbulos que antecediam as entradas das construções e que surgiram como resposta à necessidade de proteção e de transição interior/exterior. A sua implantação localiza-se numa zona menos acentuada em relação à sua envolvente.

A simplicidade desta aldeia é a característica proeminente do lugar. O espaço de circulação é a linha que estrutura a forma do lugar. Se observarmos atentamente o desenho em planta, para além da configuração em T dos caminhos, a continuidade dos eixos permite visualizar uma forma quase oval. A topografia do lugar permitiu o desenho de uma elipse sobre as curvas de nível, sendo o rio o eixo mediano da elipse. O caminho secundário desenha o eixo menor da elipse e o caminho principal é metade da mesma elipse. Os aglomerados posicionam-se ao longo da metade da elipse. O caminho secundário faz a ligação do centro da aldeia ao espaço composto pelo moinho e suas habitações, desenhando assim, uma mediatriz e permitindo o acesso da meia cota à cota baixa, junto ao leito do rio Azibo. As zonas agrícolas encontram-se entre o rio e os eixos de circulação da aldeia. É ainda possível verificar atualmente um pouco dessa atividade agrícola. Existe, a sul da aldeia, uma plantação de oliveiras e a norte junto à fonte, um pequeno terreno cultivado. No passado, Banreses era uma aldeia onde a atividade agrícola imperava em toda a sua extensão.

Banreses é um embrião de povoado, caraterizado por uma estrutura muito simples. Compará-lo a outros povoados com igual grau de desenvolvimento e de complexidade, pertencentes a uma área comum do território, poderia revestir-se de interesse..

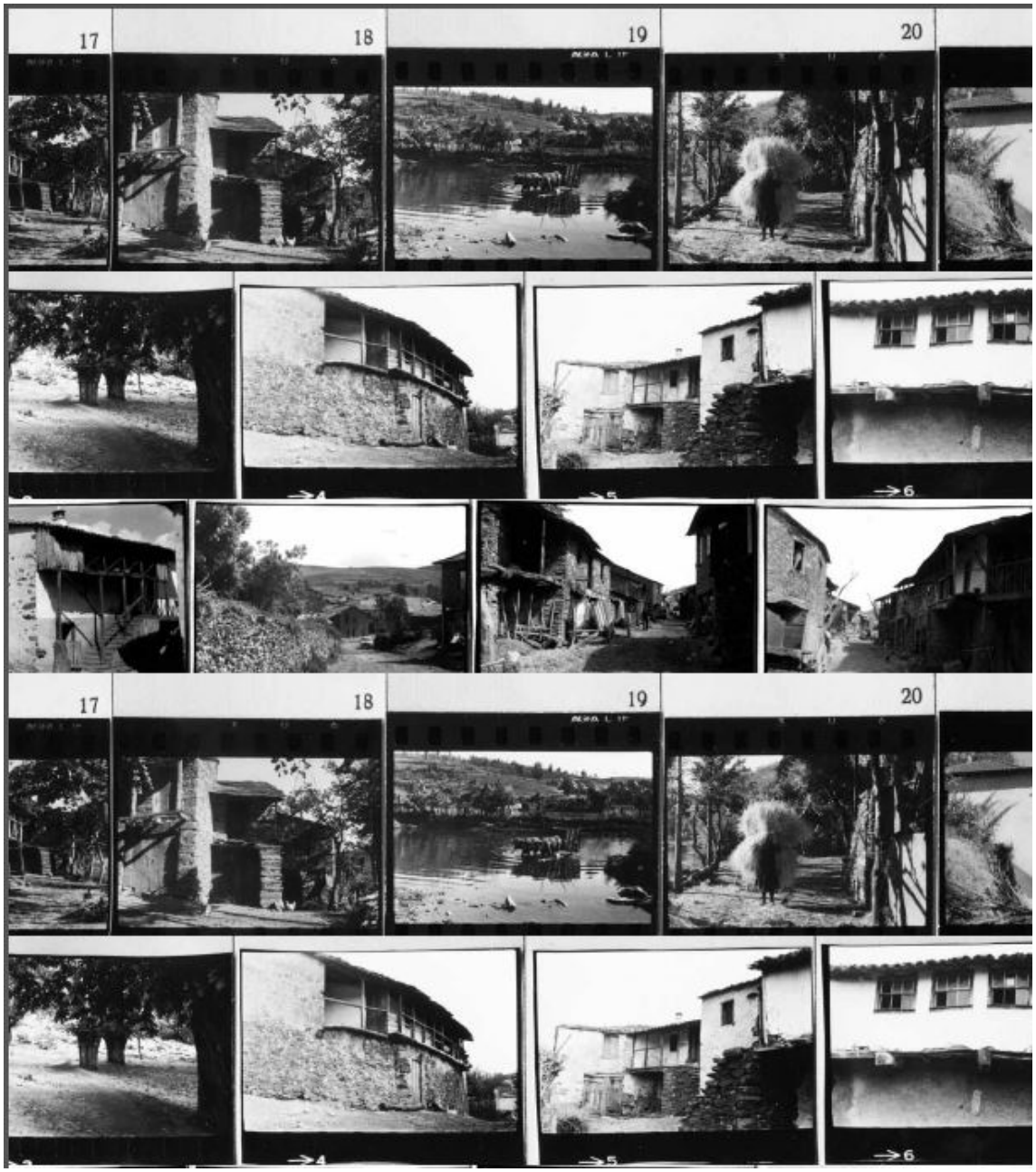


**022.** Foto área da aldeia de Banreses



**023.** O pequeno complexo formado por currais e celeiros, no extremo sul da aldeia de Banreses

É de salientar a importância que outrora o leito do rio Azibo tinha na produção da aldeia, já que, nos dias de hoje, não é visível essa riqueza. Segundo os testemunhos da população, o rio era abundante em peixe e o seu leito era maior. Devido à construção da barragem, estas características desapareceram. A linha de água faz a ligação entre os dois únicos moinhos existentes na aldeia. Estas arquiteturas de produção demonstram, a par com os moinhos, a grande autossuficiência de meios desta comunidade rural, que recorria à energia solar e hidráulica como principais fontes que garantiriam a sua subsistência.




**024.** Sequência de imagens por Fernando Galhano. Habitação

## TIPOS E FUNÇÕES DOS AGLOMERADOS

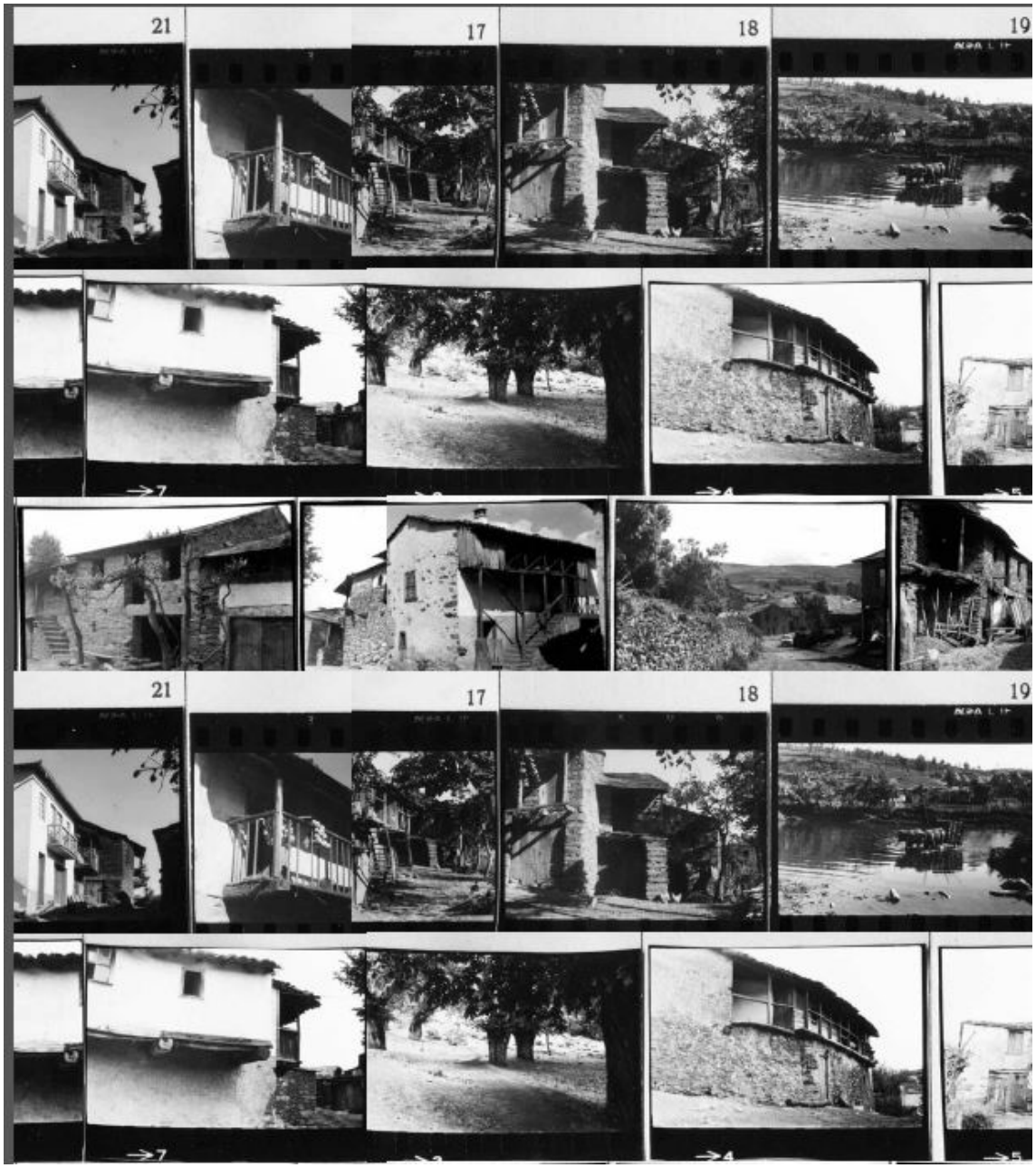
O reconhecimento dos diferentes tipos construtivos foi uma tarefa dificultada pelo estado de conservação, abandono e elevado arcaísmo em que se encontram as construções. Tornou-se fundamental fazer uma verificação de todos os aglomerados e cruzá-la, com informações adquiridas nas conversações com os últimos habitantes da aldeia. Na verificação funcional, recorreu-se a outros indicativos, que se poderão considerar verosímeis, na identificação das construções, como por exemplo, na disposição dos espaços e número de pisos (térreo ou térreo mais um piso), da presença de pias ou de manjedouras [23] no interior das construções.

Da análise realizada, verifica-se que as construções, apesar do seu estado de degradação, mantêm um pouco da base da sua estrutura. Enquadramos os tipos em função do número de pisos e diferenciação funcional. Analisámos todos os tipos, tornando-se tal tarefa muito importante para a distinção funcional e para a análise comparativa de outros aspetos, nomeadamente no que diz respeito a possíveis modulações, dimensões e interpretações do modo de vida.

Neste seguimento, abarcamos as estruturas em diferentes tipos. Assim, o primeiro tipo (Tipo I) abarca todas as construções de um piso térreo de altura variável entre os dois e três metros, como os currais. Um segundo tipo (Tipo II) corresponde à função habitacional com uma altura variável entre os três e os quatro metros, possibilitando a criação de dois pisos, correspondendo às funções de habitação e de loja de animais. Um terceiro tipo (Tipo III) corresponde às construções que têm funções produtivas, neste caso os moinhos, que variam numa altura entre os quatro e os seis metros. Um quarto tipo (Tipo IV) corresponde à função social e religiosa, neste caso a igreja, variando altimetricamente também entre os quatro e os seis metros.

---

[23] *c.f.* Pias, uma nomeclatura dada a uma pedra em forma de concha, que servia para alimentação dos animais, neste caso, suínos ou ovelhas. Enquanto, a Manjedoura é um espaço para alimentação de animais de grande porte.




**025.** Sequência de imagens por Fernando Galhano. Habitação

As diferentes variações tipológicas encontradas deverão estar intimamente relacionadas e condicionadas pelos métodos construtivos disponíveis na época e pelas necessidades e poder económico dos proprietários. As estruturas demonstram um acentuado arcaísmo nas soluções construtivas e uma notável capacidade em se adaptar às diferentes situações. Na descrição de cada tipo recorremos a uma análise irrigada pela memória, "na relação espaço-observador" [24], visando a compreensão da relação entre a existência e as construções do lugar.

*"A casa do homem do campo, comparada com o decorrer da história, é eterna, como ele próprio. Não conhece limitações de lugar e tempo, conserva-se quase imutável através de todas as transformações de arquitetura erudita que a seu lado se verificam"* [25]

[24] Fernando TÁVORA, 2007, "*Organização do Espaço"*, Porto, Publicações Faup, pág.13

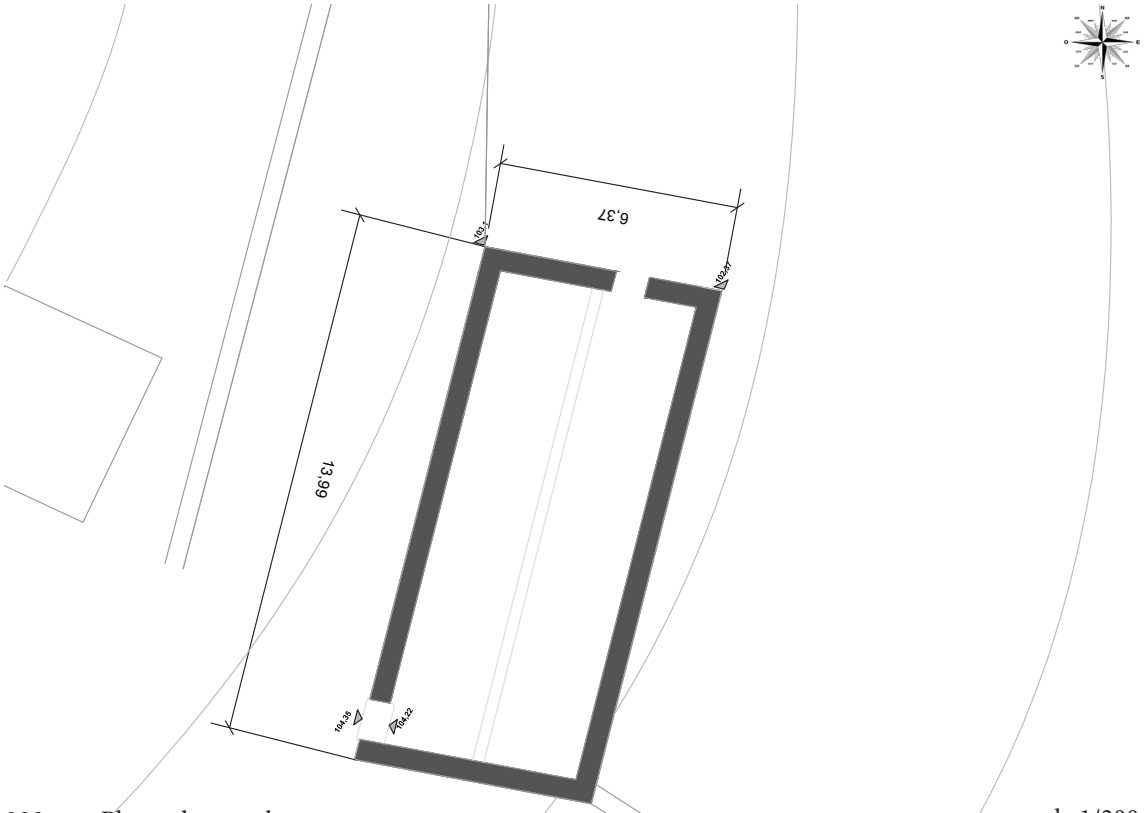
[25] Associação dos Arquitectos PORTUGUESES, 1988, (op.cit.) pág.178



**026.** O caminho para o curral, à esquerda da imagem



**027.** O espaço interior do curral




**028.** Planta do curral escala 1/200



**029.** Fachada sul do curral

## TIPO I

CURRAL

*O que é um curral?* Esta nomenclatura significa *"Casa, pátio, lugar que se junta e recolhe gado. Casa imunda. Lugar onde dantes se representavam comédias. Casa decente, com todas as comodidas necessárias."* [26]

As pequenas dimensões planimétricas e altimétricas e a pouca luminosidade interior, levam-nos a considerar a impossibilidade de albergar, no seu interior, funções residenciais. Porém, tal possibilidade admite-se se recordarmos as construções primitivas e outras formas de abrigo rudimentar. A falta de vãos, a inexistência de fenestrações para além das portas de acesso, são fatores que determinam uma função, que não a habitacional. Assim, no caso de estudo em questão, o curral no espaçoso retângulo de noventa metros quadrados, de quatorze de profundidade por seis e cinquenta metros de largura, servia como espaço de abrigo aos animais e a equipamentos para a agricultura. Ainda, nos dias de hoje, os poucos pastores que levam o seu rebanho para a aldeia, utilizam a estrutura para abrigar o gado. Para comprovar este fato, obtivemos o testemunho de um dos últimos moradores.

O volume contínuo foi construído perto da Igreja, num espaço que permite o acesso rápido às zonas de pasto da aldeia. A construção de duas águas desdobra-se em duas possíveis funções: curral e espaço de secagem de produtos agrícolas.

Uma outra construção com caraterísticas semelhantes encontra-se na mesma zona de implantação, porém, devido ao seu estado de degradação, não foi possível fazer um inventário completo.

---

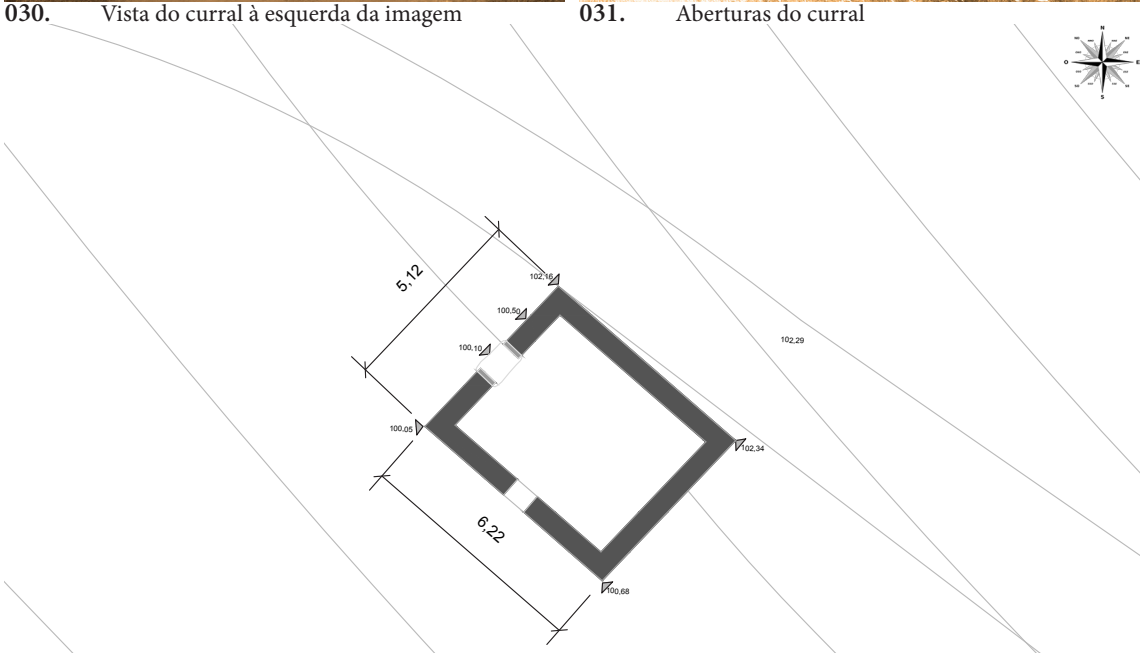
26 *C.f.* Retirado do Dicionário Bertrande; Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Cândido de Figueiredo



**030.** Vista do curral à esquerda da imagem



**031.** Aberturas do curral




**032.** Planta do curral escala 1/200



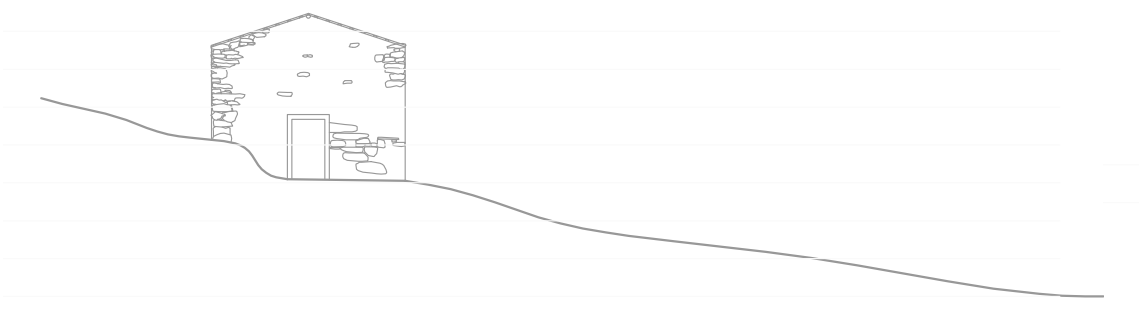
**033.** Vista panorâmica sobre o curral e a envolvente

O outro curral existente em Banreses está situado a norte, na interseção do caminho vindo de noroeste do santuário de St. Ambrósio. Este pequeno exemplar de arquitetura vernácula, encontra-se praticamente intacto. A sua planta de forma retangular, de trinta metros quadrados (cinco de largura por seis metros de profundidade), está implantado junto a um caminho com um desnível de, aproxidamente, dois metros.

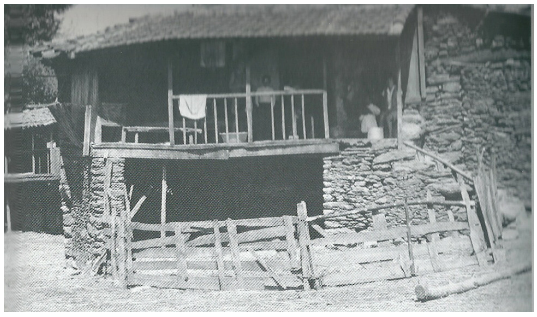
Desta forma, o volume encontra-se incrustado nesse desnível. Numa leitura sobre o espaço deste aglomerado em relação aos restantes currais, para além de guardador de rebanhos, permitiria o armazenamento de produtos agrícolas para secagem, distribuindo estas funções pelos dois pisos.

Nesta estrutura, existe apenas um plano de entrada: a porta de reduzidas dimensões, que nos leva para o espaço interior. Este encontra-se pouco iluminado uma vez que dos três vãos existentes nos planos, dois estão tapados e um, correspondente ao ponto de entrada, está aberto.

A fachada a sul, com o desenho de uma janela na junção da parede com a cobertura, parecendo um olho sem sobrancelha, está encerrada com as suas portadas de madeira. A fachada a sudeste, oposta à entrada do curral, tem a sua abertura revestida a pedra. Este vão outrora serviria para descarregar os produtos agrícolas, para a secagem no interior do curral.



**034.** alçado noroeste escala 1/200



**035.**
Imagem de uma habitação em Bragança, Mós de Celas



**036.** Imagens das varandas transmontanas



**037.**
Imagem de uma habitação em Bragança, Rio de Onor



**038.** Vida de campo. As escadas de acesso ao piso superior. A simplidade da fachada com duas portas e uma janelas

## TIPO II

### HABITAÇÃO

*"A varanda minhota é na verdade um anexo de lavoura; em Trás-os-Montes, para lá desse aspeto ela é uma parte integrante da casa, relacionada além disso com a vida doméstica e coletiva da aldeia"* [27]

As casas trasmontanas são geralmente compostas por dois pisos: um térreo, para arrumações e abrigo de gado e um andar de sobrado para as pessoas. É um espaço elementar, com dupla funcionalidade, típico das regiões intimamente ligadas à produção agrícola e pastoril, dotado de simplicidade, sem falsidades gratuitas e decorativismo inconveniente, que nada acrescentam à sua verdadeira intenção. A sua construção liga-se à espontaneidade arquitetónica, aperfeiçoada de geração em geração, em que a relação da volumetria, da escala e da envolvente contem uma originalidade única.

A casa rural desempenha, ao mesmo tempo, abrigo e aparelho agrícola, partilhando uma série de soluções arquitetónicas de uma casa de produção. O rés-do-chão, destina-se ao abrigo do gado e à guarda dos produtos agrícolas e o acesso é feito a partir do caminho.

O interior deste piso, encontra-se normalmente, abaixo da cota de soleira. Julgamos propositado este pormenor, no sentido de se ganhar maior pé direito e de se conseguir pelo desnivelamento, a colocação de uma camada vegetal [28] sobre o chão em terra batida que funcionaria como uma espécie de "soalho" para os animais.

O facto de os animais estarem no piso inferior seria para aproveitar o calor emanado, para o aquecimento do piso superior, elevando-o e destacando-o do solo permeável às águas. O andar superior destinado à habitação é acessível em alguns casos por meio de uma escada em pedra, disposta perpendicular ou paralelamen-

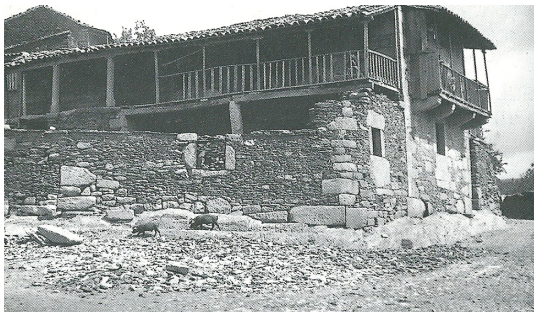
---

27 Fernando GALHANO; Ernesto Veiga de OLIVEIRA, 2003, "*Arquitetura Tradicional Portuguesa"*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pág. 144

28 *C.f.* Designamos camada vegetal, o feno ou a palha que os homens do campo utilizariam para colocar sobre a terra batida



**039.**
Uma habitação em granito



**040.**
As varandas transmontanas



**041.**
A porta da loja dos animais



**042.**
As escadas de acesso aos pisos superiores e as varandas

te ao plano da fachada, acabando num patamar posicionado frente à porta principal.

Devido à inexistência de um piso superior nas construções de Banreses, foi-nos praticamente impossível descrever os espaços domésticos. Perante uma arquitetura doméstica, marcada pela setorização funcional dos espaços, torna-se mais difícil a compreensão da utilização deste espaço. Casos de situação a meia encosta, ligeiramente encastrados devido à configuração topográfica, permitiam o acesso ao piso superior e simultaneamente contribuíam para um melhor isolamento térmico.

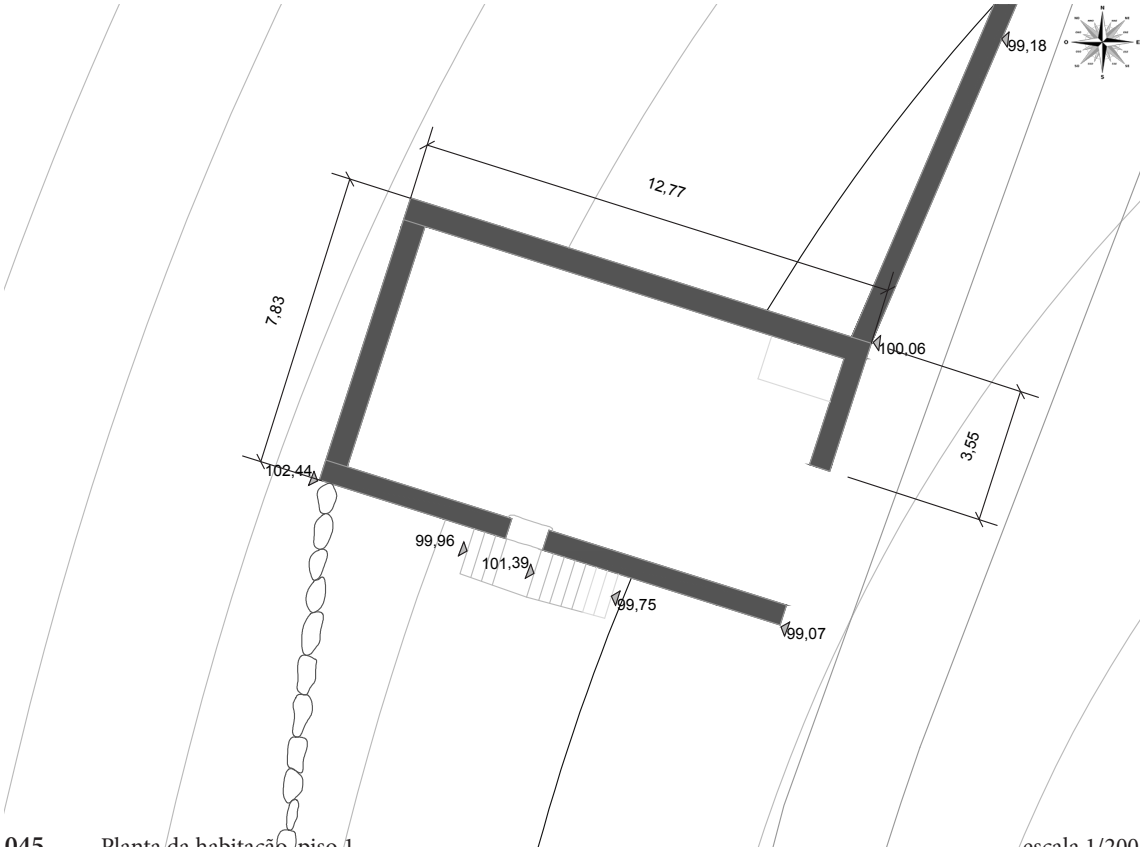
Os vários tipos habitacionais existentes, apesar das suas diferentes características formais, contêm marcas funcionais semelhantes. Existem duas estruturas habitacionais próximas do eixo de circulação e duas próximas da linha de água. A adaptação ao terreno, feita por cada uma destas construções, desenvolveu diferentes estratégias. No eixo principal, o assentamento das duas habitações é feito na margem esquerda do caminho, na orientação sul-norte. Estas encontram-se implantadas sobre a cota (540m), um posicionamento mais elevado em relação aos restantes aglomerados, à exceção da igreja e da outra habitação implantada a cota (531m), na encosta junto à ponte. Estas duas tipologias habitacionais são diferentes em termos formais mas, em termos funcionais assemelham-se.



**043.** Fachada norte da habitação
Acesso ao piso superior a partir do terreno



**044.** Habitação em ruína




**045.** Planta da habitação, piso 1 escala 1/200



**046.** Vista sobre a habitação e a envolvente

A habitação, implantada na cota 540, encontra-se a sul da igreja, num espaço retangular de aproximadamente cem metros quadrados, de oito de largura e de treze metros de profundidade. O seu estado em ruína não permite avaliar com exatidão a sua forma inicial. Podemos afirmar a existência de dois pisos, sendo o piso térreo para alojar os animais e o piso superior para o abrigo do homem.

As paredes existentes perfazem o limite do retângulo e o plano da fachada junto ao caminho, faz a continuidade do muro de sustentação do terreno. Este plano encontra-se bastante degradado, não nos permitindo perceber da existência de alguma abertura mas, possivelmente, seria composto por uma varanda e teria uma entrada para o gado. Esta entrada era feita à cota da rua, possibilitando um acesso direto dos animais para o interior da loja.

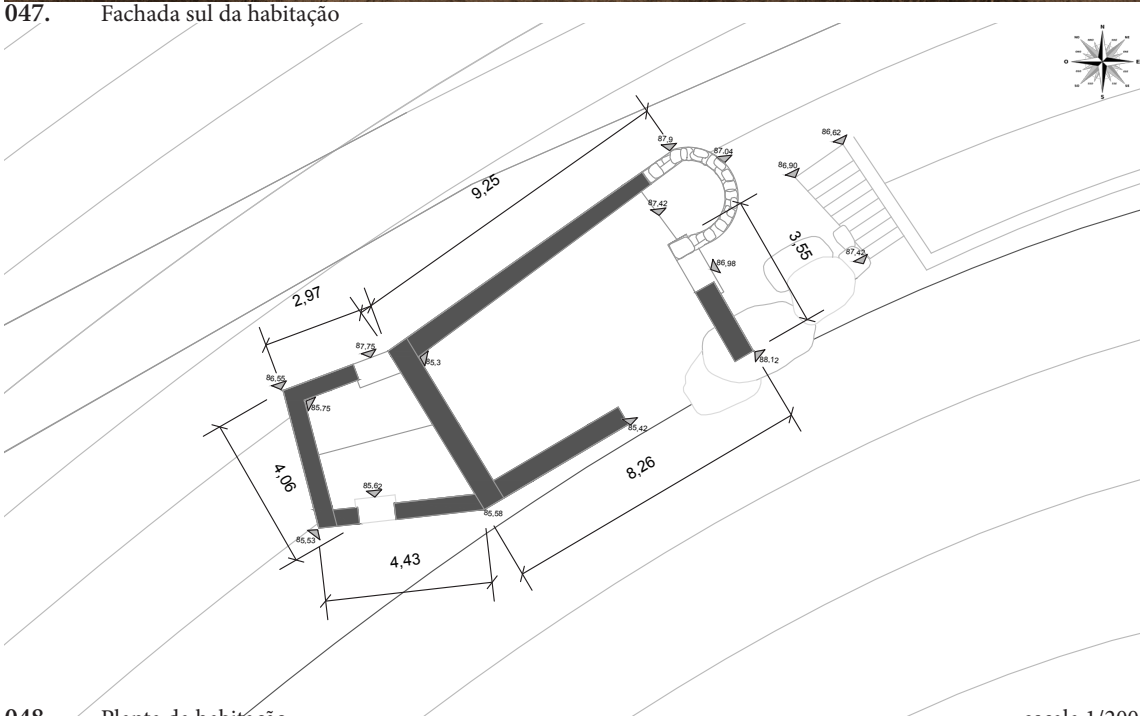
Este espaço interior encontra-se um metro e meio a baixo da cota exterior de acesso. Deste modo, a norte e a poente encontramos os planos de sustentação que configuram o retângulo em planta, deste modo, os planos a norte e a oeste do retângulo suportam o terreno, que forma o espaço interior do curral. No lado sul da ruína, encontra-se um espaço aberto desenhado pelo muro de suporte, que faz a continuidade do plano oeste da ruína, servindo para guardar os carros de bois e outros utensílios agrícolas.

Na fachada sul, paralelamente encontram-se umas escadas em pedra, que dariam acesso ao piso superior. O patamar de acesso à abertura, composto por uma única pedra de xisto e com uma dimensão de noventa por cento e vinte centímetros, marca a entrada da porta de acesso ao piso [29]. A inexistência de um chão, e da respetiva estrutura de madeira que suportariam, dificulta a leitura das vivências humanas na habitação.

[29] *c.f.* Segundo as conversas realizadas aos antigos habitantes, antes de esta habitação pertencer à família Pinelas, seria o abrigo do padre da aldeia.



**047.** Fachada sul da habitação




**048.** Planta da habitação escala 1/200



**049.** Vista sobre a habitação. Percetível o modo com a ruína está assente no terreno próximo do caminho

A outra habitação encontra-se no extremo norte da aldeia e está implantada na encosta, na margem direita do caminho rural. Esta antiga habitação, agora em ruínas, tem uma configuração formal que deriva da topografia do terreno. As suas paredes cravadas no terreno caraterizam o modo como esta ruína pertence ao declive da encosta.

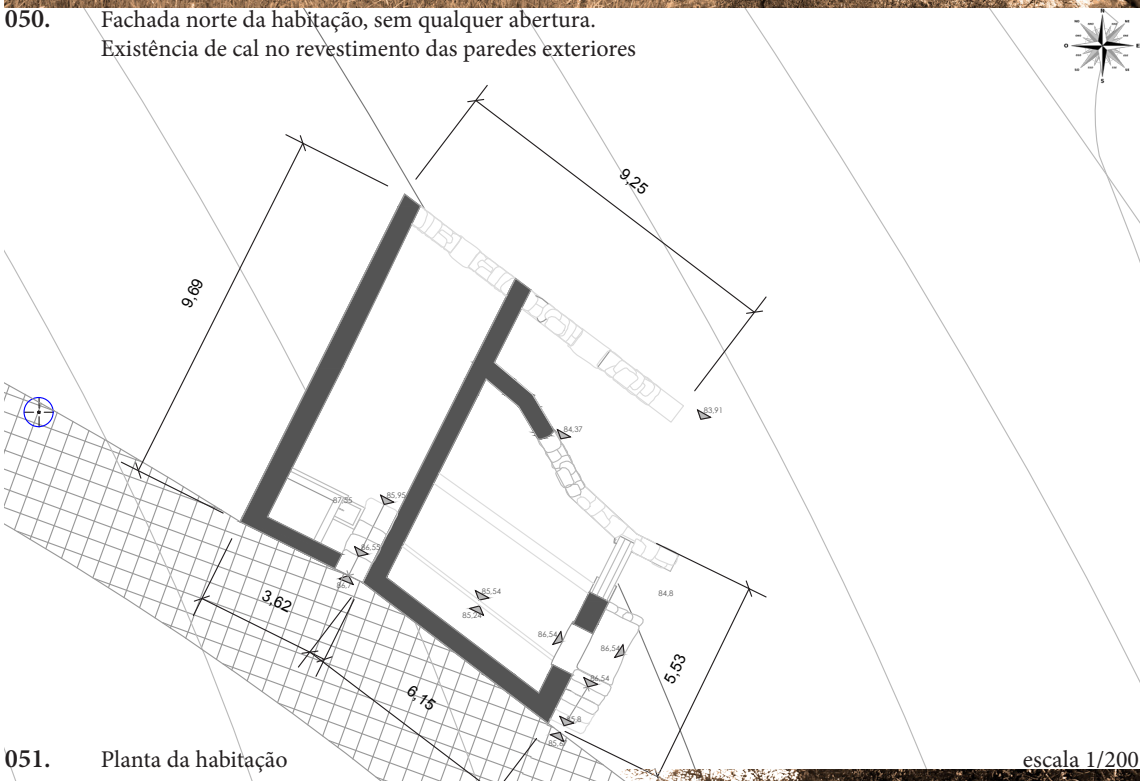
Estas paredes formam dois espaços interiores distintos, que conferem à habitação duas configurações formais diferentes. Os dois espaços divergem também nas suas dimensões, um com dez e outro com trinta metros quadrados de interior. Um dos antigos habitantes da casa, o Sr. Américo Simão, caraterizou-no-la como tendo dois pisos, um para o abrigo do gado e armazenamento de produtos e outro para habitação. Ambos os espaços interiores tinham esta dupla função. No entanto, para além de habitação, teria ainda a função de produzir pão. O forno, localiza-se na extremidade norte da ruína, e integra-se no interior do espaço de maiores dimensões.

Em termos altimétricos, a ruína varia em relação ao posicionamento no terreno. No exterior, a habitação varia de um metro e vinte até aos quatro metros, enquanto no interior a sua altura teria quatro metros e cinquenta de pé-direito. Para aceder ao pequeno espaço interior existem duas aberturas: uma junto à margem do caminho de acesso ao piso superior, e outra de acesso ao piso inferior. No entanto, o acesso ao outro espaço interior era realizado por uma entrada junto ao forno.

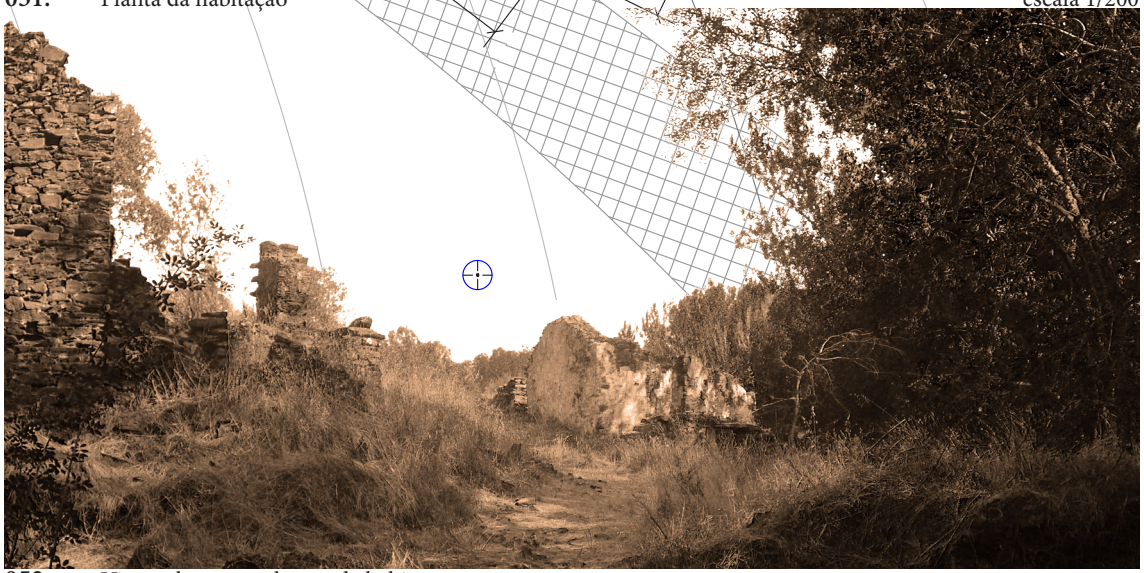
Ao longo da linha de água existem três tipologias habitacionais: duas junto a meio do curso do rio e outra junto ao caminho de acesso à ponte. As duas habitações que se encontram perto do rio, próximas a um pequeno meandro desenhado pela linha de água, desenvolveram características formais diferentes devido ao assentamento proporcionado pela topografia do terreno.



**050.** Fachada norte da habitação, sem qualquer abertura.
Existência de cal no revestimento das paredes exteriores




**051.** Planta da habitação escala 1/200



**052.** Vista sobre a envolvente da habitação

A primeira habitação que encontramos na chegada ao local, através do eixo de circulação na orientação oeste-este, está também em ruínas. Verifica-se que contém três entradas distantes: um acesso a partir da mesma cota do percurso, outro através de umas escadas perpendiculares ao caminho que permite o acesso ao piso superior da habitação e outra feita a uma cota inferior em relação à cota do percurso. Este último acesso, talvez fosse a entrada para a loja dos animais. Esta habitação também é composta por dois espaços interiores distintos. O primeiro, ao qual se acede pela cota da rua, corresponde ao espaço de armazenamento de produtos agrícolas. No seu interior, encontramos um pequeno lagar de vinho, sendo a sua construção posterior à do edifício. Segundo testemunhos, este lagar foi construído por um antigo habitante da aldeia, um alemão que habitou Banreses, após a sua extinção.

O outro espaço interior relaciona-se mais com a casa tradicional transmontana, onde as duas funções - loja de animais e habitação - são evidentes na leitura do interior, apesar do seu estado em ruínas. Há que salientar, que a varanda transmontana também aqui fez parte desta ruína. O desenho formado, pela configuração das pedras nas escadas exteriores de acesso ao piso superior, permite afirmar que, outrora, existira neste edifício uma varanda. A relação entre o espaço exterior e a habitação confere ao lugar uma ligação estreita entre a natureza e o Homem. O modo como  a implantação e a topografia do terreno são executados, num  desnível de quase dois metros, implica que os planos verticais estejam 'cravados' no terreno. Esta ligação impiedosa da habitação com o meio envolvente tem como consequência, o soterrar do piso térreo, permitindo que o espaço tenha um isolamento térmico, possibilitado melhor conforto aos animais.

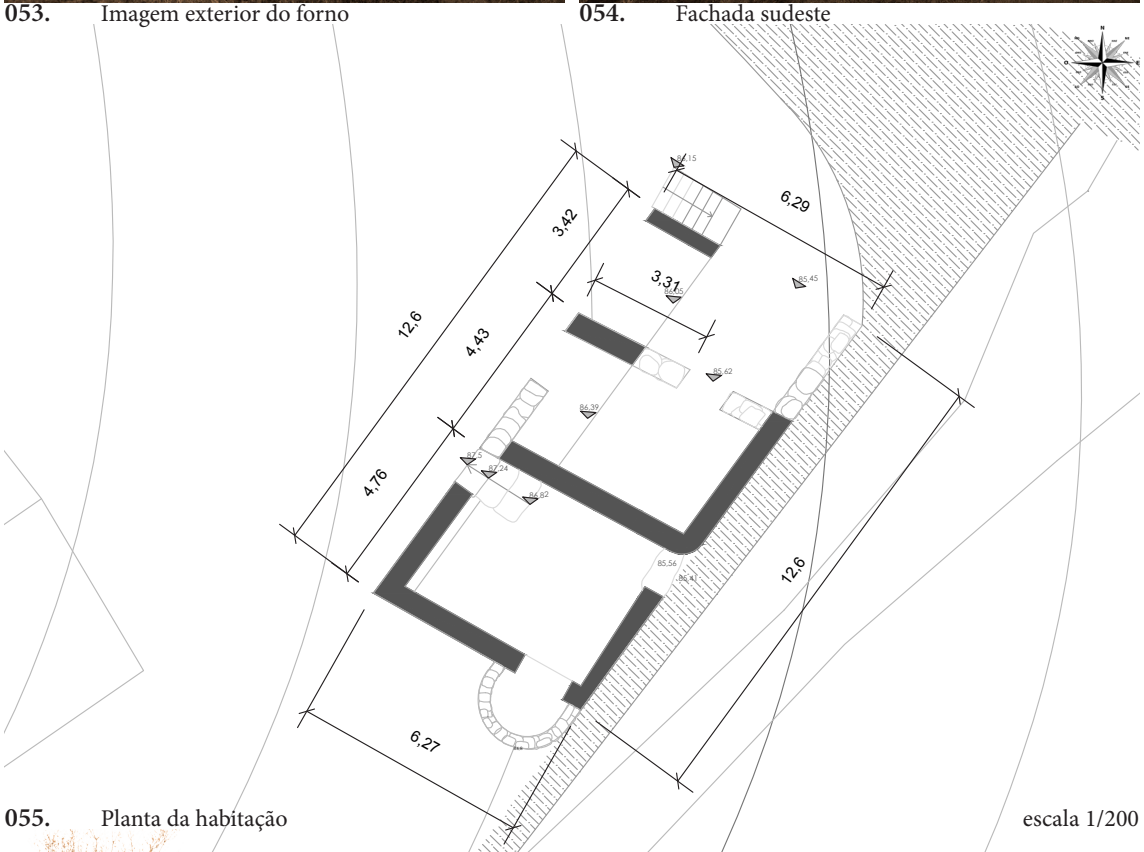
Para além disso, o diálogo das fachadas com a orientação solar, demonstra uma notável leitura para a manutenção das condições térmicas no espaço interior. Denota-se que as fachadas a sul estão completamente encerradas e só as fachadas a norte continham aberturas de vãos, o que permitiria uma sustentabilidade térmica no interior. As duas divisões interiores formam quase um quadrado de oitenta e oito metros quadrados, de nove vírgula vinte e cinco por nove vírgula sessenta metros, a sua altura varia consoante o posicionamento do observador perante a ruína.



**053.** Imagem exterior do forno



**054.** Fachada sudeste




**055.** Planta da habitação escala 1/200



**056.** Vista noroeste sobre a ruína

O outro aglomerado habitacional, que se encontra também implantado neste local, está em pior estado de conservação, mas ainda assim, contém alguma da sua estrutura inicial que permite analisar e compreender os usos e relações que esta construção teria com o meio envolvente.

A casa é composta por dois pisos, sendo o piso térreo soterrado na topografia do terreno e o segundo piso com acesso feito por umas escadas paralelas à cota do caminho, existindo um pequeno arranque dessas escadas.

Esta habitação seria dividida em dois espaços interiores distintos. Devido ao estado de degradação da habitação, é impossível definir como funcionaria este aglomerado. Num dos espaços interiores é possível reconhecer um forno, indispensável para o antigo povoado de Banreses, que trabalharia em conjunto com os moinhos de água na produção de pão. A parede exterior faz o contorno do forno, unificando numa peça só. Este espaço interior seria a zona de armazenamento e produção de pão, sendo este compartimento separado do outro.

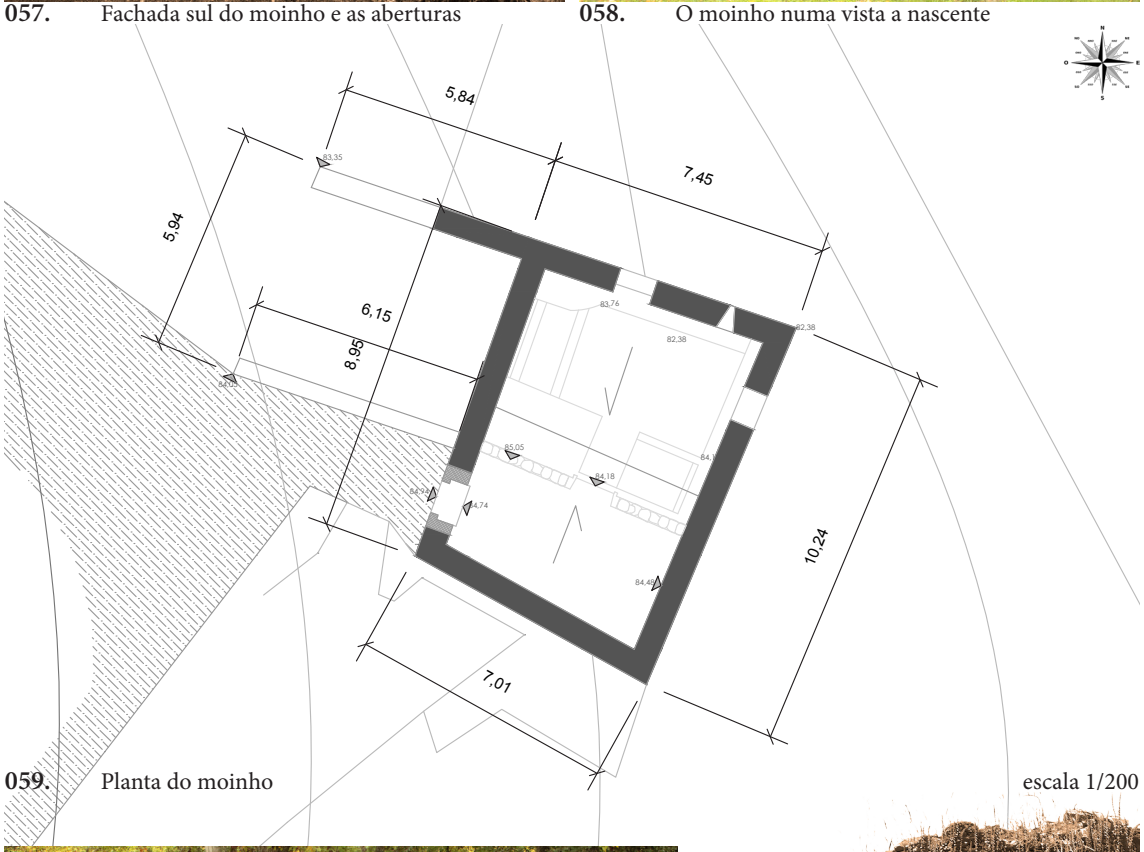
Em relação ao outro espaço interior, é impossível descrever como seria a sua constituição, mas segundo antigos habitantes, era a habitação da família do moliceiro. No entanto não é possível afirmar que existisse no piso térreo a loja dos animais. A sua forma retangular de doze por seis metros implanta-se numa área de setenta e oito metros quadrados e está assente num pequeno monte mais elevado em relação aos restantes aglomerados.



**057.** Fachada sul do moinho e as aberturas



**058.** O moinho numa vista a nascente




**059.** Planta do moinho escala 1/200



**060.** Espaço interior do moinho



**061.** Porta do moinho

## TIPO III

MOINHO

Esta construção primitiva representa um dos melhores exemplares da arquitetura vernácula, presente em Banreses. Em termos construtivos, apresenta um sistema e um desenho de emparelhamento das pedras de granito e xisto, que não se manifesta nos outros tipos apresentados. As molduras das aberturas, portas e janelas, são desenhadas com pedras de granito, com um detalhe único feito nos batentes inscrito na própria pedra.

A composição volumétrica teria uma forma planimétrica em L, porém a totalidade da estrutura já não existe. A única estrutura visível é o corpo maior do L, enquanto que o outro compartimento se desintegrou ao longo do tempo.

Este "espaço interior" porventura era o local onde estaria uma outra mó do moinho. As pessoas foram  aproveitando as pedras e a madeira do moinho para outras construções da aldeia, como poços e noras.

Este volume está assente no final de um declive, tem um pé direito de três vírgula quinze e um vírgula vinte e está soterrado, encaixando a forma desta construção numa curva de nível do terreno e abrindo assim, na orientação noroeste para a estabilização do terreno em relação ao rio.

O único "espaço interior" deste moinho mantém delimitadas as suas paredes estruturais. Existe uma abertura emoldurada por pedra de granito, fazendo a transição entre interior e exteriror. É possível identificar a composição do moinho, o espaço é constituído por dois pisos, o piso superior corresponde ao piso da entrada e o piso térreo onde passaria a corrente de água e o "motor" da moagem. Não descurando este facto, verificamos que atualmente na ruína, não existe o aparelho de moagem - composto por duas mós de granito. Encontra-se assim um vazio que constitui o seu interior, uma mezanine sobre o espaço vazio da antiga zona de moagem.

Nas paredes do moinho, apesar da sua descaracterização ao longo do tempo, são ainda visíveis as suas aberturas. O plano da fachada a norte compõe-se por quatro aberturas, dois vãos no piso superior e mais duas aberturas no piso térreo. Estas aberturas foram construídas para o escoamento das águas fluviais.

Uma das aberturas compõe-se por uma pequena fresta na fachada, enquanto que outro carateriza-se por uma janela emoldurada por quatro pedras de granito. Esta moldura tem um metro e sessenta por noventa centímetros.

Na fachada a poente, existe um outro vão que apesar da sua descaracterização, ainda mantém a sua forma quadrada. Note-se que a fachada a sul provavelmente não teria qualquer abertura. O moinho, pela sua importância funcional, também é valorizado pela sua qualidade construtiva.



**064.** A vista panorâmica sobre as duas habitações e o moinho, respetivamente da esquerda para a direita

Existe um outro moinho, localizado no extremo norte da aldeia, na proximidade da ponte. Não temos forma de caracterizar esta estrutura, já que se encontra num avançado estado de degradação, coberto por heras e silvas o que dificultou muito o trabalho de levantamento.

Não sendo possível identificar as suas aberturas, e nem proceder ao reconhecimento do seu interior, podemos apenas caracterizar a estrutura na sua envolvente. Assenta-se junto à margem do rio, sobre um declive rochoso. A integração da ruína nas rochas permite uma leitura direta entre o moinho e a natureza. As paredes são a única estrutura que delimitam a antiga forma do moinho, formando uma base quadrada.



**062.** Moinho próximo da ponte

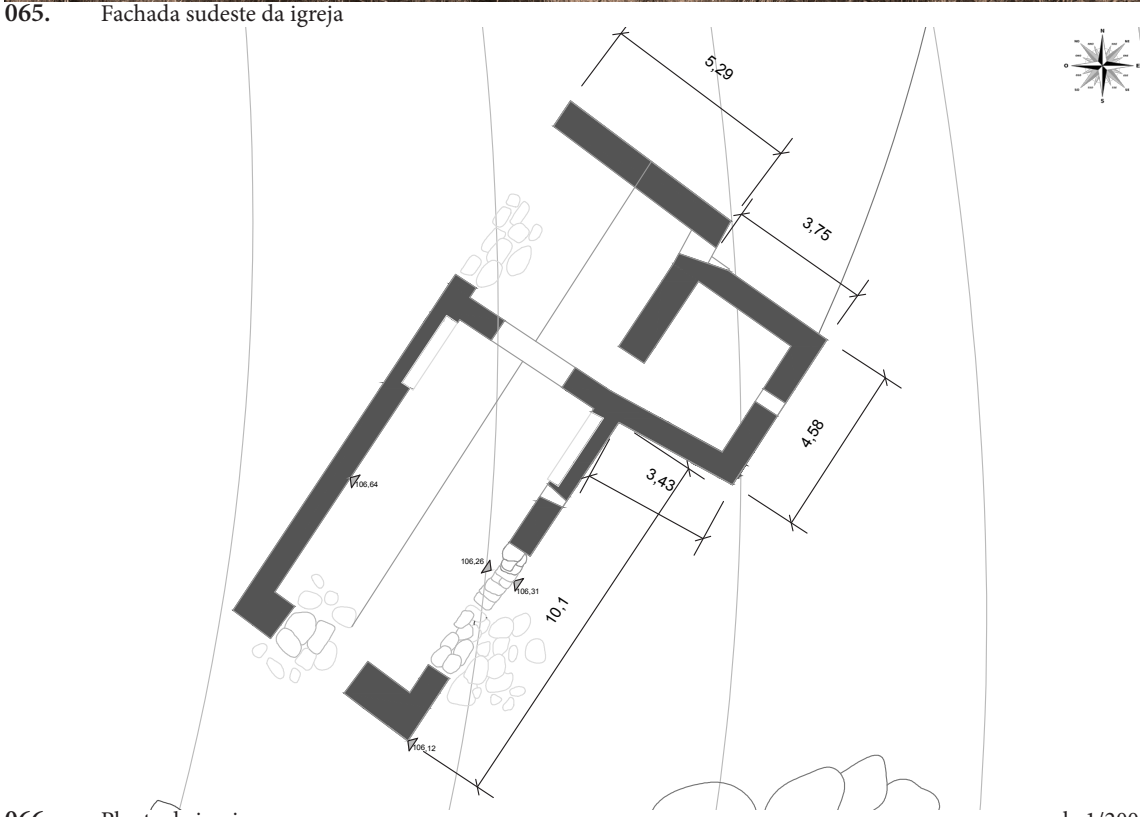


**063.** Abertura por onde sairia a água





**065.** Fachada sudeste da igreja




**066 .** Planta da igreja escala 1/200



**067.** Vista para a capela-mor



**068.** Fachada sudoeste

## TIPO IV

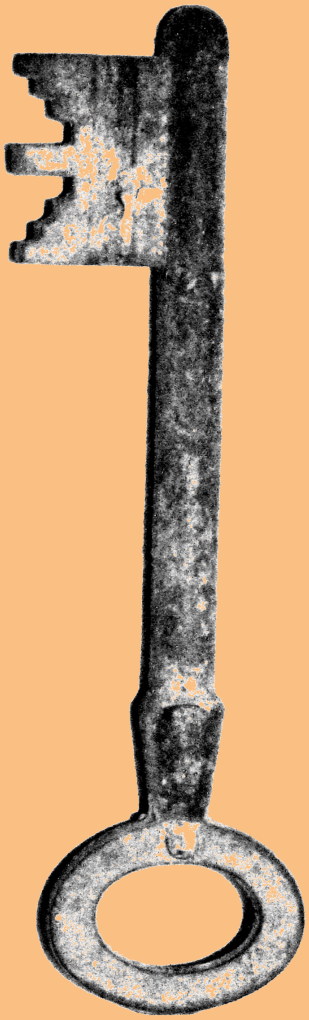
IGREJA

A igreja foi sempre fundamental para o desenvolvimento da sociedade e da sua urbanidade. Este elemento está presente na génese das grandes cidades, mas tnese das vilas e aldeias. Banreses não é exceção à regra, também na sua estrutura rural, está presente a igreja.

Esta localiza-se no possível centro da aldeia, a uma cota superior dos restantes aglomerados, visível em quase toda a extensão do vale. A implantação desta construção é feita na cota 545 metros, numa estabilização do terreno. A igreja é composta por um eixo longitudinal e um eixo transversal, o eixo maior está orientado a nordeste/sudoeste, enquanto o eixo menor está orientado a noroeste/sudeste. Desta forma, conseguimos enquadrar o seu posicionamento. A estrutura apesar de bastante degradada, possibilita a identificação de algumas das suas características. Em termos altimétricos, o pé-direito das paredes da ruína varia entre os três e os quatro metros de altura. Em termos planimétricos, esta igreja descreve uma forma retangular, dividida em três módulos, de cinco por cinco metros. Esta estrutura é composta por uma única nave e um pequeno anexo, onde porventura se localizaria a sacristia.

A igreja poderá compor-se por duas entradas, uma seria na fachada sudoeste na relação com o eixo longitudinal e outra na fachada sudeste, uma entrada lateral de acesso ao interior. Estas duas entradas constituem o primeiro momento da igreja. O segundo momento é formado por dois pequenos altares colaterais "dedicados a Santo António e a Nossa Senhora da Conceição" e o terceiro momento marcado pelo altar e sacristia.

Podemos ainda verificar, apesar de não existir uma cobertura, que possivelmente seria constituída por duas águas. Em termos construtivos estamos perante uma estrutura de xisto, em que as paredes em pedra eram caiadas a cal. Afirmamos este facto pelo registo de vestígios de cal nas paredes tanto interiores como exteriores.



069.

# 02
# REFLEXÕES SOBRE O LUGAR

## UMA RURALIDADE ABANDONADA

*"Mas, para lá de outras considerações racionais, o desaparecimento das casas regionais, se é um passo para a melhoria de habitação do povo, é também mais um aspecto desse movimento geral e nivelamento que caracteriza a nossa época, corolário fatal da industrialização que marca o apagar de valores afetivos essenciais e da fascinante diversidade do mundo – o fim do humanismo que foi uma filosofia da vida, com os seus graves defeitos e extraordinárias virtudes."* [30]

No estudo recorrente da História da Arquitetura, um dos grandes desconfortos da vida humana está entre o passado e o futuro, no "*reavivar uma civilização antiga e adormecida e fazer parte de uma civilização universal*" [31], uma questão que esteve presente ao longo do século XX, desde o aparecimento da ideia da Cidade-Jardim de Ebenezer Howard, a dualidade cidade/campo e o tema passado/presente foram uma constante na crítica da arquitetura.

A cidade é o "*símbolo da sociedade*" [32], enquanto o campo representa "*o amor e as liberdades de Deus para o homem. Tudo o que somos e tudo o que temos provém do campo*" [33], uma definição apoiada no discurso do pré-urbanista. Esta diferença entre a vida no campo e na cidade é algo que, empiricamente se desenvolve na formação do arquiteto, torna-se numa força binária, por um lado o verdadeiro sentimento do '*homem e a natureza*' e por outro a essência crescente do '*homem e a máquina*' no viver urbano.

Nesta dualidade da vida humana, assistimos, nos últimos anos, a um interesse crescente pela procura de identidade, no meio do emergente fenómeno da globalização. Nos anos 50, 60, surge "O Problema da Casa Portuguesa" de Fernando Távora (1947) e a publicação do Inquérito à "Arquitetura Popular Portuguesa" (1962). Pensa-se o verdadeiro sentido funcional da arquitetura vernácula.

---

30 Ernesto Veiga de OLIVEIRA; Fernando GALHANO, 2003, *(op.cit.)*, p.374

31 Paul RICOEUR, 1983, *"Em direcção a um regionalismo crítico"*, in "*Teoria e Crítica de Arquitectura - século XX*", Lisboa, Ed. Caleidoscópio e Ordem Arquitectos, 2010, pág. 770

32 Ebenezer HOWARD, 1902, *"A Ideia da cidadade - cidade-jardim"*, in "*Teoria e Crítica de Arquitectura - século XX*", Lisboa, Ed. Caleidoscópio e Ordem Arquitectos, 2010, pág. 37

33 *Idem,* pág. 37



**070.** Uma ruralidade abandonada

A sua construção, resulta de soluções com anos de empirismo. A sua relação com o meio tem grande eficácia, na forma como a vida humana está inteiramente ligada.

Esta identidade do próprio como um direito reclamado pelo pensamento contemporâneo é uma necessidade sentida por muitos, num tempo de globalização uniforme, que limita qualquer processo de singularidade. No caso singular desta ruralidade abandonada, que é a aldeia de Banreses, decidimos construir uma reflexão sobre a identidade e a memória deste lugar.

Para tal, recorremos no primeiro momento a uma definição de espaço rural feita por João Ferrão, *"este refere quatro aspetos que compõem o mundo rural: produção de alimentos como principal função; agricultura como atividade económica dominante; a família como grupo social de referência; e o equilíbrio entre os ecossistemas natural e humano, que carateriza o tipo de paisagem"*[34].

Desta forma, não podemos definir Banreses como sendo um espaço rural, que tem como base os aspetos referidos pelo autor, já que nesta ruralidade não há atividade agrícola, serviços e população. Partiremos para a compreensão deste espaço através da sua identidade e da memória do lugar, considerando, que o desconhecido torna-se definido e estável porque lhe é atribuído significado e valor.

Para isso, é necessária a compreensão das vivências e representações sociais, que tornam o desconhecido em familiar numa realidade social. É na construção dessas vivências humanas que vamos refletir sobre a identidade e memória do lugar.

[34] João FERRÃO, "Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro", Sociologia, Problema e Práticas, nº33, 2000, pp. 44-45



**071.** Imagem evocatica da memória coletiva, através de uma tradição popular, os serões, que envolvem um grupo num determinado tempo e espaço



**072.** O jogo da malha, representação de uma memória transmitida oralmente. Foto tirada na aldeia da Paradinha



**073.** Imagem evocatica da memória coletiva, através de um momento de trabalho e lazer em grupo.

## UMA RURALIDADE ABANDONADA

### A IDENTIDADE DO LUGAR

Ao falarmos de construção humana, pretendemos analisar o que constrói essa identidade humana. Para isso, temos que nos dirigir à essência do Homem. O que nos reflete enquanto seres humanos? Numa procura da nossa identidade, precisamos de recorrer às nossas memórias. Segundo Maurice Halbawachs "*(…) é na sociedade que as pessoas normalmente adquirem as suas memórias. É também na sociedade que reconhecem, lembram e localizam as suas memórias*." [35] Para o autor, o conceito de memória deve ser entendido como um fenómeno coletivo, construído em conjunto. Halbawachs parte do pressuposto de que o indivíduo não possui memória interior, mas antes armazena e relembra as próprias experiências e vivências, ao longo dos anos. Através da memória, somos capazes de relembrar e de imaginar lugares [36]. Desta forma, a identidade é-nos dada através do coletivo no lugar.

Para Aldo Rossi "*cada lugar é recordado na medida em que se converte em lugar de afectos ou na medida em que chegamos a identificar-nos com ele*" [37]. Estas palavras transportam-nos para os lugares onde nascemos e crescemos  e que ficam nas raízes mais profundas da memória, ou para os novos lugares que nos relembramos, através da analogia de sensações. Os romanos, a sociedade embrionária do nosso caso de estudo, definiram o termo espírito do lugar – o *genius loci* [38]. Cada indivíduo ou espaço possui, a sua própria essência, determinando, quer nas pessoas, quer nos espaços, desde o nascimento à morte, o acompanhamento incessante, tanto do seu carácter, quanto da sua essência.

---

35 Maurice HALBWACHS, *"La mémoire collective"*, Les Presses universitaires de France, Paris, 1950, p. 38

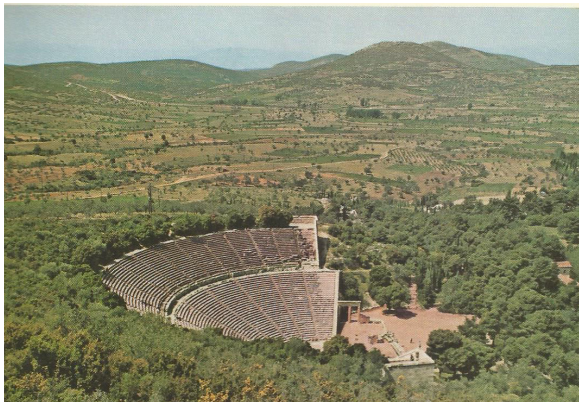
36 "*We have na innate capacity for remembering and imagining places*", Juhani PALLASMA, *The eyes of the skin*, Artmedia Press Ltd, Londres, 2005, p.67

37 Aldo ROSSI, "*Autobiografia científica"*, Barcelona, Gustavo Gilli, 1998, p.95

38 "*Genius loci* is a Roman concept. According to ancient Roman belief every "independent" being has its *genius*, its guardian spirit. This spirit gives life to people and places, accompanies from birth to death, and determines their character or essence.", Christian NORBERG-SCHULZ, 1980, *Genius Loci: Towards a phenomenology of Architecture*, Rizzoli Internacional Publications, inc, p.18



**074.** Petra, uma imagem identitária do lugar. O Homem presenteou-nos com uma arquitetura na pedra



**075.** Imagem publicada no livro: "Souto de Moura: Atlas de Parede, Imagens de Método"

Esta construção do lugar requer a intervenção de vários atores. São as marcas da vivência do homem com o meio, uma forma de vida que nos leva a construir uma identidade. A procura dessa forma de viver requer a experiência de um lugar, uma demonstração da interligação da arquitetura em diferentes tempos, pela sobreposição de memórias, pela compreensão do espaço enquanto *lugar* de desenvolvimento do Homem.

Em termos arquitetónicos, lugar é um conceito, muito mais que um significado. Não é apenas, um ponto fixo num plano euclidiano, mas um espaço que dá significado para o Homem. A nossa existência adquire sentido de domínio e posse do lugar. "*Os lugares são mais fortes que as pessoas, o cenário mais que o acontecimento*"[39], através das diversas vivências do lugar e da sua permanência no tempo determinaram o seu carácter (cenário).

O conceito do lugar decompõe-se em vários elementos, visto os lugares serem, antes de mais, o "*produto de adaptação do homem ao meio, ela reflete não só o meio geográfico natural, mas também o meio humano, histórico e cultural*"[40], não bastando, simplesmente a arquitetura, enquanto espaço físico, para a produção de uma identidade. A fixação de um lugar, ou de uma ideia de lugar, vai sendo estruturada pelo nosso subconsciente, como uma imagem que permite a criação de vários modelos, que relacionam a nossa experiência com a sociedade e com o mundo onde nos inserimos.

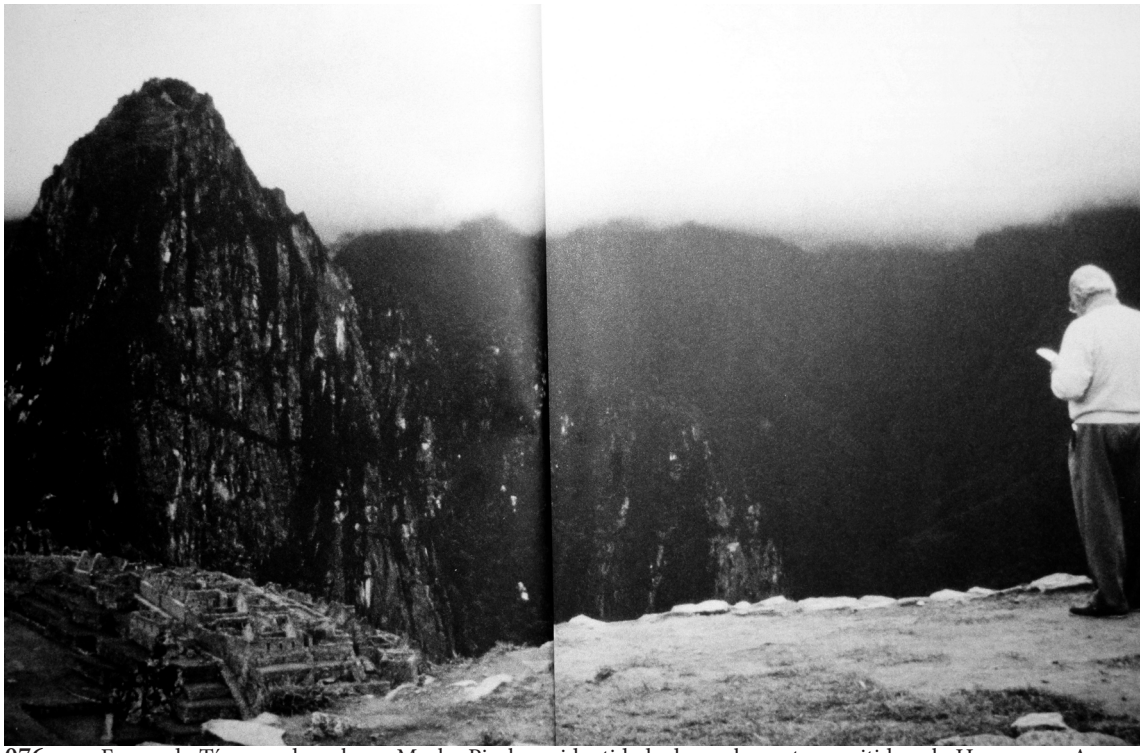
Neste sentido, a arquitetura é um aparelho de identificação do lugar, "*The basic act of architecture is therefore to understand the "vocation" of the place*"[41]e a caraterização do lugar é-nos dada pela ação do homem. Sob esta forma, a vivência do homem no lugar pressupõe, sempre pressupôs a transformação, seja uma forma de abrigo ou a construção de um coletivo.

---

39 Aldo ROSSI, *idem*, p. 63.

40 Ernesto Veiga de OLIVEIRA; Fernando GALHANO, 2003, (op.cit.)

41 Christian NORBERG-SCHULZ, *The Phenomenon of Place*, in *Theorizing a new Agenda for Architecture, An Anthology of Architecture Theory 1965-1995*; NESBITT, Kate, Princeton Architectural Press, New York, 1996, p. 426



**076.** Fernando Távora a desenhar o Machu Picchu, a identidade de um lugar, transmitida pelo Homem e a Arquitetura

No caso da arquitetura vernácula, essa transformação do lugar é a experiência do Homem com o meio. A identidade de um passado, em que o homem criou uma experiência e transformou um lugar. *"O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airosamente e produtivamente; vale muito, mas é necessário olhá-lo não em si própria mas em função de nós próprios"*[42], Távora expressa um conjunto importante de relações e referências sobre a Arquitetura. Transmite um modelo universal, fazendo de cada lugar a interpretação sobre o mesmo, num momento único, fruto das condições e condicionantes que estão subjugadas a este.

No texto sobre *"O problema da casa portuguesa"* refere a importância da construção, do valor da História e da Arquitetura que nasce da Terra. Um corpo que surge sobre necessidades sentidas, na continuidade de lógicas conhecidas por quem as constrói, e recorrendo aos materiais disponíveis, oferecidos pela natureza, fruto do conhecimento construtivo ancestral e das necessidades básicas de funcionamento em harmonia com a envolvente e com as condições climatéricas onde se insere, da sua localização e orientação dos espaços. Mais tarde, os trabalhos procedidos no *"Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa"* completaram este pensamento.

Queremos ressaltar a importância do testemunho de Fernando Távora na criação de um diálogo sobre Arquitetura Tradicional Portuguesa. Este exemplar tem uma relação profunda para a nossa identidade do lugar. *"A leitura do nosso espaço passado, na medida em que nos é possível apreendê-lo, é de quase permanente harmonia; sóbrio, modesto, sem alares, sem pretensões geniais, sem contrastes espetaculares, a organização do espaço português processou-se segundo uma constante que Reinaldo dos Santos chamou «românica»..."*[43].

Neste sentido, o caso de estudo, a aldeia de Banreses, reflete a leitura de um espaço passado. A sua origem e desenvolvimento do lugar constituem a demonstração da nossa arquitetura e das nossas vivências. Sob este aspeto, o espaço em reflexão caracteriza-se pelo legado identitário que assume a presença efetiva de um passado, de um coletivo que

42 Fernando TÁVORA, 1947, *(op.cit.)*, p.11

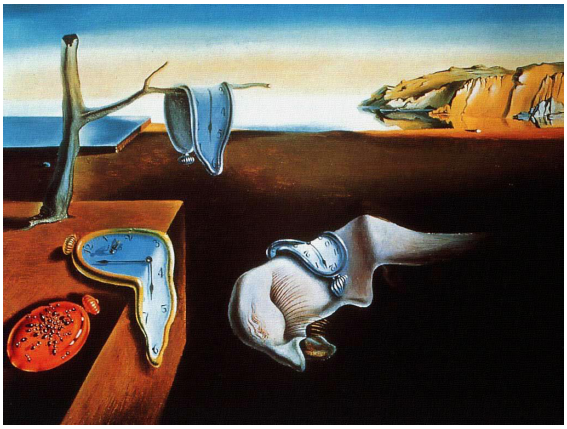
43 Fernando TÁVORA, 2007, "*Da Organização do Espaço"*, Publicações Faup, p. 48

transformou, dele fez a sua história, o seu modo de viver. Esta forma de vida que perpetuou no seu tempo, *"possuía uma identidade, …, partilhava com os seus habitantes como uma maneira de ser"*[44], é este *genius loci* que em Banreses existiu.

Agora, Banreses reflete a sua identidade, através do espaço e das marcas que permanecem no tempo, um lugar onde a sua existência é marcada pela arquitetura anónima que ali se instalou, onde a *"autonomia da sociedade frente à natureza foi garantida, por um lado, pela heteronomia da natureza e, por outro lado, pela autonomia dos indivíduos, dos grupos, das categorias que assumiam os aleatórios da vida enquanto destino…"*[45]. Esta é a identidade do lugar, a construção da vida humana. Porém, o lugar faz parte do tempo, as suas construções são formas do passado, mas onde o esquecimento levou à sua ruína.

44 Michel FREITAG, 2005, *Arquitetura e Sociedade*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, p. 53

45 Michel FREITAG, *idem*, p.58



**077.** Salvador Dali, *The persistence of memory*, 1931



**078.** René Magritte, *Memória*, 1948

## UMA RURALIDADE ABANDONADA

### A MEMÓRIA DO LUGAR

Uma reflexão em torno do lugar é algo que empiricamente está centralizado no Homem, não podemos falar de lugar, sem falar do Homem, criador de hábitos e de lugares. O lugar transforma-se através desses hábitos, equacionando-se entre o Homem e a Natureza. Esta equação é a fórmula da construção da vida humana, sem ela o ser limita-se a ser o que não é. O lugar é um dicionário das vivências do Homem, transmite e caracteriza um determinado tempo, neste caso, um passado que protagonizou a vida de uma comunidade.

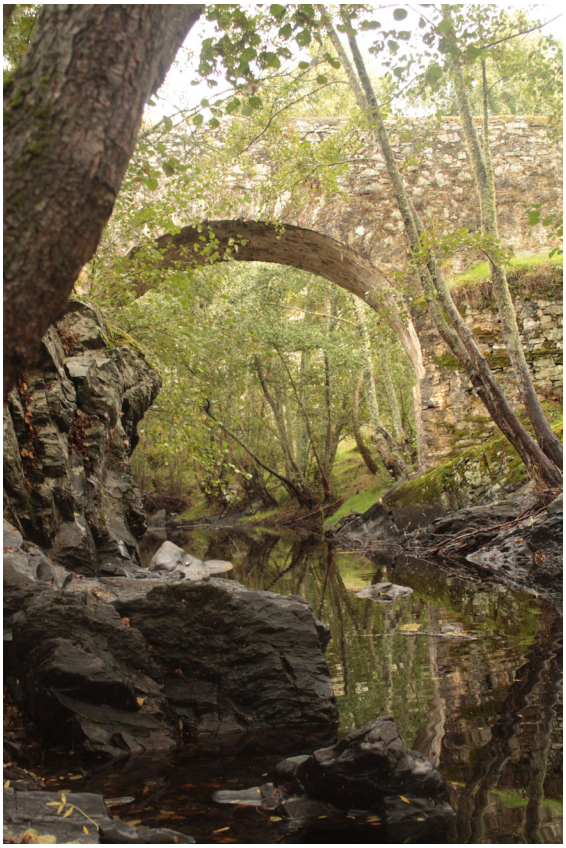
*"A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas"* [46]

As formas deixadas à mercê do tempo transformaram-se em ruína. Fruto dessa erosão, os objetos tornaram-se a omnipresença do Homem, contribuindo para o imaginário das vivências e experiências do lugar. Neste sentido, *"a memória, distinguindo-se do hábito, representa uma difícil invenção, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual, como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado colectivo"*[47]. A memória do lugar sobrevive, não só pelas ruínas existentes, mas pela *memória oral* que ainda existe. A obtenção dessa linguagem falada proporcionou uma compreensão do espaço para além da sua forma. O relato dos testemunhos vividos nesse lugar mostrou-nos mais do que uma história, o reconhecimento dos fatores inerentes da cultura desta ruralidade abandonada.

---

[46] Citado por Yates, 1984, *Memória*, *in* ROMANO, Ruggiero (dir.) *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, INCM, Volume I Memória-História, p.40

[47] Leroi GOURHAN, citado Jacques LE GOFF, 1984, *Memória*, *in* ROMANO, Ruggiero (dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, INCM, Volume I Memória-História, p.18



**079.**

*"O lugar não existia antes da construção da ponte [...] origina-se somente a partir da ponte"*

**Martin Heidegger**

É a partir destes depoimentos e por meio da memória coletiva que melhor se compreende o passado. São estas memórias do conjunto, que constroem e valorizam o lugar, fornecem o saber do passado.

Fernando Távora, introduz relativamente à memória, dois espaços de tempo um *"espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marca acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está em permanente devir (…) Podemos, talvez, considerar dois tipos de participação na organização do espaço; uma participação a que chamaremos horizontal, que se realiza entre homens de uma mesma época, uma outra a que chamaremos vertical que se realiza entre homens de épocas diferentes"*[48] Esta consciência da passagem do tempo, pressupõe encarar o próprio objeto como um repositório das intervenções sucessivas dos seus autores. Uma intervenção constitui uma fase que se acrescenta no tempo contínuo, não anulando as outras, nem recusando a atualidade. Mais adiante, esta questão irá ser considerada na relação com a prática do projeto.

A memória do lugar constrói-se por uma sobreposição de memórias em que a definição do tempo está presente. O lugar vai-se transformando, *"A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro."*[49], o Homem como principal agente, cria a sua memória. A arquitetura, também representa um testemunho na identidade e memória, através das marcas que o tempo nela deixa. "*A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia*"[50], permite-nos viajar livremente no tempo, deixando uma interpretação e transfiguração da realidade vivida, como um museu vivo. Através do reportório de memórias, conseguimos definir uma realidade, ou neste caso, a memória do lugar.

---

48 Fernando TÁVORA, 2007, (op.cit) p.19

49 Jacques LE GOFF, 1984, *Memória*, in ROMANO, Ruggiero (dir.) Enciclopédia Einaudi, Lisboa, INCM, Volume I Memória-História, p.47

50 Jacques LE GOFF, 1984, *Memória*, in ROMANO, Ruggiero (dir.) Enciclopédia Einaudi, Lisboa, INCM, Volume I Memória-História, p.44



**080.** Giovani Paolo Paninni, *Roma Antica*, 1757



**081.** Eadweard Muybridge, *Ruins of the Church of San Domingo, Panama*, 1875



**082.** Louis Jacques Mandé Daguerre, *Ruins of Holyrood Chapel*, 1825

## UMA RURALIDADE ABANDONADA

### RUÍNA E O LUGAR

*"A ruína pode por um lado evocar o passado glorioso e a caducidade de todas as coisas, ser objeto de reflexão histórico-filosófica: por outro lado pode dar lugar a um sentimento subtilmente crepuscular; pode ser uma ruína clamorosa, eloquente, com uma massa obstrutiva, ou pelo contrário, um efêmero bastidor visual, um frio contraste, uma ironia irrisória."* [51]

Passamos agora à reflexão das ruínas, procedentes não só dos fragmentos sobreviventes de edifícios do passado, como também daqueles conscientemente criados como ruínas.

O interesse do Homem pelos antepassados surge há muitos séculos, sendo a partir das ruínas que se desenvolveu esse estudo, fragmentos de edifícios que contam histórias e momentos ali vividos, revelam técnicas construtivas e organizações do espaço, que permitem imaginar evidências, edifícios repletos do uso das sociedades da época. Carlo Carena refere em Ruína/Restauro os estudos desenvolvidos por *"Brunelleschi, segundo a vida de Vasari (1550, ed. 1967, II, p.252), quando estava em Roma a desenhar e a medir ruínas, via «em imaginação…como ela era antes de estar em ruínas»"*,[52] posteriormente também Palladio prossegue importantes estudos das Ruínas Romanas.

Mais tarde surge um conjunto de teorias sobre a ruína provenientes de autores como Claude Nicolas Ledoux, John Ruskin, Camilo Boitto com diferentes perspetivas sobre as mesmas. O tema desenvolve-se e elaboram-se complexos artifícios para chegar à expressão da ruína, registam-se rebentamentos "à bomba" em construções novas, para que delas resultem ruínas, criam-se cenários de ruínas falsas recorrendo à justaposição cuidada e rigorosa de fragmentos e, nas belas-artes, a pintura presta-lhes especial atenção.

---

51 Carlo CARENA, 1984, "*Ruína/Restauro"* in *Enciclopédia Einaudi*, Volume I, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda p.107

52 Carlo CARENA, 1984, *idem*, p. 108



**083.** Giovani Paolo Paninni, *Apostle Paul Preaching on the ruins*, 1744



**084.** Claude Lorrain, *Capriccio with Ruins of the Roman Forum*, 1634



**085.** Casper David Friedrich, *The Ruins of Eldena*, 1825

A ruína constitui o derradeiro estádio da construção, a última fase de um processo de degradação ao longo do tempo, cujo estágio final é o regresso à natureza, acabando assim um ciclo de vida natureza-construção-natureza. Neste contexto, a ruína assume um papel preponderante de evocação relativamente ao passado, enquanto repositório dos acontecimentos e testemunha da passagem do tempo. O seu alto valor simbólico, enquanto imagem de um determinado momento, passado de glória que, apesar do seu estado de degradação, continua a evocar o seu significado. A relação deste artefacto com o Homem tem a particularidade de poder designar vários significados, como a passagem do tempo, a destruição ou a efemeridade das formas. Facto que está na base dos distintos agentes da sua valorização no decurso do tempo. Mas, sem dúvida que a ruína, pela sua essência, transmite um sentimento nostálgico e melancólico por consequência dos seus sinais de destruição. Podemos considerar que este valor é o mais instantâneo, incutido mais facilmente por quem a observa, ou seja, constitui-se como um valor imediato e universal.

Porém, a ruína só tem significado enquanto objeto, se diretamente associado com a natureza e a memória. Desta forma, o meio em que se insere contribui para a valorização do desígnio da ruína. Esta interpretação demonstra que a ruína não pode efetivamente ser entendida como algo independente da paisagem, *"por isso, como sugere Praz (1975, p.284), 'a ruína' entra na paisagem pictórica infundido nela um interesse humano. Ela integra, segundo uma exigência absoluta, o espaço e o tempo – as duas coordenadas essenciais do espírito."*[53] Durante os vários períodos da História, a ruína foi encarada de forma mais ou menos pictórica. Desde a Idade Média, aparece ligada à noção de ambiente e assume a sua importância sobretudo na pintura, representando-se como cenário de representações religiosas. Contudo, é no movimento romântico que surge o auge de valorização em termos estéticos da ruína, onde está associada aos conceitos do belo e do sublime. Assim, neste contexto, a poética do pitoresco estabelece-se na relação entre jardim, arquitetura e paisagem natural, designada como Art of Landscape, onde as suas maiores expressões foram feitas no Jardim à Inglesa e na Arquitetura do Cottage. A abordagem feita à ar-

53 Carlo CARENA, 1984, "*Ruína/Restauro"*, in ROMANO, Ruggiero (dir.) Enciclopédia Einaudi. Lisboa, INCM, Volume I Memória-História, p.110



**086.** *A ruína de Banreses,* 2013

quitetura era, então, entendida como parte fundamental e indissociável de um ambiente, fundamentalmente a nível histórico, pelo que assume uma função de evocação. As ruínas reconhecem a sua importância na função rememorativa e simbólica, testemunham o tempo, são elementos de identificação com a natureza e demonstrativos da passagem do tempo. O fascínio pela ruína, motivado pela grande valorização do passado, revela-se num verdadeiro interesse pelo fragmento em si.

As construções do passado, além de apelarem ao prazer estético, contêm também uma significação, mais profunda: representam as marcas imprimidas pela passagem do tempo, num apelo à perturbação e ao trágico. Neste sentido, as ruínas medievais, mais comuns e mais próximas temporalmente, são consideradas mais adequadas para a tradução destes sentimentos.

Em Portugal, as figuras principais do Romantismo são Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Os seus princípios deram origem a um movimento fundado no espírito nacionalista e saudosista que contestava a modernidade e o progresso, defendendo antes a tradição e as qualidades do campo. No decorrer do século XX a intervenção sobre ruínas de edifícios de épocas passadas é bem evidente nas campanhas de restauro e conservação dos edifícios públicos, lançadas pela DGEMN na primeira metade do século, deturpando muitas vezes o sentido do edifício, chegando mesmo a exceder a tentativa de cristalização do que se supunha alguma vez ter existido.

Deste modo, as ruínas em Banreses representam a veracidade do lugar, testemunham a passagem do tempo e descrevem as memórias do homem. Agora no seu estado final, pertencem à natureza, numa paisagem pictórica, que completa uma realidade absoluta, o espaço e o tempo. Uma memória parada no tempo, como uma efemeridade formal que tem uma história criada pela sua existência. Tem o seu próprio lugar, no arco do tempo, uma construção inacabada que faz a ligação da identidade do Homem à memória do lugar.

O QUE PROPUNHA PARA MANTER VIVA A MEMÓRIA DO LUGAR?

*"Que houvesse um investimento por parte das entidades privadas virado para o mercado turístico"*

*"Gostaria de voltar a ver o verde que lá existia, tudo cultivado. Ainda existe propriedade nossa em Banreses, mas está 'tudo a monte'. Uma pessoa chegava a aldeia e só via o encanto daquele verde das hortas, hoje não se vê ali nada, hoje só se vê ali erva, erva, erva…Como gostava de recordar aquilo como era no meu tempo, mas agora é impossível…"*

*"Se me saísse o euromilhões, fazia na aldeia um aldeamento turístico"*

*"Era ter alguém que governa o país a olhar mais para o interior, porque aqui estamos mais atrasados do que há 20 anos atrás. Isto agora está menos desenvolvido do que há 20 anos. Tinha que haver vontade política para as pessoas se fixarem no interior"*

*"Para começar tenho saudades da fonte que lá havia, tenho saudades da igreja, tenho saudades da cultura que lá se fazia. Por mim isto não estaria arruinado. Da ponte, quando era ' ganapo botava-me dela abaixo", era cada cambalhota. Também vós digo, encontro em Banreses um símbolo bonito para que essa memória existisse, em toda a aldeia, dentro desses caminhos todos. Era bom que isto fosse escrito, para não ser esquecido"* [54]

54 cf., os excertos acima escritos estão presentes nos anexos, nas entrevistas feitas a algumas pessoas com ligações à aldeia de Banreses

## UM DIÁLOGO ABERTO COM O LUGAR

Uma reflexão sobre o lugar permitiu identificar quais os atores que ainda mantêm a nostalgia desta ruralidade abandonada. Agora já sem a presença do Homem, só restam os fragmentos, a paisagem e o tempo. Para uma construção de uma nova existência neste passado, é necessário que a sua identidade e memória sejam transportadas para uma nova realidade.

Nesse aspeto foram encontradas exceções que comprovam ainda o uso do lugar por parte do Homem. Como os pastores que levam o seu rebanho para as pastagens de Banreses, o 'ladrão' que rouba os frutos das árvores, o agricultor que ainda tem o seu pequeno espaço agrícola para cultivar as suas batatas, o pescador que nas margens do rio Azibo, pesca o pouco peixe que existe, a fonte, onde a sua água oferece de beber a quem lá passa e as marcas para reconhecimento nas caminhadas pedestre. Isto são exemplos de alguns hábitos, que ainda coexistem, nesta pequena aldeia. Estes hábitos foram o ponto de arranque, para encontrarmos a identidade a dar a este lugar. Qual o fio condutor a desenvolver para contextualizar o lugar na realidade?

Conversas tidas com pessoas relacionadas com o lugar proporcionaram-nos uma imagem da aldeia. *"A imaginação é retrospectiva e, portanto, inclui a memória da experiência e do conhecimento adquiridos na vida"*[55] Alguns sonhos são fruto do imaginário do Homem. Estes testemunhos permite-nos imaginar várias soluções que relacionam o imaginário com a realidade.

Banreses assume-se como símbolo de memória, não só para aqueles que a recordam como para aqueles que a desconhecem. A arquitetura tem uma imensa capacidade co para evocar memórias e histórias passadas.

---

55 Alexandre Alves COSTA, 2005, *"Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa",* Porto, publicações FAUP, p.25

Atualmente a aldeia encontra-se no puro esquecimento e abandono. O terreno carece de mão humana, as ruínas caem à passagem do tempo e a natureza envolve todas as memórias existentes. Podemos então dizer que o lugar é o ponto de partida do projeto arquitetónico.

Como afirma Norberg-Schulz, *"o acto básico da arquitectura é entender a 'vocação' do lugar"*[56]. Neste sentido, a vocação deste lugar é composta pela sua identidade, pela memória e a ruína, as três premissas que automaticamente exprimem o *genius loci*.

Assim sendo, o arquiteto *"porque é homem e porque a sua acção"*[57] não é fatalmente determinada, deve procurar a criação das formas que melhor serviço possam prestar quer à sociedade quer ao seu semelhante, e para tal a sua *"acção implicará, para além do drama da escolha, um sentido, um alvo, um desejo permanente de servir"*[58].

No ato de servir, percorreremos um baú, que nos permite recordar sem medo, a permanência de uma memória, um percurso que se identificará com o lugar, e nos levará à descoberta de Banreses.

---

56 Christian NORBERG-SCHULZ, 1980, *(op.cit.)*, pág.18

57 Fernando TÁVORA, 2007, *(op.cit.)*, pág.74

59 *ibidem,* pág. *74*

*"Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo…*

*Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,*

*Porque eu sou do tamanho do que vejo*

*E não do tamanho da minha altura…"* [59]





59 Fernando PESSOA, 1993, Poemas de Alberto Caeiro, *'O guardador de rebanhos'*, Lisboa, Ática, p.32



**088.** Planta geral de Banreses escala 1/2000

# 03
## UMA IDEIA PARA O LUGAR

Concluída a caracterização e a reflexão sobre o lugar, somos levados a afirmar e a reconhecer que Banreses se torna detentora de um espólio cultural valioso. Pelas características afirmadas, em termos paisagístico e histórico, seria uma perda a permanecer no esquecimento.

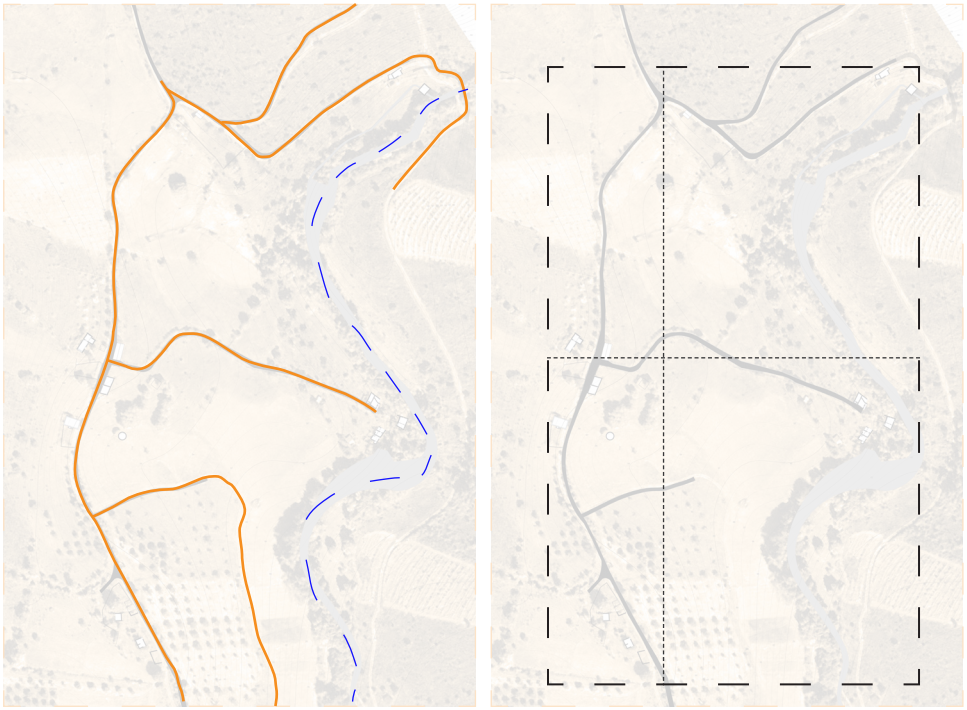
O nosso contributo para salvaguardar a memória do lugar aparece ao mesmo tempo em que surge um interesse pela sua preservação, quer a nível público, por parte da autarquia de Vale da Porca, quer dos habitantes e proprietários das construções, quer, recentemente, pela existência de um promotor privado que se interessou pela sua preservação.

Conhecendo as intenções e o programa estipulado pelo arquiteto que colaboraria com a empresa em questão, mas desconhecendo a materialização arquitetónica do projeto, fomos levados a avaliar e a definir estratégias que possam travar o processo de degradação e a dar novo contributo para a possível e futura intervenção.

Sobre este pretexto, iremos propor um projeto que interage com o interesse público. A delineação dos programas será descrita em várias intervenções. Cada um deles comunicará entre si, seja em termos físicos ou visuais.



**089.** Caminhos da aldeia



**090.|091.** Os caminhos e as áreas de Banreses

Área construída

Área agrícola

Área paisagistica

## TEMA

Pretendemos com a aldeia de Banreses, mais do que alcançar uma resposta, levantar questões que, de algum modo, possam contribuir para pôr em prática alguns do valores teóricos apresentados até ao presente momento neste trabalho. Interessa-nos o desafio de projetar para um lugar que nos é próximo, na procura de uma abstração daquilo que foi e que representa, visando o que existe e o que poderia então vir a existir.

O tema de projeto passa pela dinamização dos vários pólos da aldiea, estabelecendo ligações entre si. Um olhar sobre o lugar, apercebemo-nos da importância dos caminhos. Mais do que um espaço rural, Banreses reflete o vazio das ruínas e das vivências perdidas. A descoberta deste espaço só é possível no percorrer dos seus caminhos. Assim sendo, o tema insere-se numa condicionante: o percurso. Este fio condutor será a epígrafe transformadora do lugar.

## LUGAR

Ao longo do estudo da arquitetura, foram-nos dadas a conhecer algumas sociedades que desenvolveram este mundo ocidental. Nesta região transmontana e principalmente na aldeia de Banreses, poderemos especular sobre uma passagem dos romanos. Há duas características que nos podem induzir nessa afirmação. Uma relaciona-se com a implantação do lugar, fixa-se num vale próximo a uma linha de água, uma prática recorrente nos povos romanas; outra será a localização de uma antiga fonte romana, num ponto de interseção de três caminhos, que marca uma centralidade.

O lugar porém, encontra-se descaraterizado. A aldeia, de 514 metros de comprimento e de 317 metros de largura, conta com, aproximadamente, 16 hectares, sendo um terço da sua área total remetida para o espaço agrícola e os restantes dois terços espaço construído e espaço paisagístico.

A dimensão deste espaço rural pressupõe uma coerência na definição da escolha do uso a ser dado. Assim, procuramos que a estratégia passe por um espaço aberto ao público e por um espaço apenas destinado a um público-alvo. Assim a unificação da aldeia será feita numa estratégia que poderá circunscrever-se aos dois usos do espaço, A nossa estratégia passará por definir apenas um desses usos, que se designará requalificação da estrutura atual, deixando em aberto, o outro espaço para um programa mais privado.

## ESTRATÉGIA

Começamos por definir os princípios gerais da intervenção que garantam a sua unidade. Há que salientar que o nosso contributo, por motivos que se prendem essencialmente com o tempo disponível, se assume como um conjunto de reflexões traduzidas em desenhos de certa forma esquemáticos. Doutro modo, a sua concretização real exigiria outro tipo de rigor e escalas de trabalho.

Assim a nossa estratégia passa:

Pela adaptação de algumas pré-existências, pretendemos através das suas estruturas criar um novo uso, procurando encontrar a melhor solução espacial e arquitetónica, permitindo a sua conversação e preservação. Este processo de apropriação, impõe a perda de determinadas funções para as quais foram criadas estas arquiteturas, implica a refuncionalização e renovação dos usos aplicados às necessidades atuais. As escolhas dos espaços foram determinadas em função da localização e da configuração formal, que estabelece assim respostas espaciais para as intenções programáticas. Procuramos não perturbar o existente, adequando as intenções programáticas à forma das estruturas, porém poderá haver uma extrapolação dos seus limites. A estratégia será definida num todo, partindo do princípio que as escolhas efetuadas foram para melhorar a unificação da aldeia e permitir novos usos para um público mais alargado.

Os princípios para uma intervenção desenvolvem a compreensão da aldeia no geral e reorganizam-na como um conjunto unitário.

Assim, a estratégia define-se em três premissas; a memória, a identidade e a ruína. Propomos estratégias programáticas que irão buscar um pouco da reflexão sobre o lugar, numa tentativa de aproximação ao significado de cada uma das premissas. Esta estratégia refletir-se-á numa intervenção nos cinco núcleos e na paisagem da aldeia. Cada intervenção definirá uma premissa, ou seja, o seu programa irá adaptar-se consoante a localização e o seu significado. A memória pretende recordar vivências da aldeia, como é o caso da água, implementando programas que visam a requalificação da fonte e do bebedouro. A identidade visa buscar os elementos identitários da aldeia, como são os casos da igreja e da agricultura. Neste sentido, as estratégias sobre a igreja pretendem requalificar a sua estrutura, mas mantendo o seu significado inicial. Em relação à agricultura, propomos uma reorganização dos espaços no terreno e em socalcos, definindo zonas de produção diferenciadas. Por último a ruína, será representada pelas formas onde a sua composição determina o seu estado de arruinamento. Nestas estruturas pretendemos impor novos programas e novos usos, para que a função não se designe por espaço arruinado mas que complemente uma estratégia que visa manter a imagem da ruína.

Pretende-se a definição das margens do rio que foram ficando descaraterizadas pelo enorme arvoredo que foi crescendo. Para recuperar a imagem do rio, propomos uma intervenção na margem esquerda, que ligue as duas pré-existências dos moinhos. A estratégia passa pela diminuição do número de árvores e o redefinir de um percurso entre os dois moinhos.



**092.** Panorâmica da margem nascente de Banreses

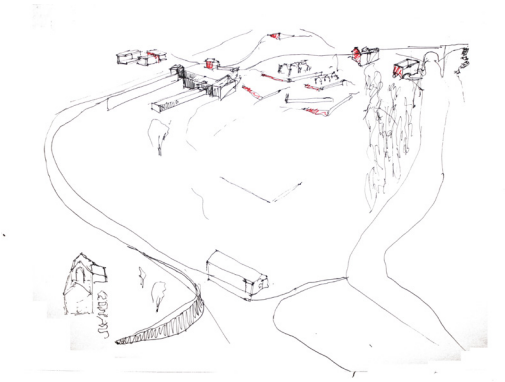
A intervenção assume a ideia de um percurso e serve-se dos caminhos de Banreses. O espaço público assume um conceito de distinção entre o novo e o antigo, com a introdução de um pavimento, nos principais eixos estruturantes da aldeia e nos principais espaços de alargamento, que pela estereotomia e tamanho serão diferenciados. Este percurso permitirá aos visitantes descobrir a aldeia, através dos acontecimentos que irão pontuar o caminho. Estes acontecimentos serão um reflexo das premissas acima enunciadas.

Por último surge a ponderação e proposta de uma solução de estacionamento que ocorre com a introdução do veículo, e que procura pela sua implantação e integração no terreno, diminuir a sua visibilidade e restringir, à entrada, o acesso automóvel. Este sistema permitirá desenvolver uma ligação mais direta ao lugar, uma estratégia que facilite ao visitante conhecer um pouco do passado em Banreses e ao mesmo tempo usufruir desse mesmo espaço. O percurso, as premissas e os acontecimentos relacionam-se para que as partes se transformem num todo.

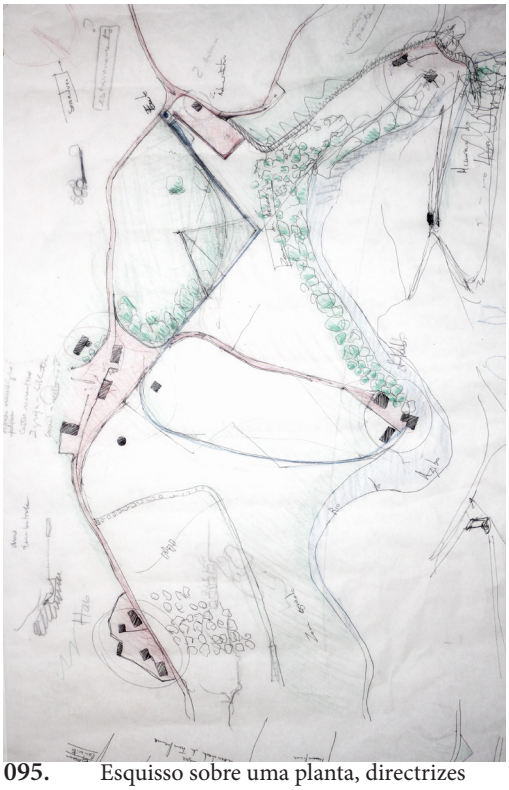




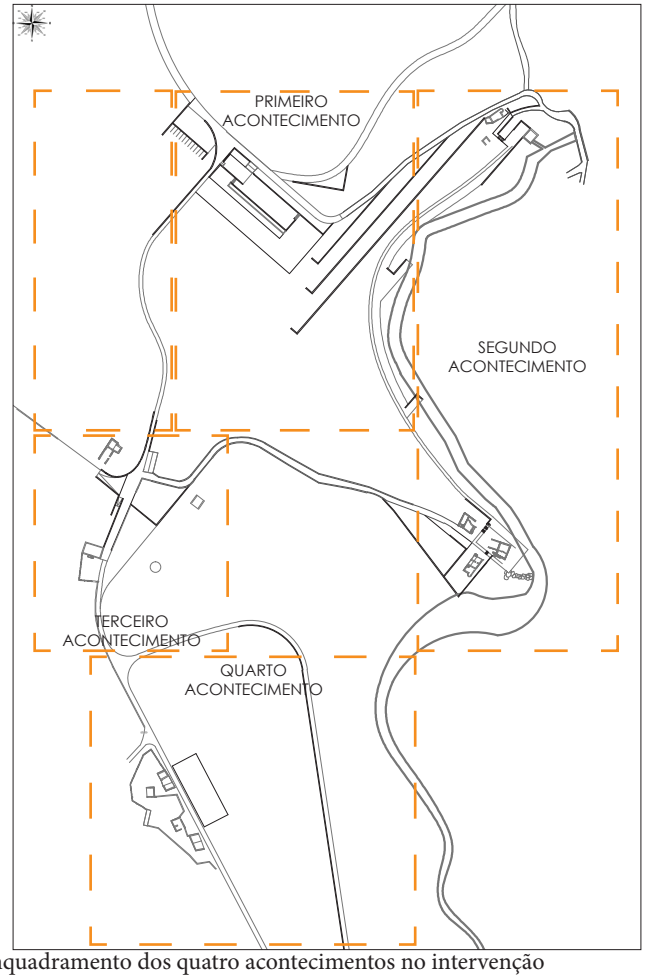
**093.** Planta de intervenção na aldeia de Banreses escala 1/2000



**094.** Esquisso da intervenção geral na aldeia



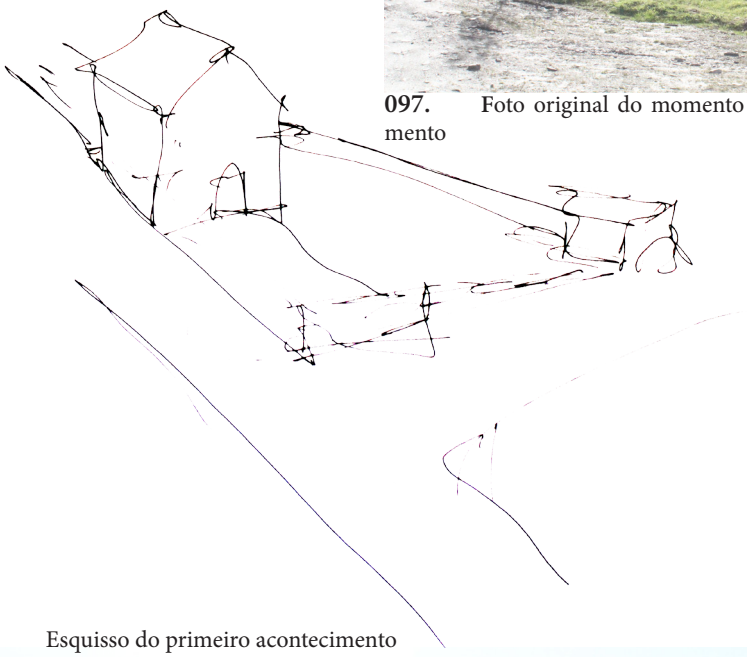
**095.** Esquisso sobre uma planta, directrizes para a intervenção




**096.** Esquema do enquadramento dos quatro acontecimentos no intervenção



**097.** Foto original do momento de chegada ao primeiro acontecimento



**098.** Esquisso do primeiro acontecimento



**099.** Foto-montagem do primero acontecimento

# PRIMEIRO ACONTECIMENTO

O projeto passa pela delimitação do percurso da aldeia. Na aproximação a norte da aldeia de Banreses apresenta-se o primeiro acontecimento. Este espaço será transformado de modo a marcar a entrada - define-se pela interseção de vários caminhos provenientes das outras aldeias - é composto pelo prolongamento da cota de chegada, uma plataforma retangular desenhada sobre diferentes níveis, onde se recupera o diálogo entre o curral e a fonte.

O curral é reabilitado no seu interior, transformado numa zona de receção, para acolher o homem e dar a conhecer o lugar. A arquitetura tradicional é *"um símbolo bonito para que essa memória"*[60] a manter. A formalização da plataforma agrupa a reconstrução da fonte e *"na parte de baixo do sítio da fonte"*[61] existe um tanque de água que se transformará num bebedouro. A *"fonte romana, muito bonita, em arco"*[62] será reconstruída, tendo como referência a fonte da aldeia de Limãos. Segundo os testemunhos era igual à de Banreses. Com o desenho do bebedouro, proporciona um local de paragem para os gados, onde possam beber e desfrutar das pastagens da aldeia.

Na continuidade do percurso que se estende na encosta a norte, desenhar-se-á um miradouro para uma contemplação sobre toda a extensão da aldeia. Este será constituído por um muro de suporte, que se prolongará numa guia proveniente da entrada. Este enquadramento configura uma apreensão dos vários acontecimentos do percurso, dando a conhecer mais de perto o lado norte da aldeia.



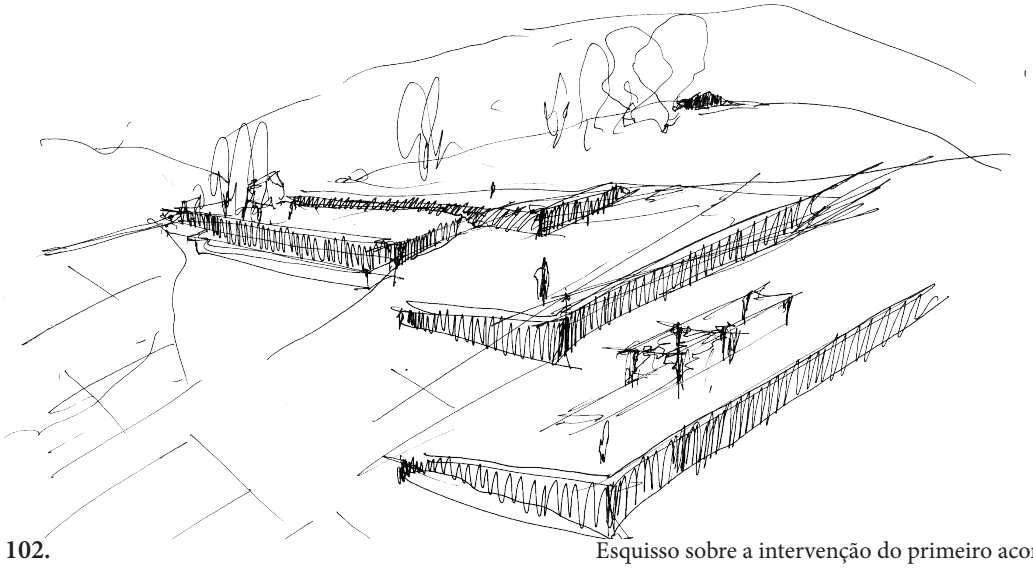
**100.** Esquisso-corte sobre o primeiro acontecimento

60 c.f., ver as entrevistas nos anexos
61 c.f., ver as entrevistas nos anexos
62 c.f., ver as entrevistas nos anexos



**101.** Foto sobre o lado nascente do primeiro acontecimento

*"Quando chegávamos, aquelas árvores todas 'por ali fora', era um sítio muito bonito." "tenho saudades da fonte que lá havia, que fosse reconstruída e reparada…tenho saudades da igreja (…) Tenho saudades da cultura que lá se fazia…"*

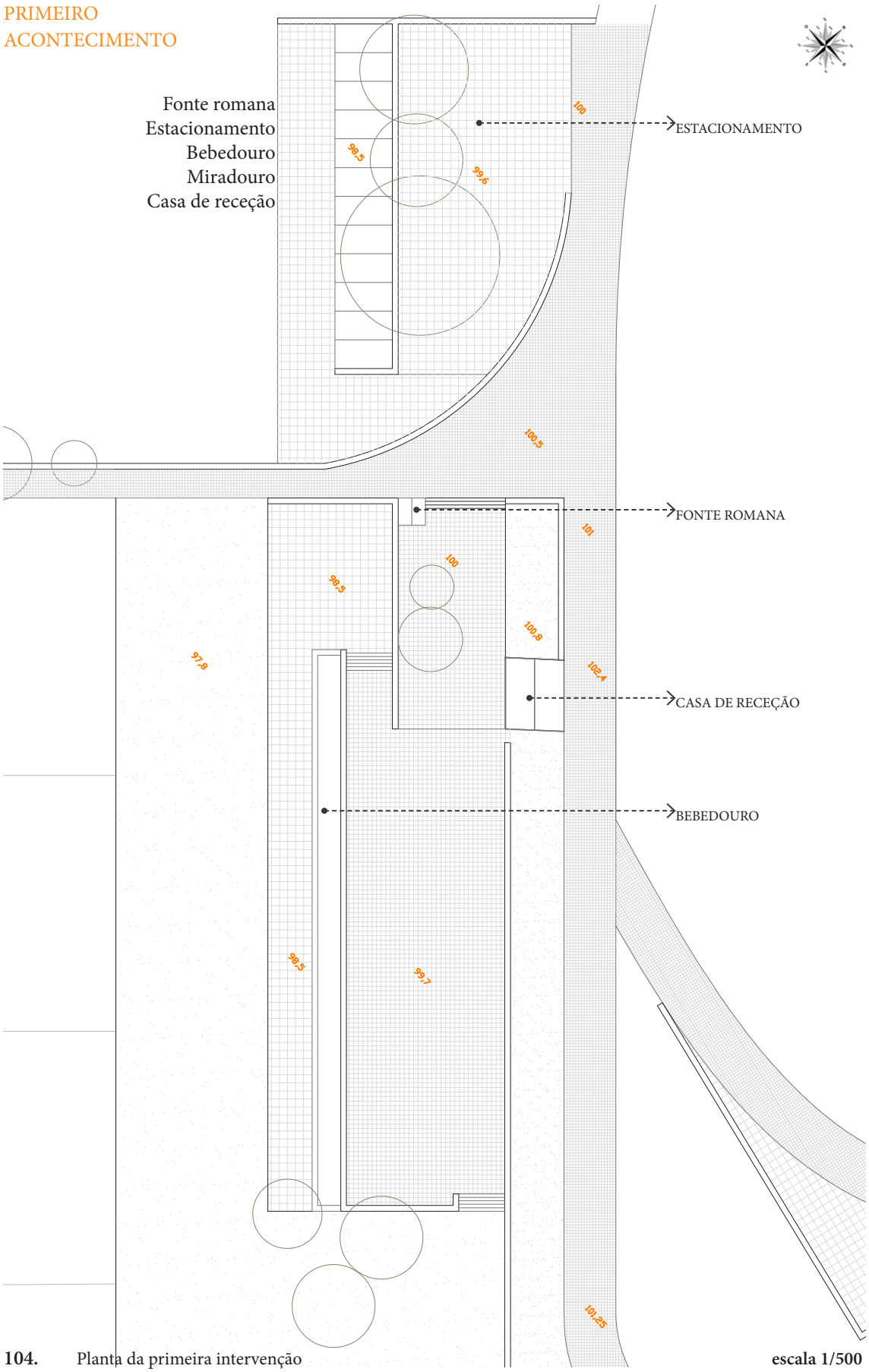


**102.** Esquisso sobre a intervenção do primeiro acontecimento
Desenho das plataformas e a ligação com terreno



**103.** Foto-montagem sobre a intervenção do primeiro acontecimento

PRIMEIRO
ACONTECIMENTO



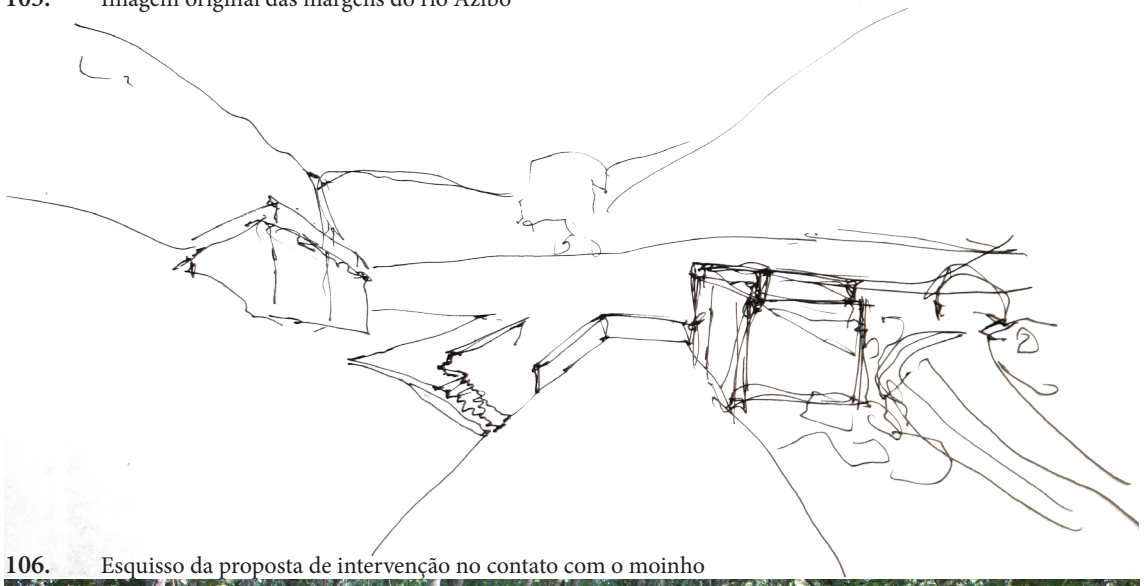

**104.** Planta da primeira intervenção **escala 1/500**



**105.** Imagem original das margens do rio Azibo

*"A vida de Banreses era uma vida de campo, andávamos por lá à pesca, havia muito peixe, muita agricultura, era tudo produzido, Ainda viveram uns anos."*

*"Os dois moinhos, que se encontram junto ao rio pertencem à minha família. Um desses moinhos chegou a estar adaptado a motor..."*



**106.** Esquisso da proposta de intervenção no contato com o moinho



**107.** Foto-montagem da plataforma sobre o rio Azibo no segundo acontecimento

## SEGUNDO ACONTECIMENTO

O rio Azibo, a linha de água que define a implantação da aldeia, tem a sua importância para a definição do lugar. Define-se assim uma estratégia que possa reabilitar a margem do rio e propõe-se a ligação entre as duas pré-existências dos moinhos ao longo da orla. Nas margens *"os choupos que existem cresceram tanto ... antigamente não era nada daquilo"*. Esta descaracterização do rio necessitaria da manutenção das suas bordas. Para isso, clarificar-se-iam as margens, permitindo a visualização do rio e sua delimitação com um percurso.

Este percurso seria diferenciado através da sua materialidade, neste caso em madeira e pontuado nas suas extremidades pelos moinhos. Neste sentido, propor-se-ia um novo programa a estas estruturas, como por exemplo uma piscina-rio. Este programa pretende reabilitar as antigas vivências do moinho, propondo novos hábitos, ou seja; o espaço interior destas pré-existências transformar-se-ia numa piscina. Para assegurar este programa, poder-se-iam anexar ambos os moinhos, outros programas nas outras pré-existências.

Neste caso, no moinho a norte da aldeia junto à ponte, propor-se-ia para a antiga habitação, uma nova função. Esta estrutura complementaria o moinho, anexando-se uma zona balnear. Na outra extremidade do caminho,  o outro moinho. Também nas suas estruturas adjacentes anexar-se-iam outros programas de complemento à piscina-rio.

SEGUNDO
ACONTECIMENTO

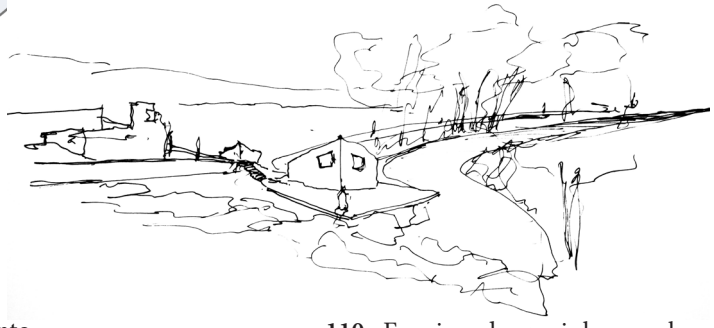
Piscina-rio
Balneários
Espaços de Lazer
Percurso sobre a margem do rio



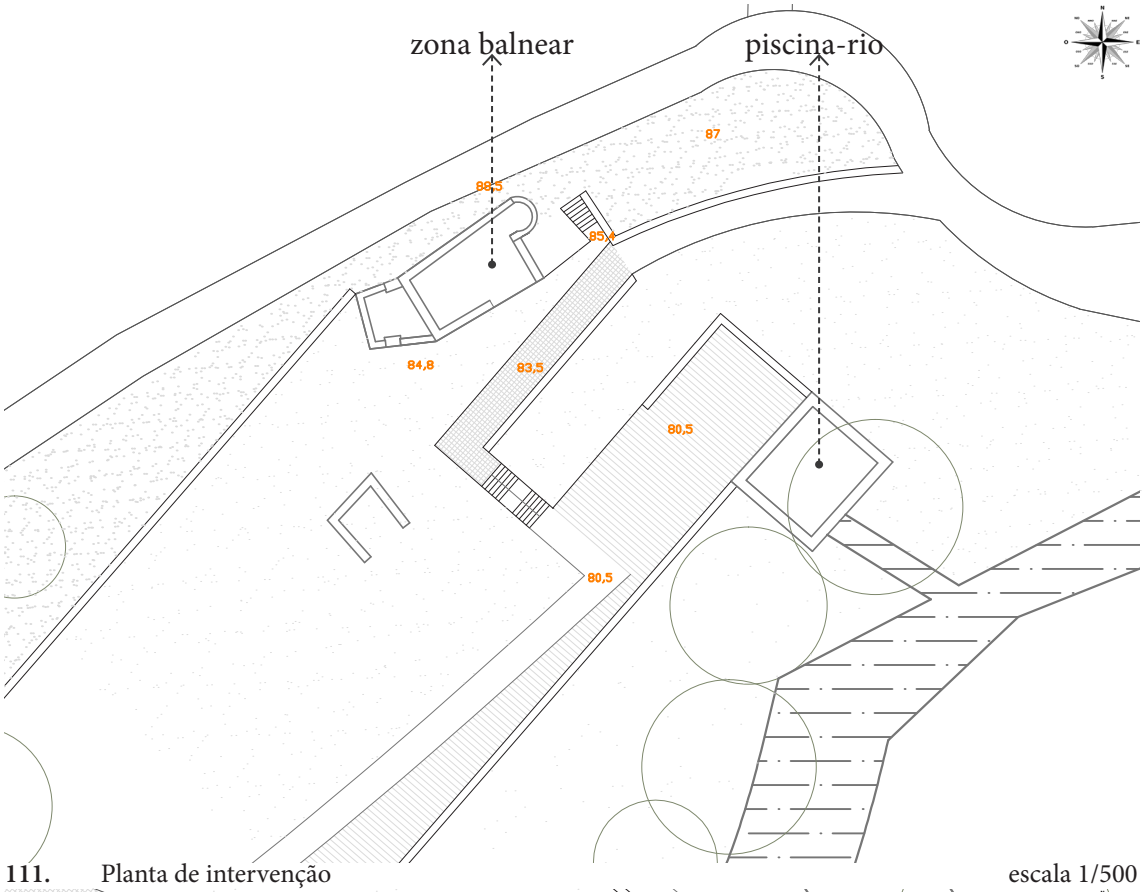
**108.** Esquisso do percurso na margem do rio Azibo



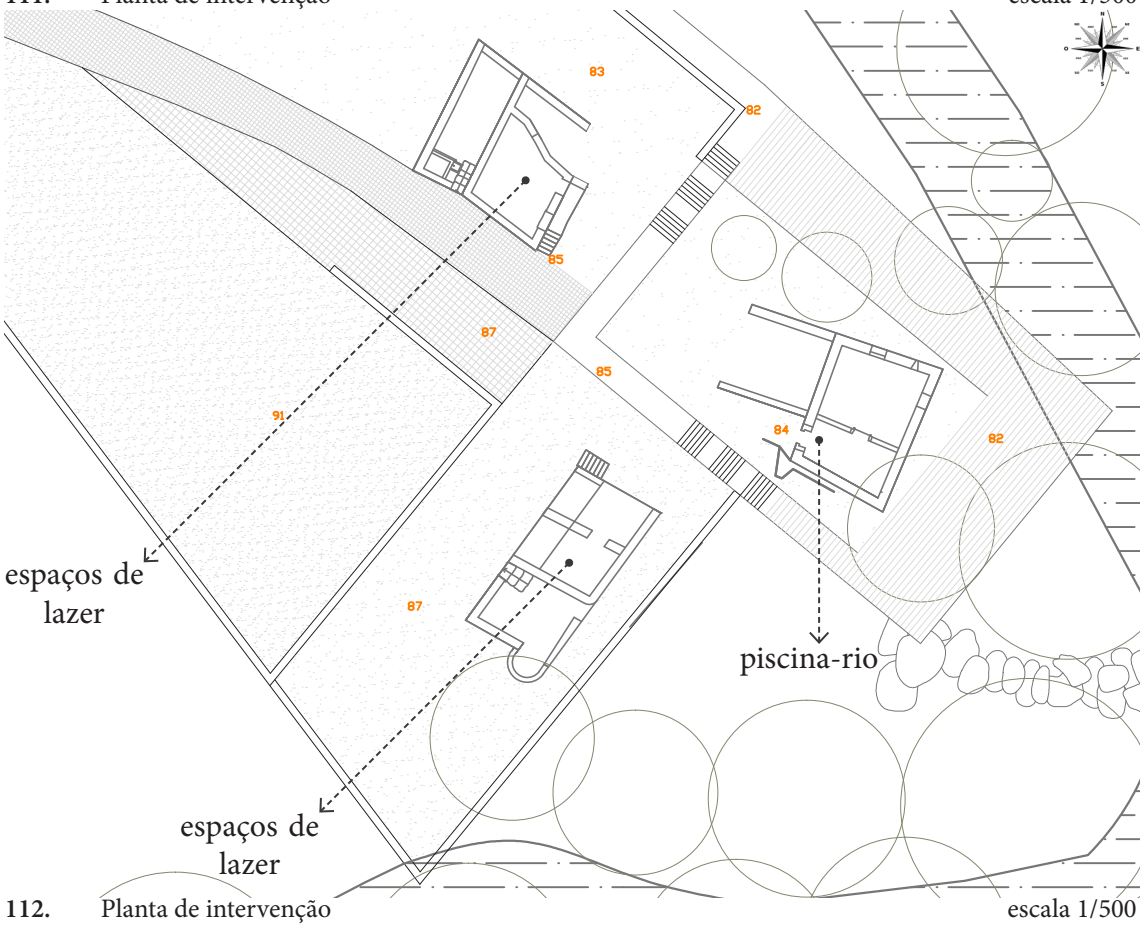
**109.** Planta do segundo acontecimento



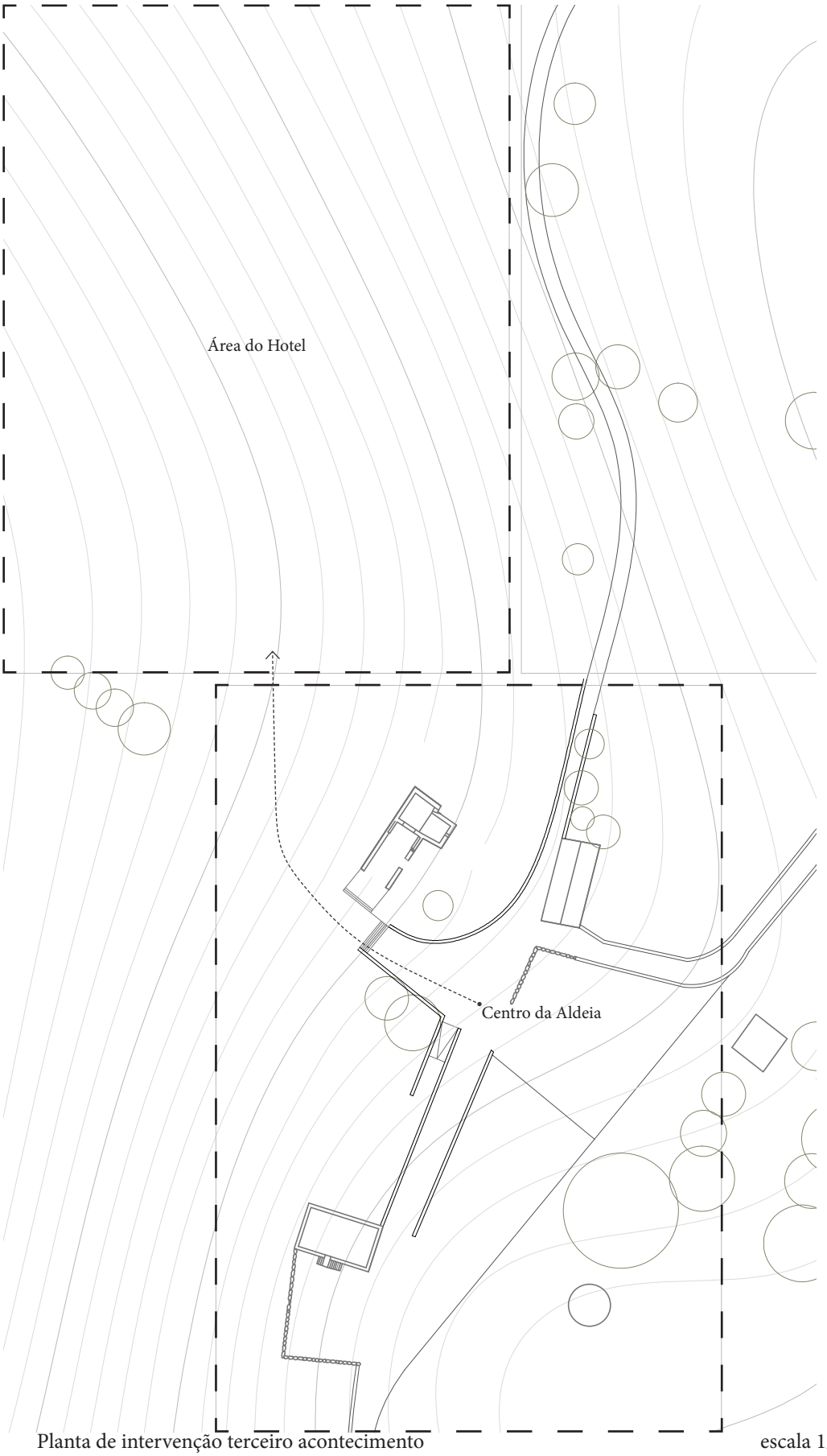
**110.** Esquisso dos moinhos a sul




**111.** Planta de intervenção escala 1/500




**112.** Planta de intervenção escala 1/500



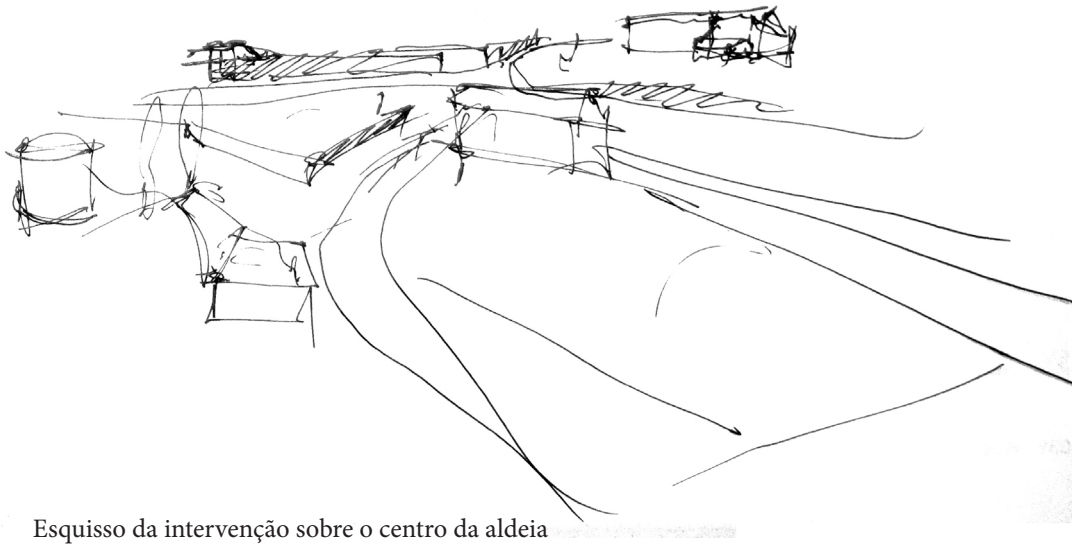

**113.** Planta de intervenção terceiro acontecimento escala 1/1000

## TERCEIRO ACONTECIMENTO

Este terceiro acontecimento vem ao encontro do interesse desmonstrado por parte do promotor privado, que tinha a intenção de construir um hotel na aldeia, neste sentido define-se uma área de implantação para o hotel.

Esta ideia do hotel, não se enquadraria no percurso, mas poderia fazer parte da unidade da aldeia. Sob este pretexto, a implantação da área do hotel localizar-se-ia no lado oeste, afastando-se em relação ao caminho e aproximando-se da igreja. Em relação à implantação das piscinas designar-se-ia à área do hotel, deixando a imediação do parque das oliveiras e do pombal, na integração da centralidade do lugar.

Neste sentido, o espaço exterior da igreja formalizar-se-ia no centro da aldeia. Este acontecimento pretende recuperar a memória do lugar – na reconstrução da forma da igreja, no arranjo do espaço exterior, a partir dos limites das pré-existências e na amarração da área do hotel com o centro. Esta centralidade poderá albergar novos usos, programas que se anexam à igreja e definem este espaço.



**114.** Esquisso da intervenção sobre o centro da aldeia

*"Que houvesse um investimento por parte das entidades privadas virado para o mercado turístico, só isso…"*

*"Esta empresa estava interessada em comprar os terrenos em Banreses, o terreno junto ao pombal, queriam fazer as piscinas. O hotel que queriam construir ficava acima do caminho da igreja. …"*

*"se me saísse o euromilhões, aquela quinta, a nossa parte, fazia na aldeia um aldeamento turístico, um hotel de luxo."*



**115.** Imagem original do espçao de intervenção

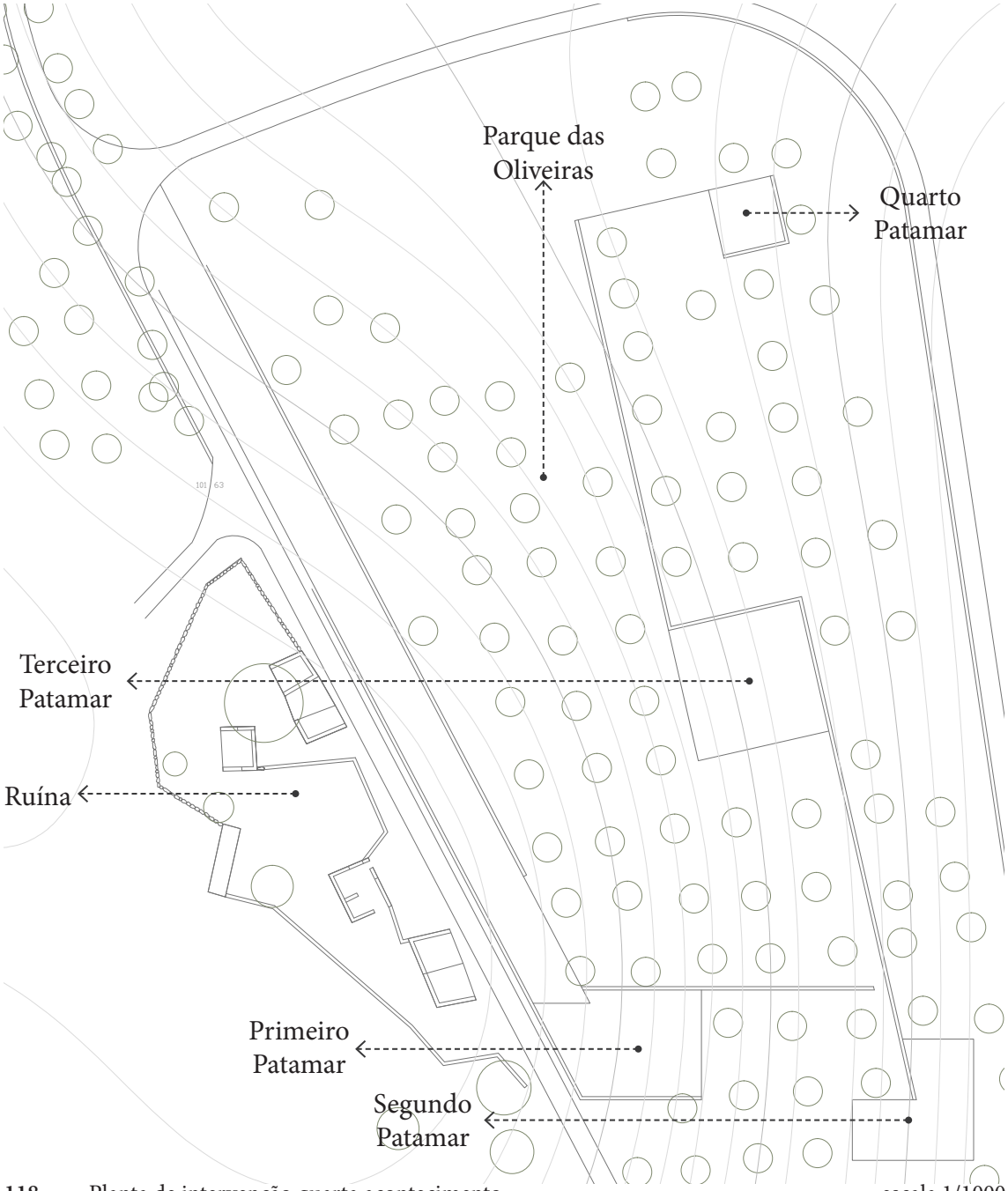


**116.** Foto-montagem da intervenção

TERCEIRO
ACONTECIMENTO




**117.** Planta de intervenção ao terceiro acontecimento escala 1/500




**118.** Planta de intervenção quarta acontecimento escala 1/1000



**119.** **Imagem sobre o Parque das oliveiras**

## QUARTO ACONTECIMENTO

A sul da aldeia, junto ao percurso principal, propor-se-á o último acontecimento deste projeto

Do lado Este situam-se as ruínas da eira, palheiros e outras construções ligadas à atividade agrícola. A este conjunto vamos designá-lo por estaleiro. A ruína diferencia-se em relação a outras construções da aldeia; constitui um espaço amuralhado, com diferentes construções no interior. Presentemente as características desta função são quase inexistentes, sendo impossível percecionar os hábitos deste construção. Deste modo, pretendemos que as ruínas representem o seu significado, enquanto objeto associado à natureza e à memória.

Do lado oeste, o antigo olival atualmente descaracterizado pelo abandono, conjetura uma organização de espaço. A localização sobranceira à linha principal do rio Azibo, sobressai pela posição privilegiada, face ao resto da aldeia, o que potencia sinergias na estruturação de um parque temático. Conservando a maior parte das oliveiras, algumas com porte frondoso, deixando antever a sua existência secular, todo o restante espaço seria mais que suficiente para recordar ao visitante toda a história de Banreses.



**120. Esquisso do parque das oliveiras e o centro da aldeia**

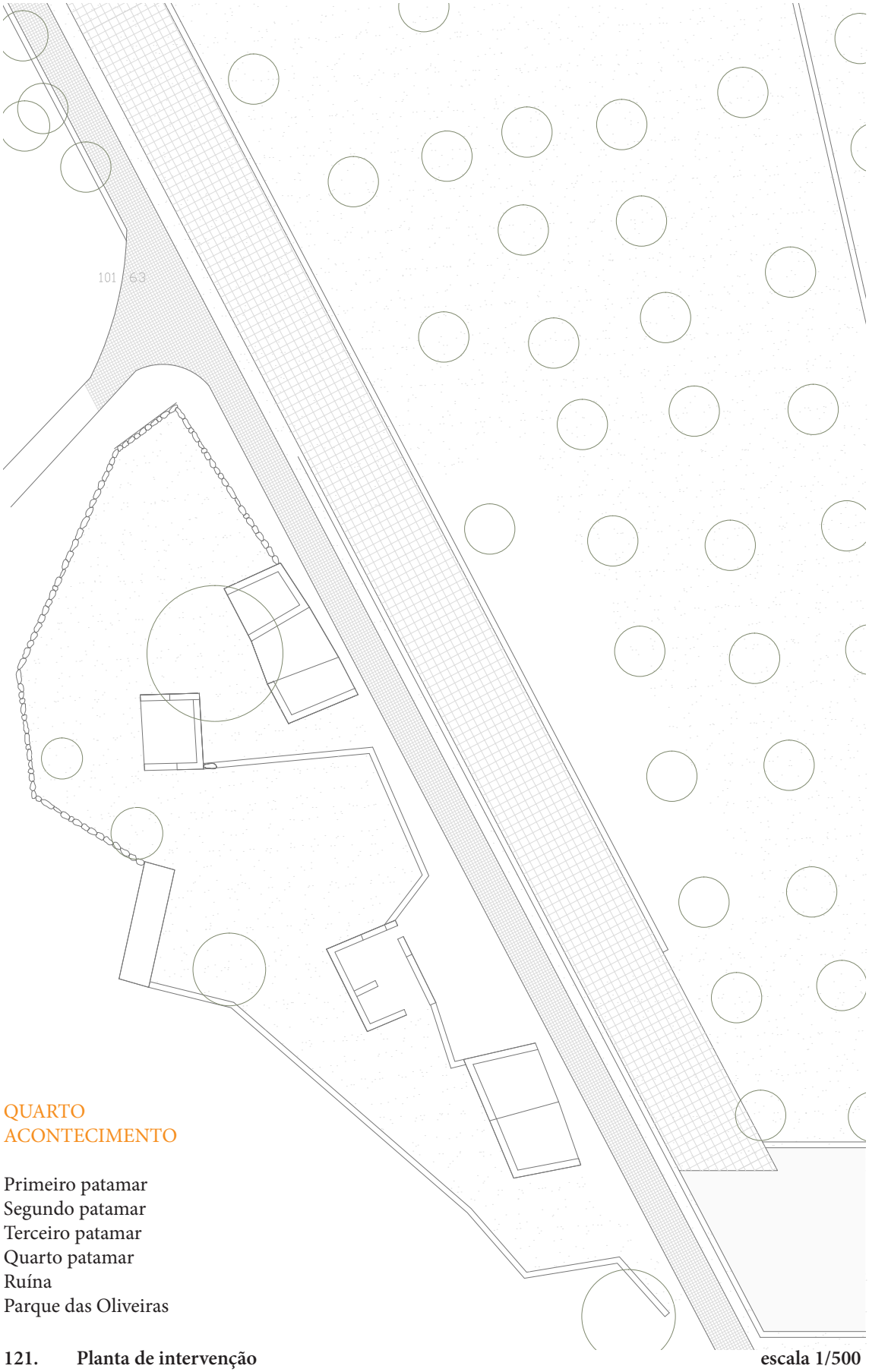
Dado o declive que vai do percurso principal até à zona onde antes existiam as hortas, a parte plana que confina com a margem do rio, criar-se-iam zonas em socalcos/patamares, interligadas por caminhos pedonais e por degraus. A distribuição não obedeceria a critérios rigorosos, tão só a história de um lugar que já gozou de alguma importância quer económica, pelos produtos ali fabricados e depois comercializados, devido à sua posição estratégica, bem como social, dada a presença de uma igreja com um prior, o que pressupõe a influência daquelas gentes no contexto de toda a zona envolvente.

No primeiro patamar mostrar-se-iam os produtos agrícolas fabricados, a saber a cultura do linho, da seda, terminando nas tradicionais culturas. Paralelamente os utensílios, arado, carro dos animais, como exemplo haveria uma parte do campo para amostra destas culturas.

No segundo patamar apareceria a pecuária e seus produtos derivados, carne, leite, queijo e a lã. A atividade pastorícia representou uma parte assaz importante, prolongando-se até ao último habitante a sair da aldeia. A cabra, a ovelha e os muares, (o burro e o macho) foram sem dúvida os animais que deram vida aos seus habitantes. Ultimamente também o boi teve o seu papel. Criar-se-iam estábulos para cada uma destes animais.

No terceiro patamar mostrar-se-ia como funcionavam os moinhos, sobretudo os movidos a água, pois mais recentemente já havia a motor devido à escassez da água do rio.

Num quarto patamar criar-se-ia uma parte mais lúdica, com projeção de slides a documentar toda a história, a mais antiga e a mais recente com testemunhos dos poucos habitantes que nasceram e habitaram esta terra.




QUARTO
ACONTECIMENTO

Primeiro patamar
Segundo patamar
Terceiro patamar
Quarto patamar
Ruína
Parque das Oliveiras

**121. Planta de intervenção** **escala 1/500**



# 04
# CONSIDERAÇÕES FINAIS

No culminar do trabalho de investigação valoriza-se o facto de esta se ter revelado uma experiência extremamente benéfica e singular, adequando-se perfeitamente à reta final do percurso académico, absorvendo conhecimentos e novas faculdades para a prática da Arquitetura, como também contribuindo para a valorização e desenvolvimento de atributos a um nível pessoal.

De realçar que o trabalho aqui desenvolvido não pretende ser algo estanque, mas sim uma etapa que se deseja contínua e útil para um futuro. A dissertação surge como a prova de um registo de construção de uma ideia.

Este estudo sobre Banreses, uma ruralidade abandonada, veio contribuir para mais um testemunho sobre o território Português. O objeto passou pela exploração de um lugar, uma aldeia, uma ruína, uma identidade, uma memória…Estas palavras usadas ao longo da dissertação resumem a descoberta que foi feita, de uma terra de Trás-os-Montes, caraterizada pela sua Arquitetura vernácula, a sua paisagem rural, o seu território disperso sobre os montes, vales e rios, um lugar onde o mistério da sua génese ficará perpetuado no esquecimento das formas. Esta efemeridade formal, evocada pelas ruínas, são preceitos para a procura da identidade e memória do lugar.

Ambicionávamos dar a conhecer a aldeia de Banreses. As dificuldades encontradas pelo caminho ditaram uma caraterização pessoal sobre o lugar e a sua envolvente. Dos "frutos" colhidos das análises tomadas, ressaltaram alguns fatores, uns pertinentes, outros por mera curiosidade para a caraterização do lugar.

Decidiu-se refletir sobre o lugar, já que as suas construções a isso o permitem. As ruínas são formas que estão inteiramente ligadas à natureza e com uma conotação direta com o Homem. Deste modo, a identidade do lugar foi-nos dada através da memória dessas formas esquecidas no tempo.

Na ressalva da aldeia de Banreses, especulou-se sobre a pertinência de um projeto. Escreveu-se e desenhou-se um plano que convida ao visitante a conhecer e a não esquecer o que foi e poderá ser eventualmente. Queremos que este plano seja um contributo para novas possibilidades de desenvolvimento deste e doutros lugares similares.

O arquiteto exprime-se com a arte de projetar, "*um organizador de espaços e um criador de ordem*" [63], após o entendimento e a reflexão sobre a aldeia. Interpretamos espaços e organizamos ideias que possibilitam a construção de uma base que possa vir a ser complementada.

Banreses é sem dúvida, mais um ponto que vem validar a exploração daquilo que existe e a descoberta daquilo que existiu. Desta forma, o *"…recordar a memória do antepassado..., é bem verdade que não basta gravar o nome numa pedra, a pedra, sim senhores, salvou-se, mas o nome, se todos os dias não forem ler, apaga-se, esquece, não está cá."*[64]

---

63 Porfírio Pardal MONTEIRO, 1935, *"O Espírito Clássico"* in "*Teoria e Crítica de Arquitectura* - século XX*"* , 2010, Lisboa,Ed. Caleidoscópio, p.252

64 José SARAMAGO, 1984, "*O Ano da Morte de Ricardo Reis"*, 2002, Porto, Colecção Mil Folhas, pág. 49

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES, 1988, *"Arquitectura Popular em Portugal"*, Lisboa, Associação dos arquitectos portugueses

AUGÉ, Marc, 2001, *"As Formas do Esquecimento",* Almada, Íman Edições

BAÇAL, de Abade, 1977, *"Memórias Arqueologico – Históricas do Distrito de Bragança"* Bragança: Câmara Municipal de Bragança / Instituto Português dos Museus – Museu Abade Baçal

BRITO, Joaquim Pais de, 1996, *"Retrato de aldeia com espelho"* Lisboa, Publicações Dom Quixote

COSTA, Alexandre Alves, 2005, *"Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa"*, Porto, Publicações Faup

DIAS, Jorge, 1984, *"Rio de Onor, comunitarismo agro-pastoril"* Lisboa, Editorial Presença

DOMINGUES, Álvaro, 2010, *"A vida no campo"*, Porto, Publicações Faup.

ENCICLOPÉDIA EINADI, 1984, Volume I, *"Memória-História",* Lisboa; Imapressa - Casada Moeda

FREITAG, Michel, 2005, *"Arquitectura e Sociedade",* Lisboa, Publicações Dom Quixote

GALHANO Fernando, OLIVEIRA, Ernesto Veiga, 2003, *"Arquitectura Tradicional Portuguesa.",* Lisboa, 5º Edição, Publicações Dom Quixote

HEIDEGGER, Martin, 2012, (1977), *"A Origem da Obra de Arte",* Lisboa, edições70

LEAL, João, 2000, "*Etnografias Portuguesas: Cultura Popular e Identidade Nacicional",* Lisboa, Publicações Dom Quixote.

LEAL, João, 2008, "*Arquitetos, Engenheiros, Antropólogico: Estudos sobre Arquitectura Popular no século XX português*", Fundação Instituto Arquitecto José Marquês da Silva

MENDES, Carlos de Alberto Santos, 2005, *"Macedo de Cavaleiros (Cultura, Património e Turismo)"* Câmara Municipal de Macedo de Caveleiros

MÉNERES, António. 2006, *"Dos anos do inquérito à arquitetura regional portuguesa"* Porto, Publicações Faup

MONTANER, Josep Maria, 2013, "A Modernidade Superada", Barcelona, Editorial Gustavo Gilli

NESBITT, Kate, 1996, *"Theorizing a new Agenda for Architecture, an Anthology of Architecture Theory 1965-1995",* Nova Iorque, Princeton Architectural Press

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1988 "Construções Primitivas em Portugal, Lisboa, Dom Quixote

PALLASMA, Juhani, 1950, *"The eyes of the skin",* Londres, Artmedi Press, Ltd

PIRES, Armando, 1963, *"Monografia do Concelho de Macedo de Cavaleiros"*, Junta Distrital de Bragança

ROSSI, Aldo, 1998, *"Autobiografia científica"*, Barcelona, Ed. Gustavo Gilli

RODRIGUES, José Manuel (Coord.), 2010, *"Teoria e Crítica de Arquitectura - Século XX"*, Lisboa, Ordem Arquitectos - Secção Regional; Caleidoscòpio

TÁVORA, Fernando, 1947, (1945) *"O Problema da casa Portuguesa",* Lisboa, Edição Organizações, Lda.

TÁVORA, Fernando, 2007, "Da Organização do Espaço", Porto, Publicações Faup

TRIGUEIROS, Luiz, 1993, *"Fernando Távora"*, Lisboa, Edições Blau

## FONTES

**Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros**

_Cartografia em suporte digital relativo ao concelho de Macedo de Cavaleiros

**Posto de Turismo de Macedo de Cavaleiros**

_Informação sobre Macedo de Cavaleiros e sobre a aldeia de Banreses

## TRABALHOS ACADÉMICOS

PIMENTEL, Pedro Maria Pereira Coelho Vaz - Espaço e arquitectura na aldeia da Moimenta da Raia. Porto: Faup, 2002. Ano letivo 2001/2002

FERNANDES, Diana Andreia Ribeiro - Princípios para uma proposta de intervenção na aldeia de Ermelo. Porto: Faup, 2008. Ano letivo 2007/2008

NORTON, Maria Isabel Pinhal Neves Salazar - Alcaria de Mazes; Reconhecimento, Reflexão e Príncipios de Intervenção. Porto: Faup, 2009. Ano letivo 2008/2009

BORGES, Carisa Inês Sousa - Redesenhar a memória: intervir no património vernacular da Fajã das almas. Porto: Faup, 2009. Ano lectivo 2008/2009

DIAS, João Pedro Antunes - Aldeias de xisto: o turismo como futuro para áreas rurais. Porto: Faup, 2011. Ano lectivo: 2010/2011

SILVA, Miguel Vieira Pereira da - A importância do passado na procura do contemporaneidade. Porto: Faup, 2003. Ano lectivo: 2002/2003

CRUZ, Rodrigo Martingo - A arquitectura e o lugar, Moldes, Arouca: a identidade do lugar como método de aproximação ao projecto de uma habitação unifamiliar. Porto: Faup, 2008. Ano lectivo: 2007/2008

## REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS


http:// wikipedia.pt

http:// snig.igeo.pt

http:// www.bingmaps.com

http://sniamb.apambiente.pt/webatlas/

http://www.terrasquentes.com.pt/

http:// www.cm-macedodecavaleiros.pt

http:// masaedo.blogspot.pt/search/label/Banreses

http:// mardepedra.blospot.pt

http:// salselas.blogspot.pt

http://adriveinmycountry.blogspot.pt/

http:// purl.pt/index/cart/tilte/PT/C.html

http:// coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/05/29/regionalismo-crítico/

http://www.jornalnordeste.com/noticia.asp?Action=noticia&id=12577&idEdicao=284&idSeccao=2559#.UkJDXYZvPXl

http://www.mundoportugues.org/content/1/1769/aldeias-desertas-trasos-montes-podem-dinamizar-turismo

http://www.territorios.org/teoria/H_C_primitiva.html


## CONVERSAS


Srª. Maria Helena Cavalaria, filho do último moleiro, ex-habitante de Banreses

Sr. João Trobisco, Presidente da Junta de Vale da Porca

Srª. Eugénia Lago, ex-habitante de Banreses

Sr. Luís Lago Teixeira, filho de Eugénia Lago

Sr. Francisco Sarmento

Sr. Américo Simão, ex-habitante de Banreses

Srª. Amélia Pinela

## REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

Todas as imagens são originais, do autor, à exceção das que são refrenciadas

**001.** Máscara dos caretos de Podence, disponível em *http://www.feitoria.com.pt/pt/catalogo/feitoria/festas-e-religiao/mascara-de-podence,* consultado no dia 22/06/13. Modificação feita pelo autor

**002.** Planta Corografica de Portugal 1855, disponível em *http://purl.pt/index/cart/title/PT/C.html,* consultado no dia 18/04/13

**003.** Ficheiro digital do Sector da Carta Militar nº 078, cedido pela Câmara de Macedo de Cavaleiros. Modificacado pelo autor

**004.** Sector da Carta Militar nº 078, cedida pela Câmara de Macedo de Cavaleiros

**005.|006. |007.** Mapa elaborado pelo autor com base nos:
Sectores das Cartas Militares nº 49,50,51,63,64,65,77,78,79,91,92,93.

**009.** Foto aérea elaborada pelo autor com base
Foto retirado em *http://bingmaps,* no dia 15/02/13
Planta digital elaborado com base na Carta Militar nº 078

**015.** Sector aproximado da Carta Militar nº 078

**016.** Foto aérea retirada em *http://googlemaps.com,* consultado no dia 20/03/13

**017. | 021**. Planta elaborada pelo o autor com base:
Levantamento realizado em Banreses
Ortofotomapa, cedido pela Câmara de Macedo de Cavaleiros

**022.** Foto aérea retirada em *http://www.bingmaps.com*, no dia 12/06/13

**024. | 025.** Imagens disponíveis no livro "*Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudo sobre Arquitectura Popular no século XX*", LEAL, João 2008

**035. | 036. | 037. | 038.** Imagens disponíves no livro *"Arquitectura Tradicional Portuguesa."* GALHANO Fernando, OLIVEIRA, Ernesto Veiga, 2003

**039. | 040. | 041. | 042.** Imagens disponivéis no livro *"Arquitectura Tradicional Portuguesa."* GALHANO Fernando, OLIVEIRA, Ernesto Veiga, 2003

**069.** Imagem de uma chave encontrada pelo autor, no dia 27/05/13, aquando da realização do levanto de uma ruína

**071.** Imagem disponível em *http://mariajoaodealmeida.clix.pt/catalogo_noticias.php?ID=378&ID_=ORG=,* consultado no dia 10/06/13

**073**. Imagem disponível em *http://entreminhoeaserra.blogspot.pt/2012/07/o-aprovietamento-do-rio-e-ribeiro_de.html*, consultado no dia 10/06/13

**075.** Imagem disponível no livro *"Eduardo Souto de Moura-Atlas de Parede, Imagens de Método",* Dafne Editora

076. Imagem disponível no livro *"Fernando Távora, Modernidade Permanente"*, Associação Casa da Arquitectura, 2012

077. Imagem disponível em *https://marketplace.secondlife.com/p/SALE-Salvador-Dali-The-Persistence-of-Memory/3544380?id=3544380&slug=SALE-Salvador-Dali-The-Persistence-of-Memory*

**078.** Imagem disponível em *http://tamburina.tumblr.com/post/22230199896/rene-magritte-memory-1948*

**080.** Imagem disponível em *http://www.798artgallery.com/Artists/Panini-Giovanni-Paolo/Roma-Antica-c-1755-oil-paintings-3479.html*

**081.** Imagem disponível em *http://multivu.prnewswire.com/mnr/corcoran/42046/*

**082.** Imagem disponível em *http://www.liverpoolmuseums.org.uk/walker/collections/19c/daguerre.aspx*

**083.** Imagem disponível em *http://www.798artgallery.com/Artists/Panini-Giovanni-Paolo/Apostle-Paul-Preaching-on-the-Ruins-1744-oil-paintings-3471.html*

084. Imagem disponível em *http://arthistory.about.com/od/from_exhibitions/ig/making_nature/moela_agsa_09_02.htm*

085. Imagem disponível em *http://paintingdb.com/view/8172/*

**BANRESES_UMA RURALIDADE ABANDONADA**

**Anexos: Inventário**


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

# LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



1



2



3



4



5



7



6



8



11



10



9



12



13



14



15



16


17
18
19
20
21
22
23
26
27
28
29
30


17


18


19


20


21


22


23


24


25


26


27


28


29


30


33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
42



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



41





42



43


44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56



44



45



46



47



48



49



50



51



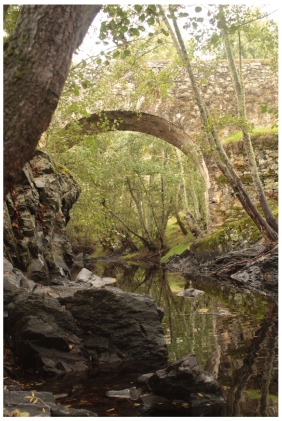
52



53



56



54

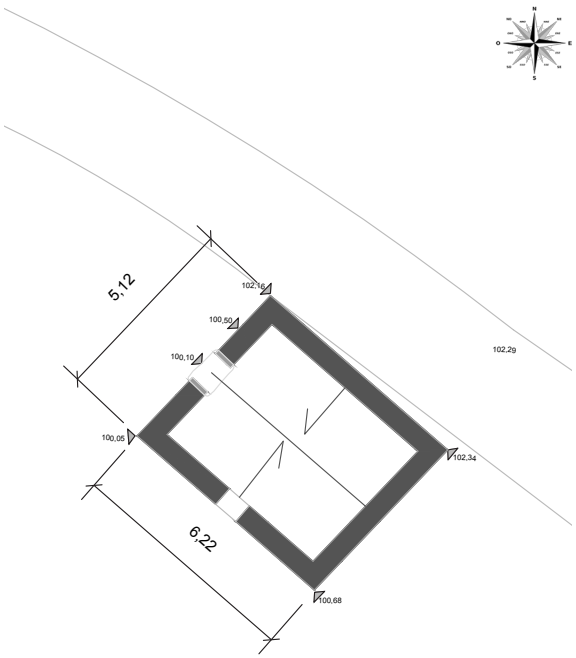


55


I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX

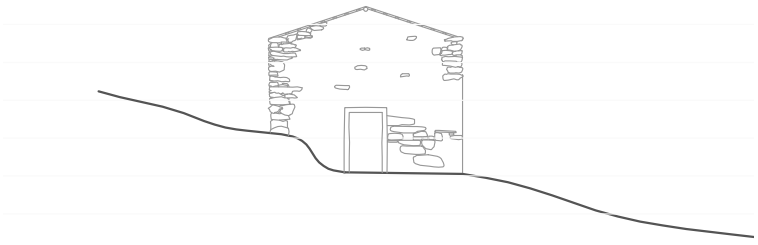
# FICHAS TÉCNICAS

I

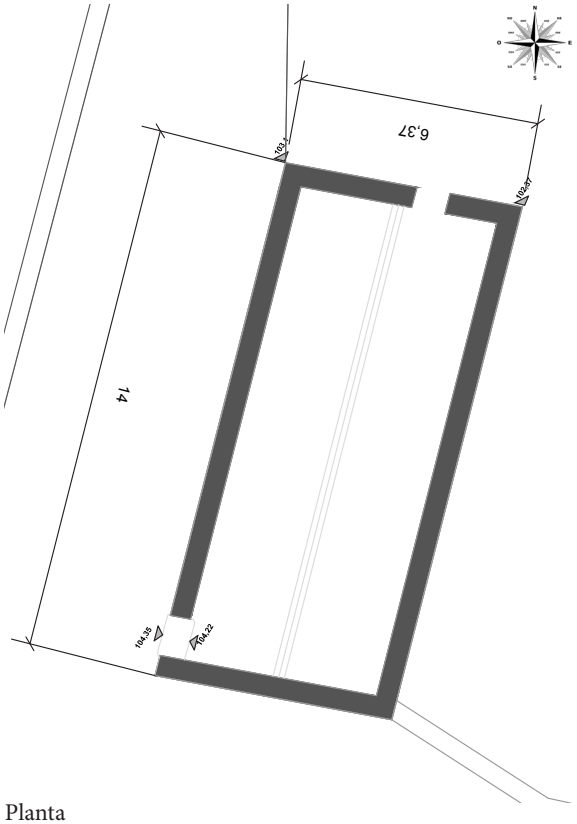



Planta

escala 1/200

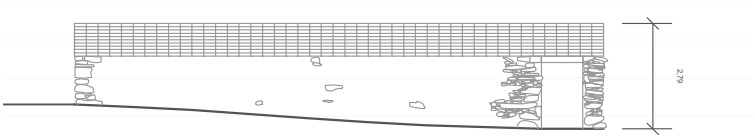


Alçado Noroeste escala 1/200

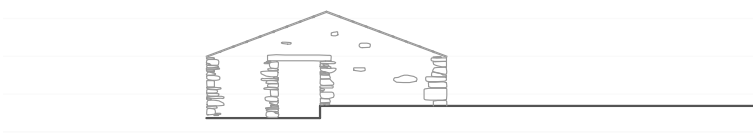



Planta

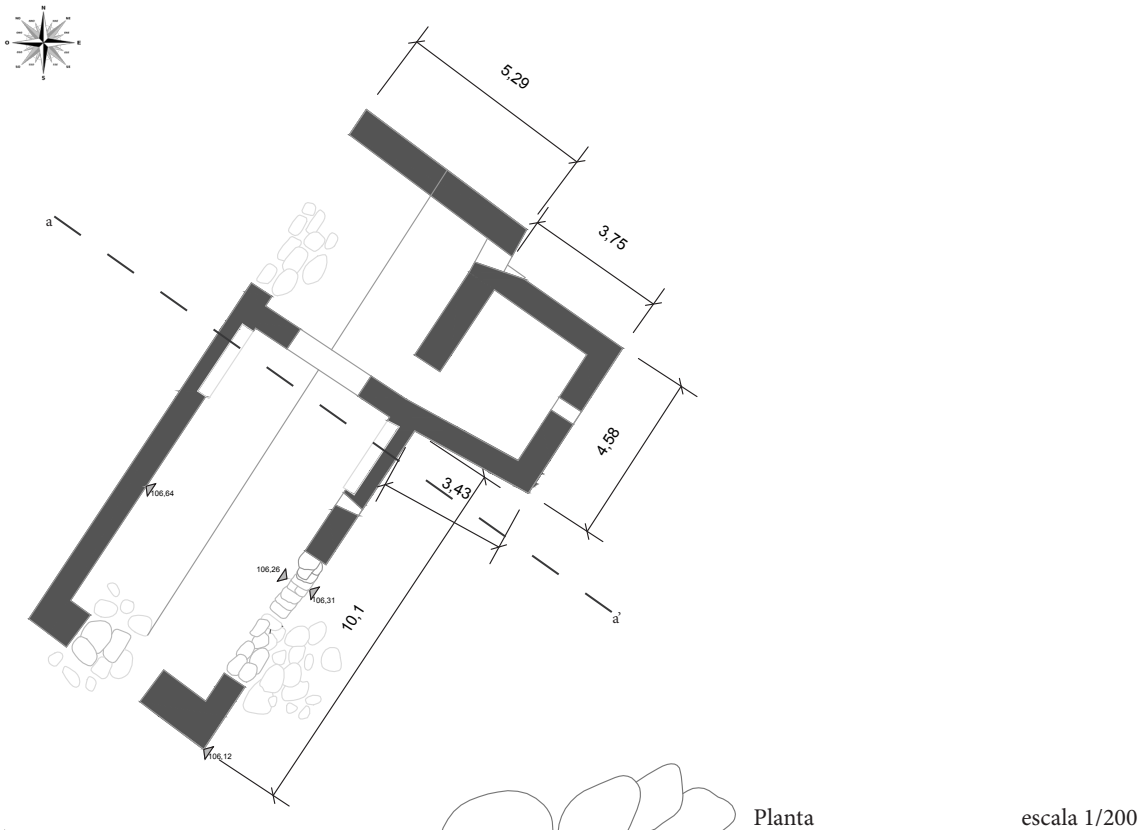
escala 1/200



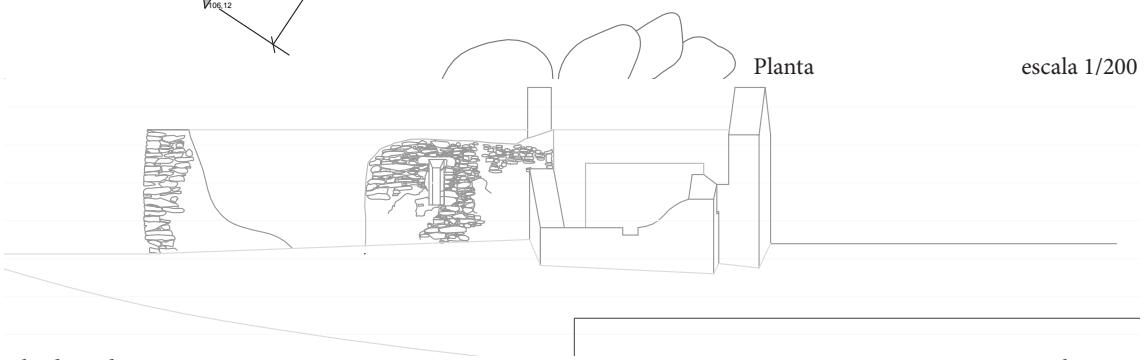

Alçado Noroeste escala 1/200



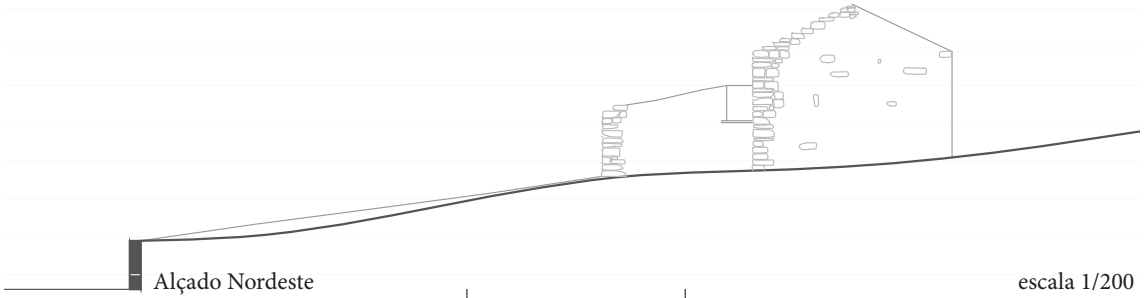
Alçado Norte escala 1/200



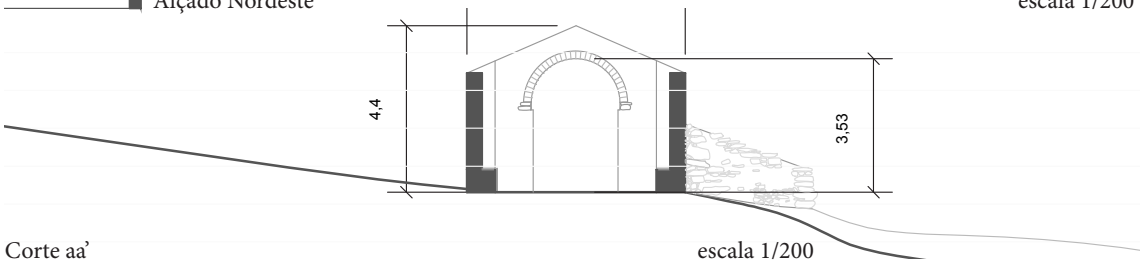

Planta escala 1/200



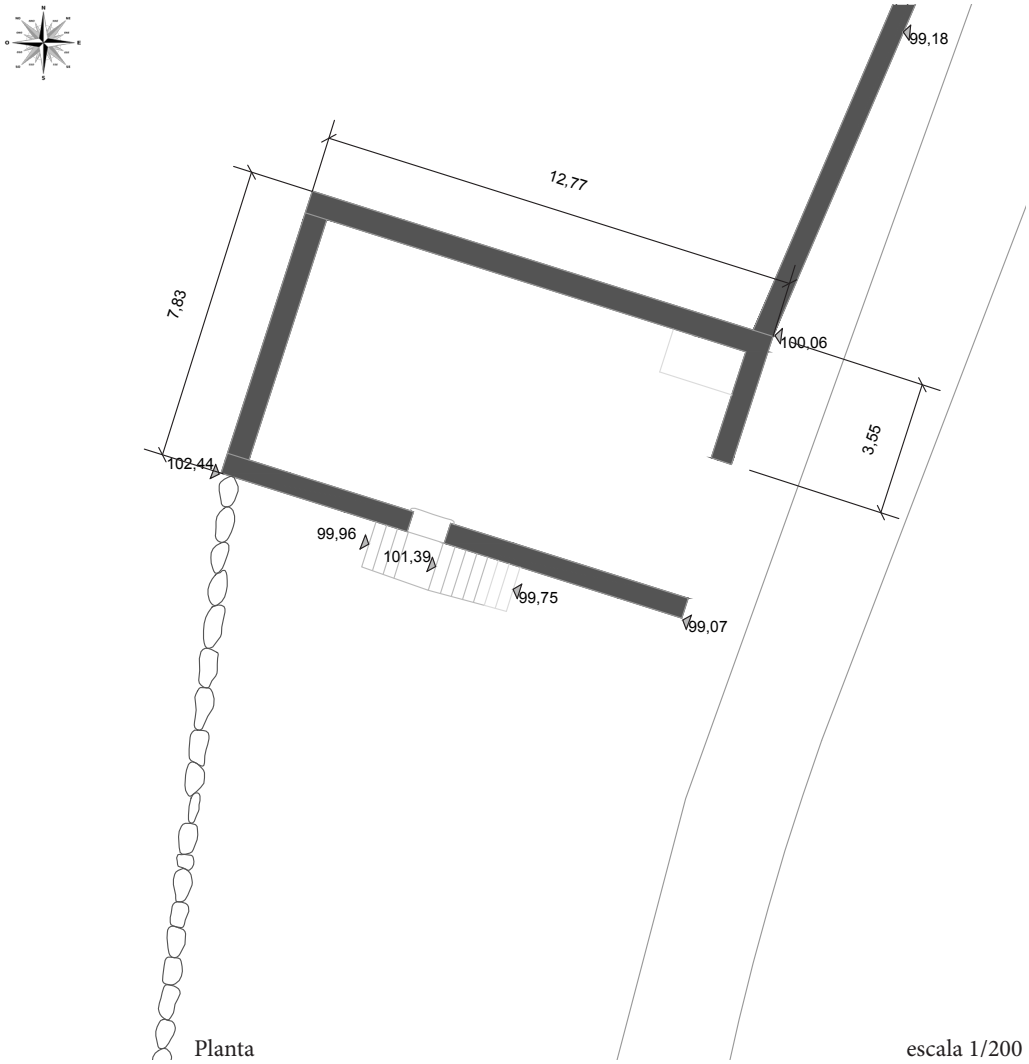
Alçado Sudeste escala 1/200



Alçado Nordeste escala 1/200



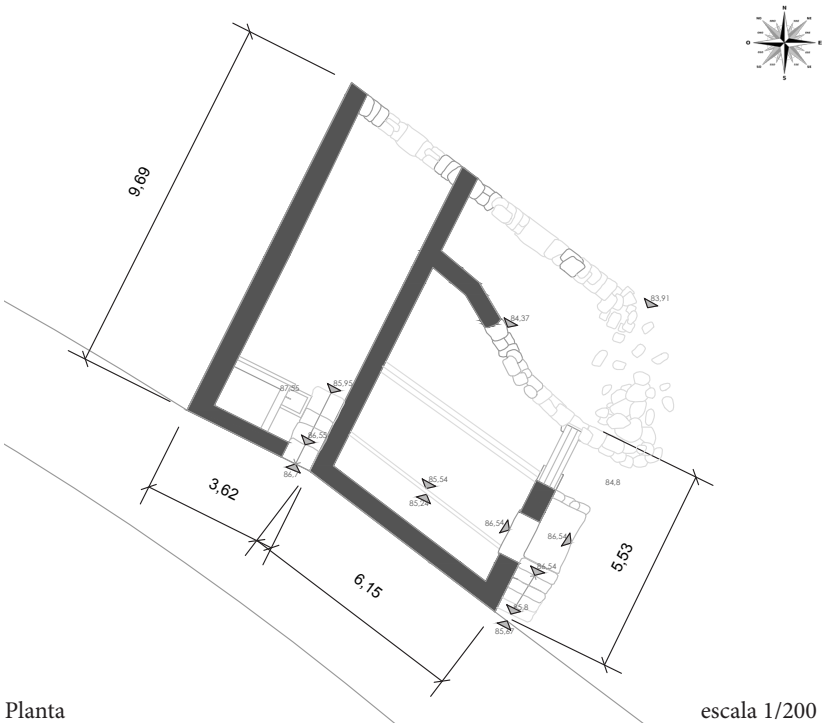

Corte aa' escala 1/200



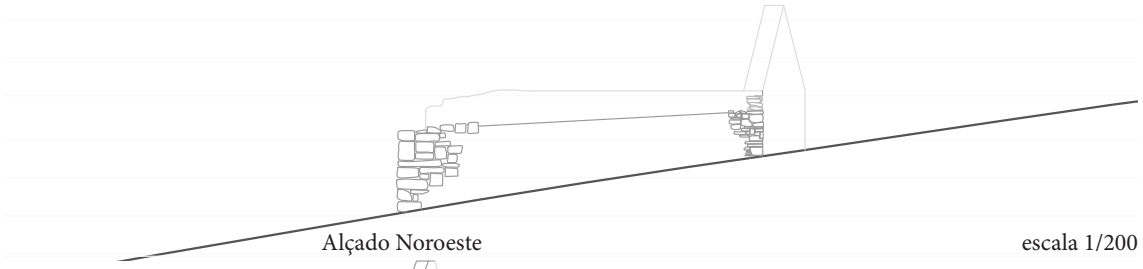

Planta escala 1/200



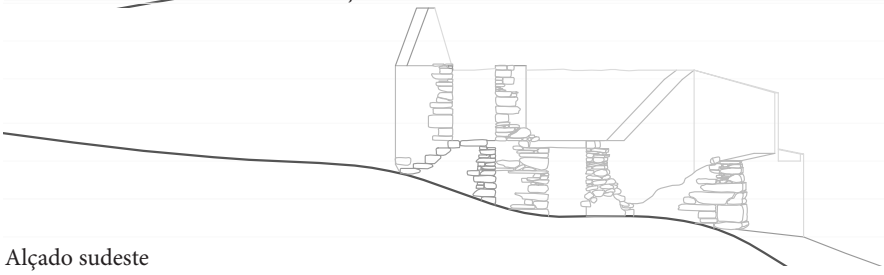
Alçado sudoeste escala 1/200



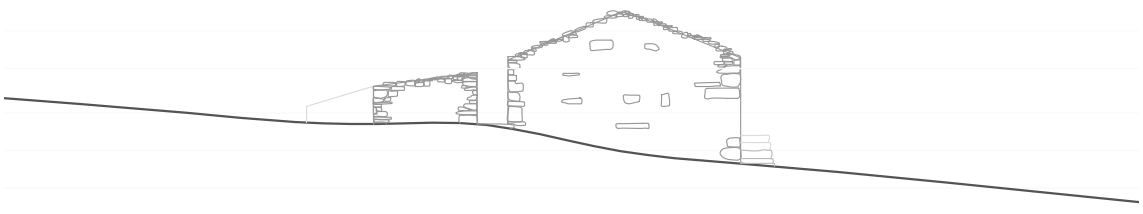

Planta escala 1/200



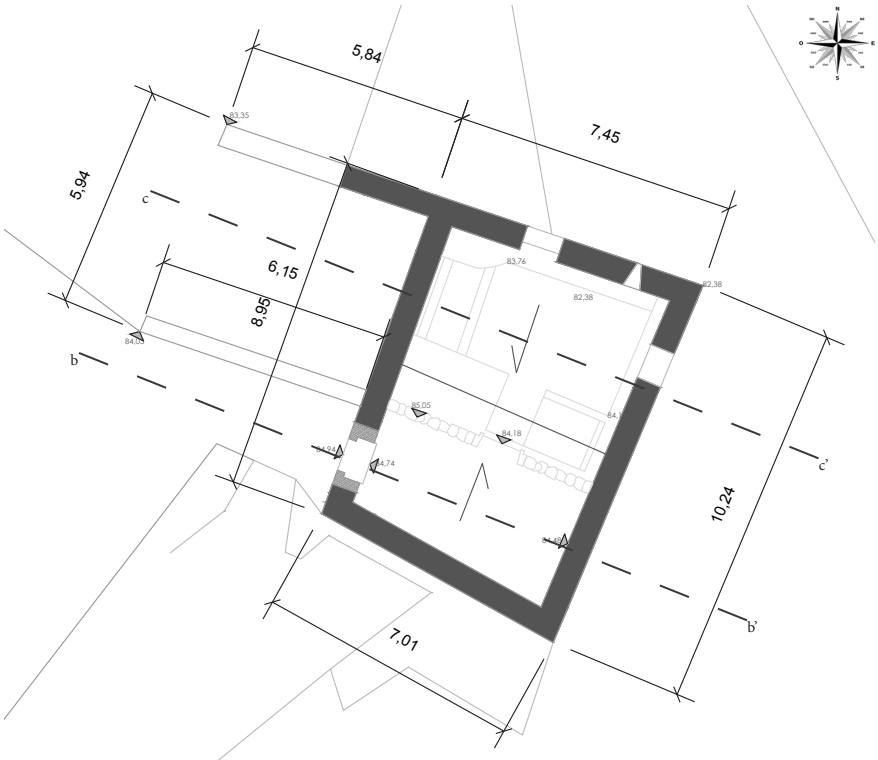
Alçado Noroeste escala 1/200



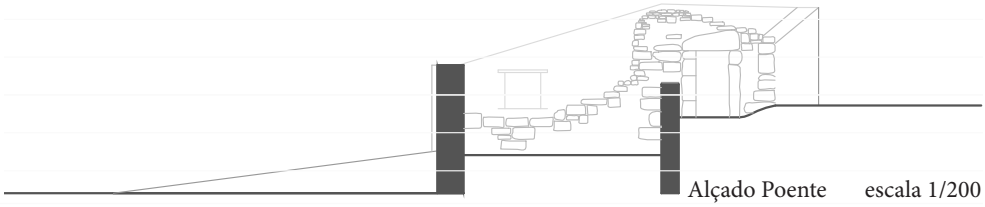
Alçado sudeste escala 1/200



Alçado sudoeste escala 1/200



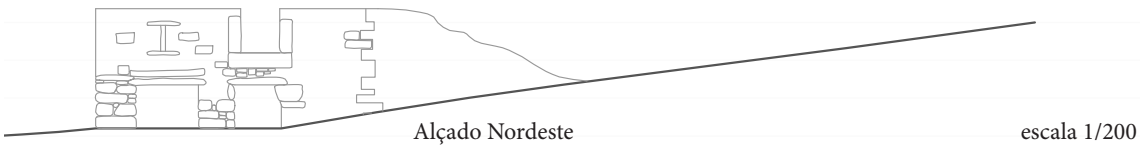

Planta escala 1/200



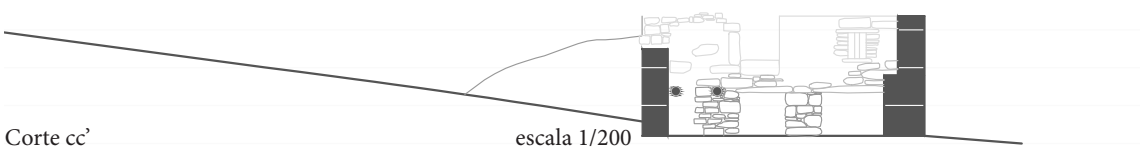
Alçado Poente escala 1/200



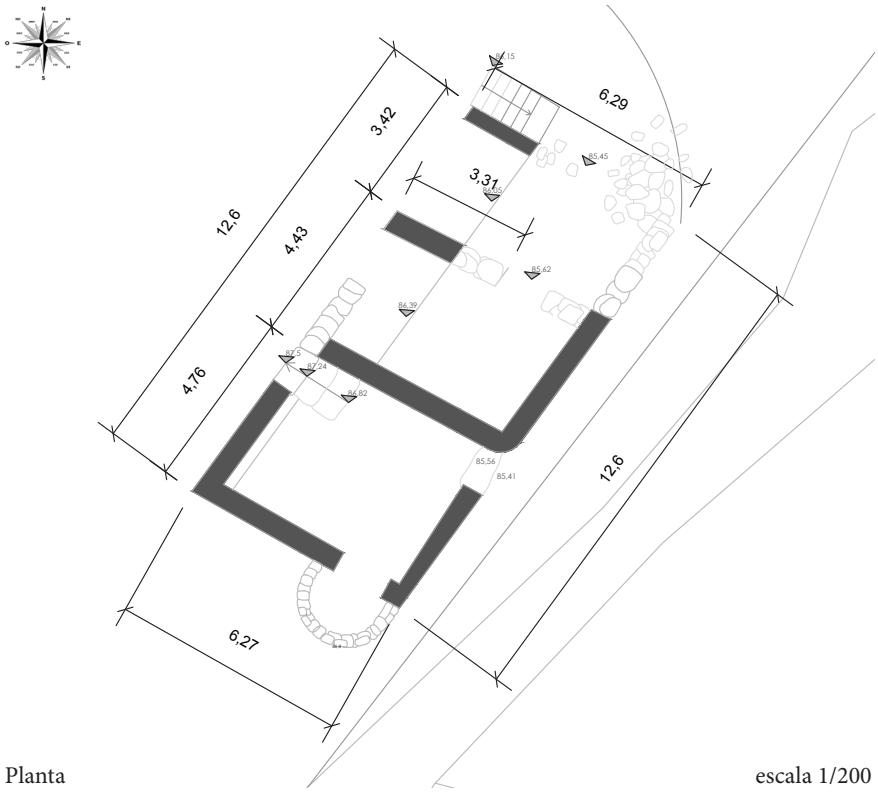
Corte bb' escala 1/200



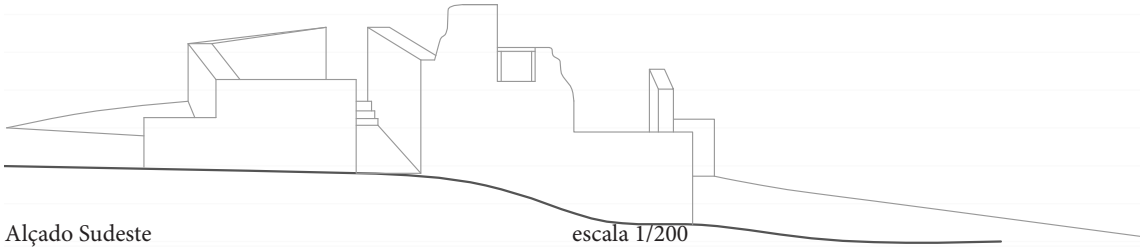
Alçado Nordeste escala 1/200



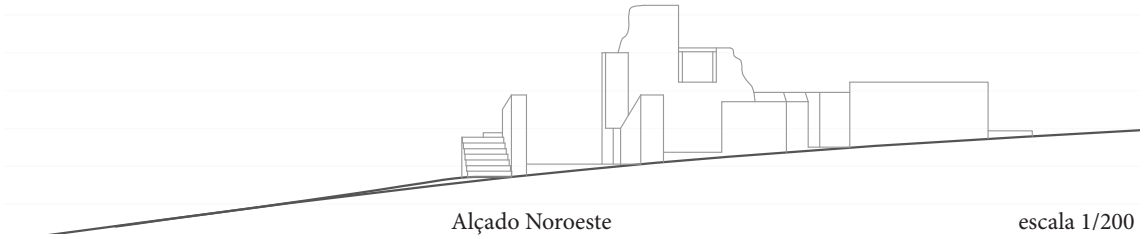
Corte cc' escala 1/200



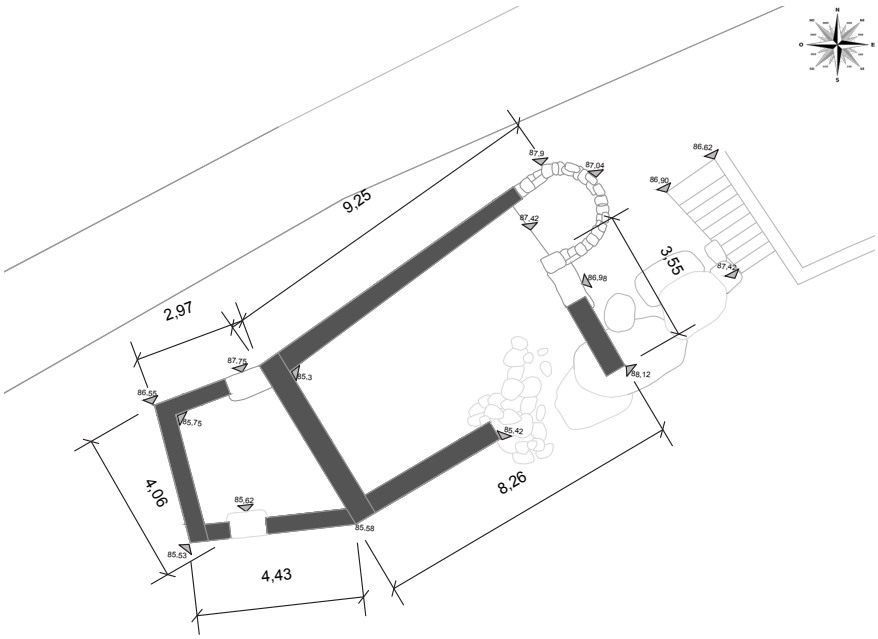

Planta escala 1/200



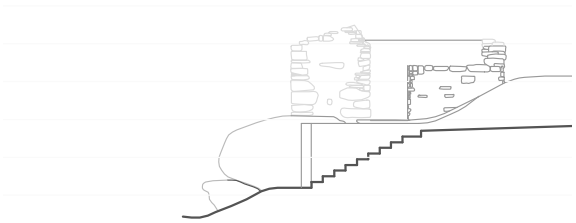
Alçado Sudeste escala 1/200



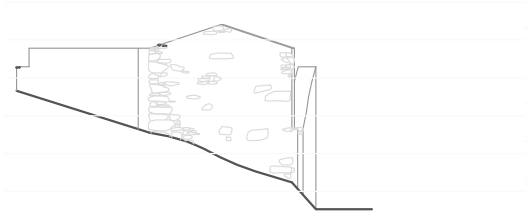
Alçado Noroeste escala 1/200



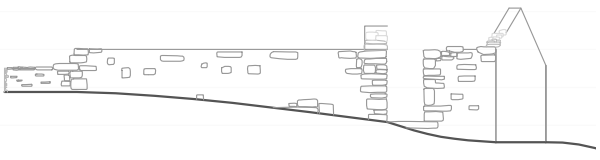

Planta escala 1/200



Alçado nordeste escala 1/200



Alçado sudoeste escala 1/200

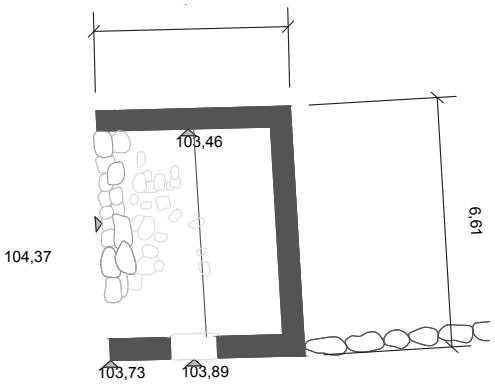


Alçado noroeste escala 1/200

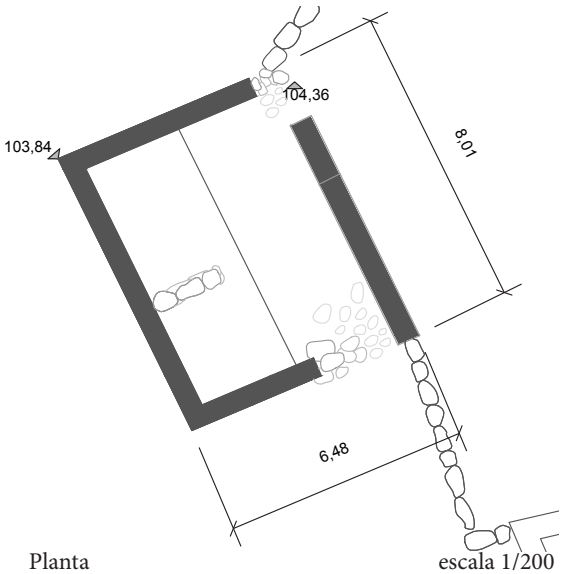


Alçado sudeste escala 1/200






Planta escala 1/200




Planta escala 1/200




Alçado Sul escala 1/200

# FONTES ORAIS



Srª. Maria Helena Cavalaria



Sr. Américo Simões



Sr. Francisco Sarmento



Família Pinelas, Srª. Amélia Pinela

## CONVERSAS

### 1 - Maria Helena Cavalaria, filha do último moleiro (Herculano Simão)

**Não se importa de dar um pouco do seu testemunho em relação a Banreses?**

"Eu não me importo nada, já tem vindo muitos jornalistas fazer perguntas sobre a aldeia. Agora, Banreses foi uma pena ter acabado, eu até tenho aqui uns papéis, aqui alguns anos andou uma empresa alemã, para restaurar aquilo, mas depois lá se devem ter arrependido. Antigamente, a 'cortinha dos Pinelas' no tempo do meu pai, não era toda dessa família, era só uma quarta parte. Na altura havia um rico de Banreses, que se chamava Francisco Chila. Mais tarde, devido a dívidas ao fisco, o senhor Chila, teve que vender a sua parte a Família Pinela.

Entretanto, a cortinha dos Pinela, tornou-se a zona onde semeava o linho, porque as hortas de Banreses são muito boas, ali não há cultura que não se dê bem. Não havia vinhas quando eu casei, quando era garota, o meu falecido começou a plantar vinha, plantou três vinhas grandes, aquilo era por de mais, dava tantas uvas e 'tão' boas que eram. Nós tínhamos toda a qualidade de fruta, figos de toda a qualidade, pretos, brancos, abe bodas, xinga, cerejas.

Então, havia muitas moreiras espalhadas pelo 'termo', que era através da folha da moreira com que alimentava o bicho-da-seda. As pessoas colhiam a folha da moreira, e a fábrica da seda ficava em Chacim (uma aldeia a sul de Banreses). Por isso ali em Banreses, a minha avó ainda chegou a cultivar o bicho-da-seda, criava lá o bicho, tinha as moreiras com que podia alimentá-lo e depois era vendido o casulo. Lembro-me da minha avó até nós proibir de entrar na casa, para não pisar os bichos. Os bichos ficavam estendidos numa ramagem, com as folhas da moreira e eles lá estavam dia e noite a comer, isto era feito dentro das casas, localizadas a sul da aldeia.

Os moinhos eram três, uma era da minha avó paterna, depois passou a ser do meu pai e outro do meu sogro. Os dois moinhos que se encontram juntos ao rio pertencem a minha família. Um desses moinhos chegou a estar adaptado a motor, o meu pai não

sabia ler nem escrever, mas ele teve a esperteza de por o moinho a funcionar. Chegou a ter três empregados, porque ele sozinho não podia trabalhar durante o dia e noite. O moinho estava constantemente a funcionar, para produzir farinha de quase toda a qualidade. Havia uma pedra que era só para a farinha mais grossa, que alimentava os animais. Muitas das pessoas que queriam o pão mais escuro, para não gastar tanto pão, se era escuro rendia mais porque não se comia tanto. Era assim, tinha uma mó de outra qualidade, moia centeio, trigo, todo o que se lá colocava, mas o pão escuro era centeio. E tinha outras duas mós de outra qualidade, que eram macho e fêmea. Quando falamos de pão mais escuro, era produzido por mós iguais, e para moer o trigo e o centeio e ficar mais branquinho tinha que levar com o macho e a fêmea. As pedras tinham nome, tamanho e cor diferentes, a de baixo era o macho e a de cima era a fêmea. As pedras iguais eram de granito, mas as outras que eram macho e fêmea, eram produzidas em Condeixa Nova.

Banreses então era uma aldeia puramente industrial, havia a seda e a havia com que alimentar. Quando a minha avó acabou com a produção do bicho-da-seda, as pessoas de Chacim vinham à aldeia pedir autorização se podiam colher as folhas da moreira.

**Habitava muita gente em Banreses?**

"Quando eu andava na escola, ali em Banreses, habitantes…deixa me cá pensar-…a minha avó tinha três casas agrícolas, junto às ruinas, normalmente alugava-se para quem ia visitar e tinha outra casa junto da ponte. Ela morava ao pé da ponte. Junto a igreja viviam duas famílias e depois eramos quatro junto ao moinho. A família que vivia junto à igreja eram os caseiros que cuidavam da propriedade dos Pinelas.

Durante o tempo, o moinho com maiores dimensões, foi se decompondo, um dos principais motivos foi o uso das pedras que fazia parte das paredes do moinho, para uso da construção de uma nora e um poço de sete metros de profundidade.

Eu tenho tanta pena da aldeia, mas agora vou-lhe mostrar aqui os papéis da empresa alemã. Esta empresa estava interessada em comprar os terrenos em Banreses, o terreno junto ao Pombal, queriam fazer as piscinas. O hotel que queriam construir ficava acima do caminho, acima da igreja. Eles tinham a intenção de reconstruir a aldeia. Depois

disso já veio uma senhora de Mogadouro, que tem um lar, e também andou a investigar um projeto para fazer lá um hotel. Essa senhora chama-se Isabel, mora no bairro de São Tiago, na aldeia (?)

Os terrenos que lá temos, agora já estão partidos. Eu também já tive a iniciativa, quando tive em França, não a trabalhar, perto de São Sebastião. Aquilo lá, era um arvoredo, fizeram lá um parque de campismo que rende tanto dinheiro, claro que é preciso manutenção, porém podia ser algo que reabilita-se Banreses. Mas aquilo ali era a construção de um Hotel.

Realmente aquela zona é muito bonita, no meu tempo o rio do Azibo andava tão limpo, a gente corava ali a roupa, era uma maravilha, tinha peixes, tinha tantos peixes aquele rio, enguias, carapaus pequeninos…agora aquilo é só silvas e um manto de árvores."

**A igreja era usada muitas vezes pelas pessoas?**

"A igreja já não me lembra de estar completa, já foi da minha lembrança que lhe tiraram o telhado, mas lembra me de ainda ter o campanário. Até me recordo do meu pai, dizer que quando cair a torre do campanário, para guardar a cruz. Era uma cruz muito bem trabalhada, em relação ao sino e aos santos da igreja foram colocados na igreja de Vale da Porca. Outra coisa, o santo Ambrósio não pertence a Vale da Porca, mas pertencia a aldeia de Banreses. O santo é de Banreses e deixa de ser de Vale da Porca, ali a frente do agora santuário, existe uma mamoa e o Stº Ambrósio era a capela da mamoa. Onde eram sepultadas as pessoas da redondeza, era um cemitério comunitário. Conclusão, no tempo da mamoa, as pessoas eram sepultadas com os seus utensílios como os anéis e os seus brincos, são essas relíquias que fazem os factos históricos.

Outra coisa interessante em relação a Banreses é que ali também viveram os mouros. No cabo da ponte, acima do monte existiam lá umas muralhas que representariam um povoado dos mouros, no cimo do monte da Terronha. Também é interessante o fato de existir outras muralhas na zona da aldeia de Limãos. Estas duas muralhas estavam em direções opostas, separadas pelo rio.

Sendo assim, a aldeia de Banreses era uma zona de produção. Na minha lembrança, se a gente semear pimentos, sabes que vai ter com fartura, se plantar melões, sabe que vai ter com fartura, só se não tratar deles. Todo o que for plantado em Banreses é uma maravilha! O rebanho dos gados, o 'termo' dos Olmos é 'muito escravo' a erva é de outra qualidade, muito dura, o gado não a come bem. Então levavam o rebanho para pastorear no ´termo' de Banreses, os animais andavam por todo o lado da aldeia, mas concentravam se mais para junto da igreja.

As pessoas do Olmos e de outras aldeias vizinhas vinham também a Banreses corar o linho. Isto porque a aldeia formava uns açudes com uma largura tão boa, ia gente ali das redondezas a caldear o linho nessa água, tinha que estar nove dias debaixo de água. Depois de nove dias… (continua uma descrição sobre a produção do linho)…Naquele tempo as pessoas não se dedicavam a estas coisas, mas como eu era curiosa, acabava por fazer todas as tarefas domésticas. Se em Banreses houvesse lá algumas famílias, não era preciso muitas, eu vivia lá. Quando esta empresa alemã me contactou, eu disse logo, eu cedo os meus terrenos em troca de uma casa em Banreses, não precisa de ser muito grande, o rés-do-chão e mais nada. Eu às vezes jogo ao totoloto, mas nunca me sai, fica muito próximo, se não é o 4 é o 9, se não é o 6 é o 7, e digo sempre, ai se me saísse o prémio fazia um 'prédio' em Banreses, uma casinha para mim e nove para cada filho, testamento para não partir até a 3º geração. Estou para aqui a falar, mas olhe que talvez fizesse, gostava. Fazia ali umas casinhas pequeninas, quando viesse de férias, tinham ali uma casa. Cinco dos nove filhos que tive, ainda nasceram em Banreses. O primeiro a nascer, agora tem 61 anos, a outra a seguir tem 57… (continua e termina com a história dos filhos)…

**Mas diga-me onde é que estão as suas propriedades em Banreses?**

Na chegada a Banreses, há ali uma fonte e uma casa, uns metros mais abaixo tem lá uma horta que pertence a uma filha, e depois ao pé da igreja tenho um horto pequeno que também pertence a essa filha. Depois outro terreno grande junto a este pertence ao meu filho em lisboa e mais uns quantos divididos pelo resto dos irmãos.

**2 - Presidente da Junta de Vale da Porca – João Trobisco**

**Qual é a cor da região de Macedo?**

A cor? Verde…

**Qual é a sua relação com Banreses?**

Pontual…

**Como descreve Banreses?**

Lugar perdido e presente.

**Como e que se identifica com a aldeia?**

Uma certa mística

**O que é que proponha para manter viva a memória de Banreses?**

O que é que eu propunha? Talvez…Que houvesse um investimento por parte das entidades privadas virado para o mercado turístico, só isso…

**3|4 - Família Teixeira**

**Não se importa de dar um pouco do seu testemunho em relação a Banreses?**

3 - Sr. Eugénia Lago – "Em Banreses, andávamos até ao meio-dia andávamos na horta a cavar e depois íamos com o gado para o prado. Quando os animais ficavam debaixo dos sobreiros, portanto à sombra, seguíamos para baixo para a horta com as panelas de ferro para fazer o almoço. Debaixo das oliveiras fazíamos o almoço, apanhávamos aqueles 'cintios' quando não tinha casulos ou a bagens. E então metíamos à panela, e gente fazia ali um caldo, com que a gente arranjava e tinha. Essas oliveiras eram grandes que estavam lá no meio, ainda existem algumas. Depois do meio-dia, dormíamos a sesta. Durante a tarde por entre os lameiros, baixávamos até ao rio e ali ficamos os três meses de verão. Durante este tempo, dormíamos sempre debaixo da oliveira, eram 15 dias debaixo da oliveira por mês, quando eu me criei. Nessa altura, só viviam lá os moleiros (pai da Dona Maria Helena)"

4 - Sr. Luís Lago Teixeira – "Eu também fui criado lá, havia lá muita gente, mas era mais na época de verão. Quantas vezes, eu também dormi em Banreses. A nossa propriedade fica junto a igreja, onde está um curral. Os terrenos abaixo deste fazem parte da nossa família."

3 – "Ora então, durante o inverno vínhamos para casa, na aldeia de Limãos, mas no verão íamos para Banreses, era como se fosse no céu, a gente vivia ali contentes como todo. Metade dos terrenos em Banreses era onde tínhamos as crias, dali de Banreses vínhamos para o lameiro de santo Ambrósio. Nós tínhamos na altura 16 anos, vivíamos ali tranquilos, agora no inverno vínhamos e íamos todos os dias para a aldeia. As memórias que tenho de Banreses são, por exemplo apanhar os peixes do rio à mão, que depois comia--los a noite, pegávamos numa sertã com 'pernitas'. Fritava lá os peixes e comíamos com os meus pais e muitos vizinhos que havia por ali. Uns dormiam aqui, outras mais além na 'cortinha', o nosso tempo era assim. As coisas nessa altura eram tão bonitas, andava todo cultivado. Aquilo ali dava só boas coisas, aquilo era bom feijão, boa melancia, bom melão, aquilo era todo bom. Todo o que se ali ponha, dava o cebolo, dava tantos feijões. Tirávamos dali, sacos e sacos, e hoje vamos a semear um pouco deles e não se colhe nenhum. A cor?! ... A cor, para mim é aquela 'espécie' de montanha que vemos no dia-a-dia, vemos aquele monte, depois além aquela horta…para mim a cor do verde, a gente olhava para todos os lados, era verde. Num sítio era pão, no outro era sítio feijão, noutro era monte ao lado. Era o verde que a gente pegava numa corda e amarrávamos a oliveira e fazíamos um balouço, enquanto éramos 'ganapos. Aquilo era uma aldeia, só não havia aquelas pessoas de antigamente. Ainda havia lá três moinhos, era um na ponte e eram outros dois moinhos, mais cá para cima."

"Gostaria de voltar a ver o verde que lá existia, todo cultivado. Ainda existem propriedades nossas em Banreses, mas está 'todo a monte'. Uma pessoa chegava a aldeia e só via o encanto daquele verde das hortas, hoje não se vê ali nada, hoje só se vê ali erva, erva, erva…Como gostava de recordar daquilo como era no meu tempo, mas agora é impossível…Temos lá aquela lameira, que era boa, e agora só vemos monte de silvas, todo

junto…e nada mais. Tínhamos trabalhado aquilo, dum poço construímos um regadio para o meio da horta, aquilo era um mimo! Como eu gostava de me recordar aquilo, imenso…imenso…Eu já não, os outros…ninguém quer. Mas o meu pai ainda assistiu muito desse povo, nessa altura as casas ainda estavam de pé, tinham a varanda, ainda se vê as paredes conforme estavam. Eu ainda vi lá pessoas a viver nessas varandas, o Sr. Herculano ainda levava o filho. Ficavam na sua casa e depois iam trabalhar para o moinho, todo junto ao rio. Uma pessoa andava lá com o gado pelo rio, onde bebiam através dos charcos que se formavam ao longo do leito. Isto porque no verão o rio não corria tanto e formava uns poços de água."

4 – "Também no meu tempo, lembro me de ver a família dos moleiros. Estas famílias foram as últimas a sair da aldeia, basicamente na mesma altura. O resto de Banreses já só me lembra de ruínas. Aquilo nunca poderia ter sido uma aldeia grande, do que eu sei constou-me que deveria ter tido de 15 a 20 fogos. A água em Banreses, na altura, era abundante. Dava para distribuir água por todos os terrenos. Ainda ao bocado estava aqui a brincar com o meu pai, se me saísse o euromilhões, aquela quinta, a nossa parte, fazia na aldeia um aldeamento turístico, um hotel de luxo. Que me saia, que eu faço logo ali um investimento. Era ter alguém que governa o país, olhar mais para o interior, porque aqui estamos mais atrasado do que há 20 anos atrás. Isto agora está menos desenvolvido, do que há 20 anos. Tinha que haver vontade política para as pessoas se fixarem no interior. Se houvesse uma política de fixação de pessoas no interior, não só para esta aldeia, como para todas as outras. Assim acaba-se por ir morrendo aos poucos. Banreses é só um pequeno exemplo de como se acabam as coisas. Já não existe a linha de comboio do Tua, à trinta anos isto estava mais desenvolvido, tinha um bom transporte caminho-de-ferro até Bragança, antigamente havia todas as infraestruturas para vir até aqui. Chegamos à vila, e havia camionetas para trazer as aldeias todos os dias. Se não houver carro, as pessoas não têm como chegar até aqui. Qual é o casal que se vai fixar aqui, não têm escola para os filhos. Como é que uma criança de 6/7 anos em pleno inverno ir até Macedo a pé, é impossível. Mas também não cabe na cabeça de ninguém, se esta povoação tem só duas crianças ter uma escola, também não está certo. No meu tempo eramos 30/40 garotos, agora nem um. O problema já vem de trás. A cor é verde e castanho … o castanho é derivado a esta

terra barrenta, que depois de lavrada, ganha esta cor. Lembro me de estar debaixo das oliveiras a dormir e há uma história muito engraçada, numa noite não via nada e virei me para os meus pais, eu não vejo nada e depois veio se a ver que eram só formigas por cima de mim. É isto que me identifica são estas histórias, estas origens e ter cá a família, os meus pais. As raízes estão aqui, e é isso que faz vir para estes lados, sempre. As origens estão, cá nascemos aqui e a gente gosta que cá vir."

3 –"Vê se aqui a liberdade que os meus filhos e netos têm quando cá vêm, correm por todos os lados, alegres."

**5 - Sr. Francisco Sarmento**

**Não se importa de dar um pouco do seu testemunho em relação a Banreses?**

"Havia cá o meu irmão e um dos Pinelas, conhecíamos bem Banreses. Olhe, nos terrenos dos Pinelas produzia-se batatas, feijão, cebola, produzia todo. Havia lá uma povoação eram 25 fogos, habitantes, eram moradores. Eu lembro me de estar lá casas quase inteiras e lembro me das histórias contadas ao meu pai. Nós tínhamos um terreno ao lado das casas, metade meu e outra das minhas primas. Semeamos quase sempre batatas. Sabes como é que as pessoas desapareceram? Foi por causa da água da fonte uma 'bailarina' que ficou e morreu aquela gente toda, isso, estou de acordo que sim. Eu ouvi a falar ao meu pai. Era como a fonte aqui que da aldeia de Limãos, uma fonte romana, até já 'esborralharam' toda, deram cabo dela. Dizem que foi um dos proprietários junto a fonte que a destruiu, assim puxavam a água para o seu terreno. Era uma fonte romana, muito bonita, em arco. Essa destruição da fonte levou com que estraga-se o poço de água. Isto eu soube por causa do meu pai, sabes porque é o diabo sabe muito? Sabe porque é velho.

Eu lembro que a igreja esteve sempre assim, o que se lá passou já não é da minha lembrança. Isto só é da lembrança do meu pai ou dos meus avós. Eu sempre vi a igreja assim. Quando aquela gente toda morreu só ficaram os moleiros, ficaram lá 2 ou 3 famílias. Havia os moinhos junto ao rio, da família dos Simões. O sino que estava primeiramente

no Stº Ambrósio era da igreja de Banreses. Que foi a Regina, que tratava do Stº Ambrósio, antes de haver esta promoção da grande festa à volta do Santo. Quando era pobre, ia a Regina tratar dele, e levaram para lá um sineto que era da igreja de Banreses."

6 - **Sr. Américo Simão**

**Qual é o seu testemunho em relação a Banreses?**

"Para começar, sempre que vou pelos caminhos de Banreses, estava todo tão 'amanhadinho', aqueles caminhos eram tão bonitos. Agora já não me apetece ir para ali. Aquela fonte era linda aquele 'campanário', devia ter sido construída pelos mouros. Quando chegávamos, aquelas árvores todas 'por ali fora' era um sítio muito bonito. Infelizmente está todo abandonado. Mas ainda tem na parte de baixa do sítio da fonte, água a correr, é muito boa de se beber. Havia também uma nogueira tão grande, tão boa, mais junto à igreja. Agora já não existe, foi todo abaixo."

"Eu ainda vivi na aldeia, junto à ponte. O meu pai trabalhava no moinho, até à dois anos atrás tínhamos lá uma mó junto as paredes do moinho. Também desapareceu. O meu pai picava as pedras, quando lhe aparecia a farinha boa, tinha que as picar. Nesse sítio ainda está lá o caminho que levava a água para o moinho. O rio agora não tem água, ele corre mas é muito pouquinho. Foi a barragem que deu 'cabo' do leito do rio, ali no verão havia peixes, andava por todo lado. Naquelas hortas junto aos açodes, quanta água ali havia, a gente ali regava. Agora está todo seco. E os choupos que existem nas margens cresceram tanto, antigamente não era nada daquilo, ficou todo abandonado. Quando eu fui lá uma vez, fiquei tão surpresa… Ai Banreses, isto já não é Banreses!"

"Aquilo foi mesmo uma aldeia, então está lá uma igreja, a casa do padre também existia, havia lá o casarão dos Pinelas, trabalhava ali muita gente. Ouvi dizer, junto da minha irmã, que se interessa muito pela história de Banreses, que se cunharia moeda na aldeia no tempo da idade média."

"O nosso moinho ficava junto à ponte que levava para os Olmos. São tantas as

memórias que tenho da aldeia, são fenomenais, portanto fomos ali criados. Eramos o meu tio Herculano e o meu tio João, estava a minha avó também. Fomos criados ali, íamos a pé até a escola de Vale da Porca. Da pouca cultura que tenho, fi-la a pé a ir para Vale da Porca. E não perdia nenhuma aula nem as minhas irmãs. Só tenho a dizer bem daquilo, muitas das vezes íamos até a vinha do meu pai, numa encosta perto donde nós morávamos. E engraçado, que uma das brincadeiras que tinha com os meus irmãos, era quem apanhava mais vestígios de louça, de cacos, de pratos, ganhava quem é que encontrava mais. Como aquilo foi habitado a terra ia oferecendo descobertas, vestígios, como tu partes um tijolo aquilo fica te em cacos, então aparecia o caco dos pratos, das malgas, do que calhava… ui, mas havia muitos por todo o lado. Aquilo deve ter uma história de décadas e décadas, quase centenário. Aquilo devia ter bastante gente, aliás havia lá uma igreja, por alguma razão era."

**A igreja é um ponto importante…**

"Agora aquilo foi fantástico, como o povo sempre de barriga cheia, trabalhávamos nos moinhos e até quando era garoto dormi, muitas vezes dentro. A casa da minha avó ficava em cima, junto à rua. A casa só tinha a porta de entrada, que se fazia junto ao forno, tinha uma janela simplesmente, conforme entrava-se estava no lado esquerdo. E uma porta por baixo era onde o meu pai encerrava os animais."

**Ou seja tinha dois pisos…**

"Depois do outro lado junto a casa da minha avó, existia uma casota, onde eu também cheguei a dormir e as minhas irmãs. Eram separadas mais ou menos a meio, a mais pequena, chamávamos a casinha. Mas por baixo dessa casinha já não era loja dos animais, era mais a adega do meu pai, onde ele ponha os vinhos e as batatas. Acabávamos por colher todo, portanto a nossa horta fica entres os moinhos de baixo e o moinho de cima, ali tirávamos os nossos alimentos."

"Aquela minha irmã mais velha, que lhe falei ao bocado, gostava imenso de poder construir qualquer coisa em Banreses. Mas quem é que podia tomar conta daquilo, porque para quis montar um tipo de uma coisa turística, um tipo de comes e bebes, que juntaria la

gente. E aquilo ainda era capaz de dar, a minha irmã já me falou umas quantas vezes disso."

"A vida de Banreses era uma vida de campo, andávamos por lá a pesca, havia muito peixe, muita agricultura, era todo produzido. Ainda vivemos uns anos."

**O que propunha para manter viva a memória de Banreses?**

"Ui, eu até propunha mais do que uma coisa… Eu gostaria…Para começar, tenho saudades da fonte que lá havia, gostaria que fosse reconstruída e reparada…Da igreja lembro me muito bem, temos lá terrenos perto, tenho muitas saudades dali, andei muito pela igreja. Havia nessa terra uma vinha do meu pai, depois havia o tal curralão, onde tínhamos o carro dos nossos jumentos que fazia a agricultura. Preferia que aquilo não tivesse arruinado, alguém que tomasse conta da aldeia. Tenho saudades da cultura que lá se fazia, por mim isto não estaria arruinado. Da ponte, quando era ' ganapo' botava me dela abaixo", era cada cambalhota. Até vós digo, encontro em Banreses um símbolo bonito para que essa memória existisse, em toda a aldeia, dentro desses caminhos todos. Como foi ou igual, tenho a saudade disso. Era bom que isto fosse escrito, para não ser esquecido. Tenho boas memórias da aldeia. É engraçado, que ainda a uns dias, o meu cunhado trouxe uns peixes da aldeia, apanhou para aí uns cinco com a cana."

**7 - Amélia Pinela (neta do João Pinela)**

**Lembra-se como era a sua vida em Banreses?**

"Olha eu do meu tempo, pouco me lembro que era garota, mas fui muitas vezes para a aldeia. Passei lá muitos verões, uma pessoa brincava muito naquele rio, lembro me de ver o meu pai a andar de barco pelas margens que a gente construi. O meu avô é que produziu muito em Banreses, tínhamos uma quinta grande, perto do pombal. Até a antiga casa do padre, passou a fazer parte da nossa família e lá ficavam os caseiros. Estes tinham o trabalho de cuidar da horta, de regá-la todos os dias. Essa casa ainda tinha uma varanda, por baixo ponhamos o gado e ao lado dava para guardar os carros de bois.

Lembra-me em criança de estar com as minhas primas e apanharmos peixes com as mãos. Passei lá a minha infância, muito bonita por sinal, Depois o meu pai começou a tomar conta daquilo, e começou a plantar oliveiras e criamos ali um lado da aldeia, um manto de oliveiras. Á beira das oliveiras, tínhamos uma 'espécie' de estaleiro, onde guardávamos todos os que era para agricultura, as galinhas. Ainda no passado, lá no tempo do Sr. João Pinela, havia pessoas a viver, nesse tempo trabalhava-se muito no campo. A aldeia andava constantemente lavrada, havia plantações em todo o lado, agora meu filho…é o que se vê, todo a monte…"

**O que propunha para manter viva a memória de Banreses?**

"Olha, nem te ser dizer muito bem…o meu filho muitas vezes me diz que devíamos fazer qualquer coisa na aldeia. Um empreendimento turístico era uma coisa, que podia desenvolver a aldeia e ajudaria para recuperar essa memória. Mas mais ainda seria interessante recuperar a aldeia, só propondo atividades ligadas ao lazer…sei lá…o meu filho falou-me de trabalhar sobre um empresa de cavalos, algo tipo de atividade aliado ao turismo…mas sabes, isto está todo abandonado…

Lembra me muito bem da fonte, aquilo tem uma água de morrer e chorar por mais…até tenho uma história muito triste, que numa altura que fomos à fonte, eu e a minha prima…olhe no final desse dia foi uma tragédia, a miúda morrer afogada, mas eu era muito pequenita, pouco me lembro…São memórias que guardo com tristeza, mas com muita alegria ao mesmo tempo, aquela liberdade que tinha, hoje-em-dia é impossível de ter…"